

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico



**(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da
centralidade do Aprender a Ser**

César Lúcio de Braz Pereira

Orientação: Doutora Daniela Gonçalves

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Educação
em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico*

Junho 2015

*the real way to get happiness is by giving out happiness to
other people.*

Robert Baden-Powell

Resumo

A responsabilidade, sobre a personalidade dos homens e mulheres do futuro, passa também pela figura do professor. Abraçando o compromisso da promoção de uma aprendizagem rica e significativa, o docente tem ao seu encargo a formação cívica, social e cognitiva de um cidadão.

É neste contexto que consideramos que ser profissional de educação é muito mais do que dar aulas. Além do ensino de conteúdos que deverá acontecer de modo diversificado, estimulante e promotor da autonomia de cada aluno(a), este deverá ter também a sensibilidade de acompanhar o crescimento dos alunos de forma transversal. Descobrir, estimular e promover as competências de cada aluno(a), não é tarefa fácil e torna-se impossível se o professor se limitar ao contacto dentro do espaço da sala de aula. Para tudo isto se tornar possível, aprender/ensinar nunca deverá ser uma obrigação, mas sim um gosto pela profissão e compromisso que se abraça.

Neste documento, apresentar-se-á o percurso formativo/investigativo do estagiário, salientando a prática preconizada em contexto de 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, tendo em conta a centralidade do *Aprender a Ser*.

Palavras-chave: Compromisso; Perfil; Relação; Aprendizagem; Autonomia; Valores.

Abstract

Teachers hold a certain level of responsibility in forming the future personality of their students. Embracing the commitment to promote a richer and more significant learning process, the role of a teacher includes the civic, social and cognitive education of a citizen.

The responsibility of an educator is much more than lecturing. It is not only the teaching of content, which must be done in a diverse, stimulating and autonomy-promoting way, but it is being sensitive to the growth of students. Discovering, stimulating and promoting the abilities of each student is not an easy task, and it can become an impossible one if the teacher limits contact with the student to the classroom. In order for all of this to be possible, learning/teaching must never be seen as an obligation, but as love for the profession and an embraced commitment.

This report will elaborate on the training and investigative path of the intern. It will expand upon the recommended practices in the first and second Cycle of Basic Education, with the core idea of *Learning to Be*.

Key words: Commitment; Profile; Relationship; Learning; Autonomy; Values.

Índice

INTRODUÇÃO	9
<hr/>	
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
1. PROMOÇÃO DE APRENDIZAGENS EFETIVA	11
2. PRINCÍPIOS PROMOTORES DE APRENDIZAGENS EFETIVAS	14
II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
1. TIPO DE ESTUDO	17
2. PARTICIPANTES DO ESTUDO	18
3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	18
III. INTERVENÇÃO EDUCATIVA	21
1. CONTEXTO ORGANIZACIONAL	21
2. CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS	24
2.1. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA DO 1º CEB	25
2.2. CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS 2º CEB	27
3. INTERVENÇÃO NOS CONTEXTOS	28
3.1. VER PARA FAZER	28
3.2. PREPARAR PARA APRENDER	30
3.3. APRENDER A SER...	31
3.4. FORMAR E REGULAR	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
<hr/>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
<hr/>	
ANEXOS	

Índice de anexos

ANEXO 1 – REFLEXÕES

- ANEXO 1.1 – PLANIFICAR**
- ANEXO 1.2 – A PRIMEIRA SEMANA**
- ANEXO 1.3 – EXPECTATIVAS PES II**
- ANEXO 1.4 – OBJETIVOS A ATINGIR**
- ANEXO 1.5 – (RE)CONFIGURAR A PRÁTICA DO FAZER**
- ANEXO 1.6 – O PRÓXIMO PASSO**
- ANEXO 1.7 – REGISTO DE INCIDENTE CRÍTICO**

ANEXO 2 – AVALIAÇÕES

- ANEXO 2.1 – 1ª SEMANA, DIA 6 DE OUTUBRO**
- ANEXO 2.2 – 2ª SEMANA, DIA 15 DE OUTUBRO**
- ANEXO 2.3 - 3ª SEMANA, DE 20-22 DE OUTUBRO**
- ANEXO 2.4 – 4ª SEMANA, DE 3-5 DE NOVEMBRO**
- ANEXO 2.5 – 5ª SEMANA, DE 17-20 DE NOVEMBRO**
- ANEXO 2.6 – 6ª SEMANA, DE 1-3 DE DEZEMBRO**
- ANEXO 2.7 – 7ª SEMANA, DE 5-7 DE JANEIRO**

ANEXO 3 – REGISTO FOTOGRÁFICO

- ANEXO 3.1 – 1º CEB**
- ANEXO 3.2 – 2º CEB**

ANEXO 4 – PLANIFICAÇÕES

ANEXO 4.1 – 1º CEB

- ANEXO 4.1.1 – MATEMÁTICA, 15-10-2014**
- ANEXO 4.1.2 – PORTUGUÊS, 20.10. 2014**
- ANEXO 4.1.3 – MATEMÁTICA E ESTUDO DO MEIO, 21.10.2014**
- ANEXO 4.1.4 – PORTUGUÊS, 5.11.2014**

ANEXO 4.2 – 2º CEB

- ANEXO 4.2.1 – PORTUGUÊS, 25.5.2015**
- ANEXO 4.2.2 – HORA E LEITURA DA ESCRITA, 25.5.2015**
- ANEXO 4.2.3 – MATEMÁTICA, 9.3.2015**
- ANEXO 4.2.4 – MATEMÁTICA, 22.5.2015**

ANEXO 4.2.5 – CIÊNCIAS NATURAIS, 29.5.2015

ANEXO 4.2.6 – CIÊNCIAS NATURAIS, 29.5.2015

ANEXO 4.2.7 – CIÊNCIAS NATURAIS, 3.6.2015

ANEXO 4.2.8 – HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL, 9.4.2015

ANEXO 4.2.9 – HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL, 28.5.2015

Índice de abreviaturas

Ciclo do Ensino Básico	CEB
Hora e Leitura da Escrita	HLE
Prática de Ensino Supervisionada I	PES I
Prática de Ensino Supervisionada II	PES II
Ministério da Educação	ME
Ministério da Educação e da Ciência	MEC
Plano Anual de Atividades	PAA
Projeto Educativo	PE
Plano de Trabalho de Turma	PTT
Regulamento Interno	RI

Introdução

O presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. A prática pedagógica fora iniciada com o estágio curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) numa instituição em Vila Nova de Gaia, num período letivo de 4 meses, enquanto que o estágio em 2.º Ciclo do Ensino Básico (2.º CEB) aconteceu numa instituição situada na cidade da Maia.

Esta profissionalização visa proporcionar aos mestrandos uma experiência profissional mais aproximada da futura atividade a desenvolver. Neste sentido, estes ficaram (co)responsáveis por uma turma em 1.º CEB e, no nosso caso, de duas turmas em 2.º CEB, devendo realizar a sua intervenção após a consulta e análise dos documentos orientadores das instituições, das características dos alunos e do contexto envolvente.

Após uma observação criteriosa dos factos, os professores estagiários deverão intervir na ação educativa, planificando, organizando, concretizando e avaliando o ambiente educativo, procurando sempre refletir criticamente sobre temáticas que possam marcar a sua intervenção. De forma a facilitar a reflexão, estes poderão servir-se de métodos, técnicas e procedimentos que enriqueçam todo o processo.

A prática pedagógica desenvolvida neste 2.º ciclo de estudos, exige que os seus mestrandos desenvolvam as competências estipuladas para este mesmo ciclo. Neste sentido, deverão ser capazes de: atuar respeitando os ideários e valores das instituições colaborando de forma efetiva na dinâmica institucional; intervir numa perspetiva curricular, tendo em conta uma pedagogia diferenciada, gerindo recursos e organizando o ambiente educativo de acordo com os princípios da aprendizagem ativa e participativa, promovendo o sucesso escolar; planificar a intervenção educativa de forma integrada e flexível agindo com intencionalidade; refletir de forma a adequar e a reformular a ação educativa; utilizar técnicas e instrumentos de observação, registo, documentação e avaliação do processo de ensino/aprendizagem; identificar a especificidade da organização do ambiente educativo do 1.º e 2.º CEB; descrever as especificidades do processo de ensino/aprendizagem dos alunos do 1.º e 2.º CEB; relacionar as práticas educacionais com as teorias que as enformam; problematizar as questões que se colocam a este profissional.

Neste sentido, as competências supramencionadas, encontram-se descritas ao longo deste relatório e evidenciadas em diferentes capítulos. Desta forma, o capítulo I está destinado à fundamentação teórica; ao capítulo II corresponde os procedimentos

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

metodológicos; o capítulo III, diz respeito à intervenção educativa. As considerações finais são reservadas para uma meta reflexão sobre todo o processo educativo. Fundamentando com evidências da prática desenvolvida, no fim de toda a teoria essencial para esta prática, encontram-se os anexos.

De salientar que ao longo deste relatório de estágio, a relação prática e teoria (e vice versa) está devidamente articulada, fundamentada pela revisão da literatura sobre a temática da educação e, mais concretamente, sobre o modo como é possível (re)configurar práticas de ensino a partir do foco do *Aprender a Ser*.

I. Enquadramento Teórico

Enquanto professor estagiário, mais que uma necessidade, é um dever fundamentar toda a prática realizada. Neste sentido, procura-se apresentar algumas temáticas que se demonstraram essenciais no presente relatório de estágio que, em nosso entender, deverão ser referências para qualquer profissional.

1. Promoção de Aprendizagens Efetiva

No perfil geral de desempenho do professor procura-se que os docentes responsáveis pelas turmas tenham um conjunto de competências que sejam facilitadoras e pedagogicamente certas para a aprendizagem de cada educando(a).

De acordo com uma teoria pública atual, o professor deverá adquirir *meta skills*, capacidades que reúnem outras duas: além das capacidades técnicas, as *hard skills*, que se baseiam no *domínio das matérias e capacidades pedagógicas* (Cardoso, 2013:40), estes deverão ser capazes de juntar à sua prática profissional as *soft skills*, que são essenciais para o sucesso na transmissão de saberes. Estas *soft skills* referem-se a capacidades como, por exemplo: *de persuasão, de trabalhar em equipa, de liderança, de motivar, de entender a comunidade onde está inserido, de interpretar e avaliar o futuro. Poderíamos falar ainda na capacidade de manter uma atitude positiva, alguma assertividade e empreendedorismo* (Cardoso, 2013:40).

O professor é a janela através da qual a criança vê o mundo (Cardoso, 2013:60). Cumprindo com este pensamento, o profissional deverá possuir valores que influenciem positivamente a aprendizagem do aluno. Como refere Ana Carla Campos o bom professor está atento à *realidade que o cerca e, especialmente, à dos jovens e crianças a quem ensina, deverá ser capaz de se adaptar às circunstâncias e moldar a sua acção* (cit. Cardoso, 2013:61). Deste modo, este exemplo deve acompanhar o desenvolvimento progressivo e transversal, durante o período escolar em que a criança se insere. Esta grande responsabilidade é acrescida pela necessidade de dotar o aluno de pensamento crítico, no sentido em que como futuro cidadão pleno e ativo na comunidade que o envolve. Este não deverá só criticar por criticar, mas sim, e só com conhecimento de causa, deverá saber defender e fundamentar o seu pensamento, tornando-o válido.

Para que este desempenho se adeque da melhor forma à prática parafraseamos a seguinte ideia:

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

parece considerar-se que é preciso mais conhecimento dito pedagógico e umas luzes de conhecimento científico ...à medida que se caminha para a especialização do conhecimento conteudinal, mais importante é considerada a chamada dimensão científica e menos a dimensão pedagógica (Alonso e Roldão, 2011:14).

No domínio da relação pedagógica, o processo de influência começa a ser considerado relevante, no sentido em que como adulto e profissional, o professor deverá saber cativar os alunos para que as suas aulas fluam sem dificuldade. Mas para que esta influência positiva tenha lugar dentro da sala de aula, é preciso que o aluno se deixe influenciar e, para tal, alguns fatores podem influenciar certamente essa cedência por parte do aluno. French e Raven (1967) *salientam a importância do reconhecimento no outro da capacidade de recompensar ou de punir, de competência no domínio em causa, de um poder legitimado pelo estatuto e de qualidades com as quais o sujeito se identifica (cit. Jesus, 1996:12)*. O professor deverá procurar ser o exemplo a seguir dentro e fora da sala de aula. Se isso acontecer facilmente, o aluno olhará para o docente como alguém com o qual se identifica. Muitas vezes este exemplo pode ser difícil de se mostrar, pois em alguns casos, alguns professores apresentam algumas estratégias de modo a manter o respeito dentro da sala. Assim, a distância e o autoritarismo são estratégias utilizadas por alguns professores, que ao contrário do que se procura, como Jesus refere *uma relação de agrado, a recomendada “neutralidade afetiva na relação pedagógica” não é a estratégia mais adequada (cit. Jesus, 1996:14)* para que haja mais respeito e, por consequência, mais influência por parte do professor.

Ciente de todas estas necessidades enquanto professor, há muitas mais preocupações dentro da sala de aula, podendo ainda referir um aspeto igualmente importante, as estratégias de aprendizagem. Com o decorrer dos anos o

professor deixa de ser o transmissor directo do saber para se transformar no organizador do ambiente de aprendizagem. Esse ambiente deve ser estimulador, de modo a suscitar o interesse e a participação livre da criança e a incentivar o desenvolvimento da sua autonomia (Estrela, 1994:19).

Cada vez mais, encontramos a educação centrada no aluno, o que exige uma maior preocupação por parte do docente, logo uma maior diversidade de estratégias, o que poderá ser exaustivo para o professor. Pois a *aplicação de estratégias envolve sempre tempo e esforço, o recurso às estratégias está dependente da avaliação que fazemos dos custos e da experiência anterior na sua aplicação (Silva e Sá, 1993:20)*. A aprendizagem é algo que se encontra numa constante evolução; por outras palavras, a aplicação da estratégia mais adequada não é algo que se possa definir à partida. Até que o conhecimento seja adquirido, deve haver uma contínua adaptação ao aluno, e não à turma, no sentido em que, num grupo de alunos, muito dificilmente

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

todos conseguirão adquirir o mesmo conhecimento da mesma forma, logo haverá a necessidade de adoptar estratégias distintas.

Para que haja então um desenvolvimento nesse sentido, procura-se que cada um desenvolva algum trabalho autónomo, de modo a alcançar os conteúdos ao seu ritmo. É responsabilidade do professor *levar os participantes a tomar consciência e a avaliar as estratégias que cada um utiliza, através do diálogo e da interacção social estabelecida* (Silva e Sá, 1993:43).

Neste âmbito, pode-se dividir a aprendizagem em três pontos principais: a recuperação dos conhecimentos anteriores; a aquisição de novos conhecimentos; e a aplicação dos conhecimentos adquiridos. Esta sequência de acontecimentos gera uma construção lógica de saberes no aluno, de modo a que este possa relacionar matérias tornando toda a sua aprendizagem muito mais apta e eficaz. Conduzindo a turma num clima de confiança e abertura, gerará uma exploração e partilha enriquecedora, para qualquer criança, podendo tomar consciência de diferentes percepções que muitas vezes podem ser facilitadoras de outras aprendizagens.

Quanto à aquisição de novos conteúdos, sugere-se que o lúdico tome lugar dentro da sala, pois a aprendizagem torna-se significativa quando se aproxima da realidade e do interesse do aluno. Silva e Sá (1993:43), referem que *através do trabalho em grupo, é possível promover a realização de actividades lúdicas que motivem os participantes para as tarefas e estimulem a cooperação e a competição. Paralelamente, é exigido aos estudantes que realizem trabalhos individualmente, de forma a treinarem a utilização das estratégias numa situação mais idêntica à do estudo privado, em que têm de ser eles mesmo a planear, executar e auto-avaliar o seu trabalho*. Esta aplicação dos conhecimentos irá então originar a consolidação dos conteúdos, para que mais tarde, seja possível dar continuidade à construção do seu conhecimento. A utilização destas estratégias, além de ser um meio facilitador da aprendizagem como já fora referido, poderá ser também um estímulo para a criança, pois partindo do princípio que as estratégias referidas sejam inovadoras e promotoras da aprendizagem, o aluno por si só terá curiosidade em explorar e conhecer.

Objetivando então o sucesso nessas mesmas aprendizagens, procura-se que o desenvolvimento das mesmas seja transversal, onde, a melhor forma para que tal seja possível, é através da interdisciplinaridade.

Em suma, e em nosso entender, o grande desafio educacional contemporâneo consiste em promover aprendizagens construtivas e efetivas. A escola dos dias de hoje caracteriza-se por uma multiplicidade de culturas e estilos de aprendizagem, fortemente impulsionados pela universalização do acesso à educação. Perante a diversidade, urge garantir a equidade e a qualidade das aprendizagens, constituindo

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

ao mesmo tempo oportunidades de cooperação, entre todos os intervenientes no processo educativo, em prol de aprendizagens significativas, ativas e efetivas. O modo como abordamos as questões/interrogações que os alunos colocam, o nível de profundidade que exigimos, a valorização do pensar por si mesmo, as sugestões oferecidas, podem reunir um estilo de ensinar. O modo como os alunos aprendem ou se apropriam dos conteúdos deve ser sempre um modo recriador para que, na verdade, o ato de ensinar seja coerente, permitindo a sua interiorização na captação da profunda unidade muitas vezes associada à realidade. Praticar isto – esta forma de ensinar – é, portanto, um estilo próprio. Refletir constantemente sobre o processo de ensino e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem implica, assim, a tomada de consciência do conjunto de circunstâncias e da teia de relações em que o ser humano vive, das quais faz parte, e a partir das quais adquire consciência.

2. Princípios promotores de aprendizagens efetivas

O currículo é *conjunto de aprendizagens consideradas socialmente desejáveis num dado tempo e sociedade, que a instituição escola tem a responsabilidade de assegurar, a sua operacionalização implica o estabelecimento de programas de ação* (Roldão, 2009:33). Portanto, o professor deve utilizar o programa, assim como as metas curriculares definidas, assumindo decisões, encarando estes normativos como auxiliares na planificação da ação do professor, não devendo ser encarados com rigidez.

De acordo com Moraes (2005:149), *um currículo desenvolvido com base no reconhecimento [...] da interação sujeito-objeto é diferente de um currículo planeado sob enfoque instrucional [...] porque não pode ser visto como um pacote fechado. Cabe ao professor do 1º CEB promover a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1º Ciclo com as da educação pré-escolar e as do 2º Ciclo* (ponto 2, n.º2, alínea e do Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, Ministério da Educação), utilizando, em nosso entender, metodologias e estratégias que possibilitem a integração dos diferentes conteúdos a serem abordados, pois entende-se que *nenhuma ciência ou disciplina é mais importante do que outra, [devendo existir um] esforço por correlacionar disciplinas* (Moraes, 2005:182).

Uma pedagogia assente em práticas ativas, voltadas para a autonomia dos alunos, exige práticas avaliativas coerentes e contextualizadas. De acordo com Oliveira e Machado *et al.* (2007:131), *a avaliação escolar foi, assim, alterando a sua*

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

lógica e abandonando como instrumento único de avaliação o teste e/ou o exame para passar a integrar outros esquemas de recolha de informação sobre a eficácia do processo de ensino/aprendizagem, valorizando-se cada vez mais uma avaliação contínua, de caráter formativo. Foi o caso da prática pedagógica preconizada nos dois contextos de estágio.

Neste âmbito, a nossa opção educativa recaiu pela *pedagogia relacional*, porque o professor problematiza e o aluno age, estabelecendo-se em sala de aula um ambiente de discussão e construção de um novo conhecimento em que a interação aluno-professor é a base do processo de aprendizagem. É essencial que o professor acredite que tudo o que o aluno constrói até hoje, na sua vida, serve de base para construir o seu conhecimento. O professor deve ter consciência que, para a construção de um novo conhecimento o aluno deve agir sob os recursos de ensino que o estimularão para a sua ação, entendendo assim, que os recursos utilizados por ele deverão ser significativos para o aluno. Desta forma, o interesse, bem como a ação, são fundamentais para que ocorra a aprendizagem. De acordo com Freire (1996), o professor, além de ensinar, passa a aprender; e o aluno, além de aprender, passa a ensinar. Nesta relação, o professor e os alunos avançam juntos no tempo. O docente que atua de acordo com esta pedagogia inclina-se para a criação de ambientes de aprendizagem significativa e efetiva que conduzem à descoberta e à construção ocupando o aluno, o papel de “artífice” do seu próprio conhecimento e “controlador” da sua aprendizagem.

É nossa convicção que o interesse do aluno aumenta se a formação tiver em conta quem ele é, o que já sabe e o que necessita saber. Se assim for, então ele sentir-se-á motivado para dialogar, investigar, produzir trabalhos, confrontar as suas opiniões com as dos colegas. Numa expressão: *Aprender a Ser*, que implica certamente o *Aprender a Conhecer*, o *Aprender a Fazer* e o *Aprender a Conviver*. O professor deve desafiar os alunos, criando um nível moderado de tensão de forma a mantê-los ativos e energéticos.

A prática profissional não abrange apenas a sala de aula, visto que o professor deve manter uma boa relação com a comunidade educativa (pais, encarregados de educação, entre outros), enquanto responsáveis pela educação dos alunos. Por isso, toda a comunidade educativa, com especial destaque aos pais, tem o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos, porque constroem o conceito de escola aberta, que valoriza o trabalho educativo pela partilha de ideias e experiências entre todos.

Todos os princípios enunciados, fazem com que o professor reflita sobre a sua ação, enquanto profissional ativo, o que o ajuda a planear e a avaliar a sua

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

intervenção, melhorando a sua prática pedagógica e enriquecendo e proporcionando mais e melhores aprendizagens ao grupo e a cada aluno(a) (anexo 2- Avaliações). Ser professor reflexivo *significa ser um profissional que reflete sobre o que é, o que realiza, o que sabe e o que ainda procura, encontrando-se em permanente atenção às situações e contextos em que interage* (Pinheiro, 2007: 132), visto que toda a prática docente deve assentar *numa atitude de questionamento, sustentado por referentes teóricos de análise, pela vontade de melhor conhecer e melhor agir* (Gonçalves, 2010: 45).

Decorrente da prática e da revisão bibliográfica, defendemos que o professor é uma espécie de condutor de aprendizagens e fomentador de experiências enriquecedoras, devendo situar-se numa busca permanente, evidenciando o seu compromisso com o seu projeto, com a sua missão, onde cada aluno(a) é uma missão. Ser professor é *um compromisso de cada indivíduo, consigo próprio e com um projeto claro de vida* (Carneiro, 2003:109). Portanto, tendo em conta o panorama atual, espera-se que os professores construam comunidades de aprendizagem, que permitam a *inovação, a flexibilidade e o empenhamento na mudança, tão essenciais à prosperidade económica* (Hargreaves, 2004: 23). O professor deste tempo caracteriza-se por uma identidade não permanente, exigindo desde logo um percurso formativo incessante. Ora, a atividade docente passa a contemplar maior dinamismo, reflexividade, complexidade, transdisciplinaridade, exigindo um profissional de educação que promova uma articulação dos saberes de forma significativa e efetiva, contemplando uma visão de totalidade e não fragmentação, quer na sua formação contínua e continuada, quer no desenvolvimento do seu exercício pedagógico.

II. Procedimentos Metodológicos

A prática dos bons professores, envolve uma prática reflexiva que é determinante no sucesso enquanto profissional. Isto significa que, *a melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência* (Nunes, 2000:12). Objetivando uma prática mais completa, este profissional desenvolve além de uma identidade refletida, uma identidade investigadora.

De acordo com o já referido, *a investigação educativa é uma actividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objecto de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos educativos.* (Pacheco, 1995:9).

1. Tipo de estudo

De acordo com o mencionado, a metodologia que se apresentou mais relevante em toda a prática pedagógica foi a de natureza qualitativa, visto que estes investigadores *interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos* (Bogdan e Biklen, 1994:49), tratando-se assim, *do método mais adequado para o trabalho de investigação em educação* (Bogdan e Biklen, 2010:47/48). Instrumentos de recolha de dados, tais como reflexões, notas de campo ou fotografias, foram utilizados para justificar a prática e principalmente para refletir de modo a apresentar uma constante melhoria na prática educativa, como veremos em seguida. A metodologia qualitativa centra-se em *descrições pessoais e opiniões individuais, inclusivamente a própria opinião subjetiva, empírica, do investigador* (Sousa, 2009:31). Conceptualmente, deste modo de investigar, ao contrário do quantitativo que se centra nos resultados, foca ainda a sua atenção na preparação das atividades, bem com a sua realização, recolhendo o significado imediato dos intervenientes na ação. Pressupõe-se, então, uma avaliação contínua e exaustiva, que ao contrário do que aparentam à primeira vista, *os procedimentos “qualitativos” de investigação... no que refere à sua validação, são normalmente muito mais exigentes* (Sousa, 2009:32).

Eis portanto a nossa opção metodológica: um percurso investigativo de natureza qualitativa que, no âmbito deste processo formativo/investigativo, se apresenta como um estudo exploratório de cariz pedagógico. A este propósito, consideramos ainda a teoria pública de Theodorson e Theodorson (1970:142), que apresentam a seguinte definição de estudo exploratório:

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

Exploratory study. A preliminary study the major purpose of which is to become familiar with a phenomenon that is to investigate, so that the major study to follow may be designed with greater understanding and precision. The exploratory study (which may use any of a variety of techniques, usually with a small sample) permits the investigator to define his research problem (...).

2. Participantes do estudo

A já referida prática profissional dirigiu-se a três grupos distintos. No 1º semestre, os primeiros participantes encontravam-se na instituição A a frequentar o 2º ano de escolaridade do 1ºCEB; no 2º semestre, os restantes participantes encontravam-se divididos entre duas turmas, na instituição B: o 5º ano, turma A e o 6º ano, turma B. Além dos alunos do 1º e 2º CEB, os principais participantes neste estudo, estiveram também envolvidos outros participantes diretos que naturalmente tiveram uma voz ativa no mesmo. Senão vejamos: o professor estagiário, enquanto responsável, as suas colegas de estágio, com as quais se tornou possível aplicar a mencionada metodologia, as professoras cooperantes (a professora cooperante do 1º CEB e no 2º CEB, as professoras cooperantes das diversas áreas de conteúdo, Português, Matemática, Ciências Naturais e História e Geografia de Portugal). Ainda como participantes podemos considerar toda a comunidade envolvente que de forma indireta contribuiu para a realização da intervenção educativa e do presente relatório de estágio.

3. Instrumentos e Procedimentos

Com o decorrer dos estágios, diferentes procedimentos foram tomados de modo a que o conhecimento das instituições e das turmas, no sentido de promover a interação com os alunos de modo saudável e de acordo com os princípios referidos no enquadramento teórico. Ora, a análise de documentos estruturantes das instituições, a recolha de dados sobre as turmas, as notas de campo e as reflexões, foram alguns exemplos dos instrumentos utilizadas para um conhecimento sustentado da realidade educativa.

Segundo Sousa (2009:181) as “técnicas de recolha de dados”, *são meios técnicos que se utilizam para registar as observações ou facilitar o tratamento experimental; (...) videogravação, testes, questionários, entrevistas, incidentes críticos, check-lists, matrizes, descrições, análise de conteúdo e análise documental.*

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

Neste sentido, em ambos estágios, para um maior conhecimento das turmas e das instituições, enquanto se desenvolviam os primeiros momentos dos estágios, a análise dos documentos das instituições e das turmas mostravam-se essenciais. Cumprindo então com as regras e valores presentes no Regulamento Interno (RI) e Projeto Educativo (PE), procurou-se desenvolver sempre a prática de acordo com os seus ideais, bem como uma intervenção mais assertiva e significativa que facilitou a análise do Plano de trabalho de Turma (PTT), tendo em conta a disponibilidade de consulta.

Uma das técnicas também utilizada foi a observação direta, pois através da mesma é possível captar *comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho* (Quivy e Campenhoudt, 1998:196). Apresenta-se então muito útil na prática de qualquer profissional, no sentido em que, quando atento à sua turma e aos seus alunos, este poderá desenvolver um ensino que vai ao encontro dos interesses da turma, bem como (re)adaptar a sua planificação ou intervenção, adequando as estratégias a cada aluno(a).

Um outro exemplo de uma prática importante, dando continuidade à observação, são os/as registos/descrições escritos/as que se caracterizam pelos momentos presenciados por um observador, onde, neste caso específico, as notas descritivas foram um grande suporte para um registo simples e rápido dos momentos. *São registos descritivos anotados no próprio momento e no campo de observação. Descrições escritas do que o observador vê, ouve, experimenta e pensa, durante o decorrer dos acontecimentos e da sua reflexão naquele momento* (Sousa, 2009:260). Muitas vezes este instrumento, baseia-se em tópicos para avivar a memória, no momento em que se redige a reflexão desse mesmo momento, tornando-a mais ponderada e cuidada. (ver anexos 1.4, 1.5 e 2)

Idêntico ao anterior, os incidentes críticos são outro instrumento de avaliação que relatam casos específicos, tratam-se de notas tomadas no momento, logo a seguir ou posteriormente, ao suceder do incidente crítico (anexo 1.7). *Esta técnica é usada para obter informações específicas de modo descritivo, sobre comportamentos ou situações que não eram totalmente previsíveis de suceder. É, portanto, uma forma de registar observações ocasionais* (Sousa, 2009:244). Apesar de ser menos utilizado, este instrumento, foi importante para relatar alguns momentos que não se esperavam, igualmente importantes na prática desenvolvida.

Também utilizado na percepção da aquisição ou não dos conteúdos pelo aluno, fora a *check-list*. Resume-se, então, numa *lista para nela se constatar apenas a presença ou ausência de certos elementos (...)*. Podem ser baseadas no tempo ou nos

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

acontecimentos: pode-se registar a hora em que aconteceram, ou apenas se sucederam ou não. O tempo total da observação não tem interesse, atendendo-se apenas à sequência temporal ou ao número de acontecimentos (Sousa, 2009:241). A par deste tipo de instrumento de recolha de dados, criou-se ainda um pequeno espaço para observações para que, em algumas situações, se possa justificar a própria lista criada, fundamentando e aprofundando as necessidades de cada aluno(a) (ver anexo 4.1.1- anexo IV).

Todos os dados foram, portanto, tratados com recurso à técnica de análise de conteúdo que facilitou as adequações necessárias da intervenção educativa. Segundo Guerra (2006:62), *a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objecto de estudo (...)*. Deste modo, as referidas dimensões demonstraram-se essenciais no desempenho da prática, constatando-se uma evolução gradual a par da análise de conteúdos.

Este progresso, de certo modo, está presente no portefólio elaborado ao longo de todo estágio, caracterizando-se *como um instrumento de reflexão pessoal dos sujeitos sobre os seus próprios percursos formativos* (Trindade e Cosme, 2010:185), reunindo evidências da prática, bem como do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido. Tendo em conta esta melhoria, as grelhas de acompanhamento realizadas pelas professoras supervisoras ao longo do estágio, bem como o *feedback* construtivo (anexo 3.2 – fotografia 23), apresentaram-se como uma mais valia para este mesmo objetivo, para além das grelhas de avaliação preenchidas pelo par pedagógico que se mostraram úteis para o desenvolvimento do perfil do professor. Morgado (2004:44) considera que,

o trabalho cooperado entre professores, (...) deve basear-se no respeito mútuo pelas competências, perspectivas e conhecimentos de cada interveniente (Bauwens & Hourcade, 1995), assentar numa relação de paridade e exigindo como requisitos a definição de dispositivos de apoio e a disponibilidade para partilhar informação, conhecimentos e competências entre todos os elementos envolvidos (Walther-Thomas, 1997).

Com a utilização da referida metodologia qualitativa, como dos instrumentos de recolha de dados, cada vez mais os profissionais se aproximam do perfil do professor finlandês, visto que *estes parecem centrar-se mais nos aspectos da compreensão e do desenvolvimento da criança, em detrimento da transmissão do conhecimento de uma determinada área* (Robert, 2010:26).

III. Intervenção Educativa

1. Contexto Organizacional

Com base nos documentos estruturantes das instituições – PE, RI e Plano Anual de Atividades (PAA) - é possível elencar aspetos importantes sobre a constituição, os objetivos, bem como o funcionamento e organização de cada instituição onde foi realizado o estágio profissionalizante. Cumprindo com as regras e valores propostos por cada instituição, o professor estagiário procurou desenvolver a sua prática quanto ao 1ºCEB de acordo com a instituição A e, de igual modo, quanto ao 2ºCEB de acordo com a instituição B. A análise aos referidos documentos tem como objetivo, resumir os valores, as regras e as demais características de cada instituição, de modo a tornar possível a realização de uma prática íntegra, transversal e significativa, tanto para o aluno como para o professor estagiário.

Os objetivos das instituições tendem à formação cognitiva de cada aluno, assim como à formação enquanto cidadãos de cada instituição, onde mediante as regras a que estão sujeitos, beneficiando o seu desenvolvimento de forma transversal e completa. Desenvolvendo uma ação educativa focado em cada aluno, objetiva-se a (...) *construção progressiva do homem como ser original, livre e responsável, capaz de tomar decisões pessoais coerentes com o seu projeto de vida na perspectiva do respeito e desenvolvimento dos valores humanos (...)* (PE, Instituição A, 2013:8). Responsabilizando o aluno pela sua própria formação, em ambas instituições e segundo o PE, estas centram-se em alguns princípios fundamentais, tais como: a originalidade pessoal, apoiada numa atitude crítica construtiva; a flexível adaptação aos distintos contextos, escolares ou sociais; a liberdade de pensamento no respeito pela diferença de opiniões, enquanto alunos e cidadãos ativos na comunidade envolvente.

De modo a que estes aspetos já mencionados se tornem realidade, cada instituição dispõe de infraestruturas, aptas à promoção do desenvolvimento físico, cognitivo e social. No que se refere às características das instituições que se apresentam relevantes para a prática realizada, ambas dispõem de condições promotoras da aprendizagem, tais como: partilham, salas confortáveis, onde a temperatura se mantém amena, com o espaço reservado a cada aluno; quanto ao 1ºCEB as carteiras são individuais com espaço para guardar materiais na própria mesa e, no 2ºCEB, as carteiras são a pares também com espaço (partilhado) na

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

própria mesa, existindo ainda um cacifo individual dentro da mesma sala. Quanto à utilização de materiais para a prática pedagógica-didática, é possível encontrar, em ambas as instituições, equipamento promotor das tecnologias da informação e comunicação (TIC), bem como um projetor ligado a um computador dentro de cada sala. No 1ºCEB é utilizado o quadro interativo; já no segundo ciclo é utilizado meramente como projetor. Além dos recursos materiais já mencionados dentro da sala de aula, os alunos têm ao seu dispor uma biblioteca, devidamente adequada a cada ciclo. Por outras palavras, no 1ºCEB, encontrava-se, dentro da sala de aula, um espaço reservado à biblioteca com obras e outros contos para os tempos livres dos alunos, beneficiando e dinâmica da sala de aula. Quanto ao 2ºCEB, apresentando-se numa instituição significativamente maior - quanto às estruturas e quanto à versatilidade do ensino, encontramos uma biblioteca adaptada às necessidades da grande variedade de alunos e, logicamente, às diferentes faixas etárias.

Muito semelhantes quanto à diversidade de resposta às carências do ensino, partilham também estruturas como ginásio, cantina e espaço exterior à disposição de qualquer discente que cumpra com as regras e deveres pelos quais a instituição se dirige.

Realizada uma introdução aos contextos e aos objetivos pelas quais se regem, é possível também encontrar no PE de cada instituição, como se concretiza a resposta às distintas necessidades que possam surgir, como já se irá explicitar. Essas necessidades dirigem-se a alunos que possam apresentar alguma resistência na sua aprendizagem e/ou desenvolvimento cognitivo, que rapidamente se procura colmatar de diversas formas, dispondo de *um serviço especializado de promoção e acompanhamento do desenvolvimento do indivíduo ao longo do seu ciclo vital* (PE, Instituição B, 2012:16).

De modo a colmatar o défice na aprendizagem que algum aluno possa apresentar, durante a sua formação, as instituições disponibilizam acompanhamento especializado. Na instituição B, encontra-se intrínseco como objetivo o desenvolvimento transversal do indivíduo ao longo do seu ciclo vital, articulando serviços de psicologia, de educação e desenvolvimento. Quanto à instituição A, nesta promovem-se mecanismos de recuperação, como aulas de apoio, trabalho individualizado ou acompanhamento especializado. Como estímulo ao conhecimento, nestas instituições, são desenvolvidos alguns trabalhos de investigação, por parte dos alunos, quer em casa com os encarregados de educação, como na própria escola na execução de projetos, individuais e/ou em grupo, promovendo também o processo de aprendizagem a partir das (novas) tecnologias. Constata-se assim que ambas instituições, promovem e trabalham para o desenvolvimento cognitivo e social de

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

todos e de cada um, fornecendo de distintas formas esse referido acompanhamento. No que se refere à avaliação, procura-se que cada aluno assuma um papel responsável como aluno reflexivo, nos diversos momentos de auto e hetero avaliação com o intuito de se corrigirem de modo a melhorar significativamente de forma individual e coletiva.

A análise aos projetos educativos das instituições permite além de uma maior constatação das diferenças entre as mesmas, como uma noção mais completa do papel de um docente. Presente no PE da instituição A, considera-se que o docente, deverá ser um exemplo, com testemunho de vida, bem como alguém qualificado, que acompanhe e complete o crescimento dos alunos e, principalmente, cada criança individualmente. Além deste perfil, cabe ainda ao docente, *construir elementos fundamentais que comprovem toda a sua prática pedagógica. Assim sendo a construção de planificações, a formalização das avaliações, a fundamentação de procedimentos metodológicos, o arquivo de trabalhos dos alunos, as grelhas de observação, os registos fotográficos, entre outros, são instrumentos fundamentais para o desenvolvimento do processo de avaliação* (PE, Instituição B, 2012:33).

Fomentando a aquisição de conhecimentos, dentro da sala de aula na curiosidade e na descoberta dos temas trabalhados, em parceria com os encarregados de educação procura-se construir uma ponte que envolva os próprios encarregados no desenvolvimento da criança. Uma das exigências da instituição A, é a obrigatoriedade dos encarregados de educação no acompanhamento da formação do seu educando, não só informando o desenvolvimento, como o que já foi mencionado, mas também no envolvimento em atividades, para além de um contributo na construção contínua do rendimento escolar do aluno. Todos os responsáveis que pretendam formar o seu educando na referida instituição, terão de se comprometer a cumprir com as referidas exigências, de modo a que se torne possível o desenvolvimento gradativo e pleno de cada aluno.

Note-se que, apesar dos objetivos e valores se encontrem com os interesses e necessidades dos jovens, cada instituição é movida pelos seus próprios valores. Na instituição A encontramos uma formação com um caris religioso, onde assim os discentes são instruídos a viver, segundo valores promotores do seu desenvolvimento enquanto cidadãos e cristãos. Enquanto na instituição B é possível encontrar alguns desses mesmos valores, mas esta centra-se na seguinte missão: *Qualidade no sucesso que permita, pela exploração de todas as nossas potencialidades, a construção conjunta de um mundo melhor* (PE, Instituição B, 2012:45). Movendo-se por esta missão, procura-se nesta instituição, contribuir, de igual modo, para a formação de cidadãos, além do natural desenvolvimento quer cognitivo, quer cívico.

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

Por último, quanto às instituições, é possível referir que ambas combinam algumas qualidades e características semelhantes, respondendo às necessidades de todos e de cada aluno, procuram a excelência e a formação de cidadãos capazes e ativos na comunidade. Localizadas em diferentes cidades, em diferentes meios, a classe social destas realidades, caracteriza-se como média alta, onde também se observa a igualdade social entre os alunos, na utilização do uniforme. Inseridas numa sociedade participativa, promovem algumas parcerias com a comunidade envolvente, como por exemplo: a instituição A *procura não só realizar uma acção conjunta de toda a Comunidade Educativa mas também abrir-se ao exterior, num intercâmbio entre Escolas e com outras Organizações de matriz cultural, integrando-se nomeadamente nas iniciativas do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia* (PE, instituição A, 2013:6); a instituição B, colabora com a *Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, a Escola Superior de Educação do Porto, o ISMAI – Instituto Superior da Maia, a Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica do Porto, a Faculdade de Desporto da Universidade do Minho, a Faculdade de Ciências de Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto, a Escola Superior de Enfermagem da Universidade Fernando Pessoa, Escola Superior de Enfermagem do Hospital de São João e o Centro de Emprego em diferentes níveis académicos, nas áreas de: Educação de Infância; Professores de 1º CEB; Auxiliares de Acção Educativa; Professores de Educação Física; Psicologia; Nutrição e Enfermagem* (PE, da instituição B, 2012:22).

Dispõe assim de alguma diversidade de recursos significativos promotores do desenvolvimento enquanto aluno e cidadão.

2. Caracterização dos Contextos

A intervenção educativa foi operacionalizada em diferentes contextos, logo, em diferentes turmas. No 1ºCEB o trabalho foi realizado numa turma do 2º ano de escolaridade, enquanto no 2ºCEB, em duas turmas distintas: 5º e 6º anos; as intervenções de Português e Matemática, foram realizadas no 5º ano, e Ciências e Histórias no 6º ano.

Esta diversidade de anos de escolaridade, demonstrou-se importante e enriquecedora, promovendo a aprendizagem dos professores estagiários, enquanto futuros profissionais da educação. Procurou-se, desde o início, realizar toda a prática, em função dos ambientes e necessidades de cada realidade, de cada turma e de cada aluno(a).

2.1. Caracterização da Turma do 1º CEB

A turma do 2º ano B do 1ºCEB, onde se realizou o estágio profissionalizante, é formada maioritariamente por elementos que já se conhecem desde os três anos de idade, tendo frequentado o jardim de infância da mesma instituição. A este grupo juntaram-se novos elementos de outras escolas no primeiro e no presente ano de escolaridade, constituindo agora uma turma com 21 alunos, 10 do sexo feminino e 11 do sexo masculino.

Nesta turma é possível encontrar dois alunos com antecipação de matrícula, dois alunos com idade para frequentarem o terceiro ano, e os restantes já com 7 anos ou ainda a realizar até ao fim de 2014.

As escolas do 1.º ciclo, no desenvolvimento do seu projeto educativo, devem proporcionar aos alunos atividades de enriquecimento do currículo de caráter facultativo e de natureza eminentemente lúdica, formativa e cultural... (MEC, Decreto lei 139/2012, 14.º artigo). Tendo em conta a legislação e a missão institucional, o horário pós-letivo destes alunos do 2º ano, serve para enriquecer o desenvolvimento pessoal com outras atividades, onde podem adquirir outro tipo de valores, mediante regras e vivências que lhes são exigidas. As atividades extracurriculares mostram-se, efetivamente, importantes na rotina das crianças e dos jovens, desde que praticadas com equilíbrio e tenham em atenção a idade, o gosto pessoal, os seus desejos, interesses e características. Resumindo, praticamente todos os alunos ocupam os seus tempos pós-letivos com atividades extracurriculares. Pode-se, ainda, acrescentar que alguns dos alunos frequentam duas a três atividades durante a semana.

Além destes momentos de aprendizagens extra curricular, segundo o PTT, realizado pela professora cooperante, estes alunos ocupam também os seus tempos livres com algumas atividades igualmente saudáveis como, por exemplo: andar de bicicleta, brincar, passear, brincar com amigos.

Com base no PTT, e a análise das minhas intervenções e observações da turma, algumas características já podem ser levantadas, bem como alguns aspetos que naturalmente foram melhorando aos poucos. Este é um grupo motivado para a própria aprendizagem e empreendedor nas propostas e atividades que lhes é sugerida, sendo os momentos fora da rotina ocasiões para um entusiasmo acrescido, com novidades, experiências, jogos e aulas de campo. O seu desenvolvimento enquanto jovens cidadãos, também é possível de se observar em sala de aula, podendo verificar um aumento gradativo de concentração e ritmo de trabalho. Torna-se difícil manter esta mesma ordem dentro da sala, quando as suas mesas se

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

encontram relativamente próximas dos colegas, sendo muito mais fácil o diálogo nos momentos indevidos. A situação do posicionamento das mesas, é uma realidade variável, pois sensivelmente de duas em duas semanas, os alunos ou até mesmo a disposição das mesas sofrem alterações, para evitar o diálogo com os colegas mais próximos. Nesta turma, encontramos ainda um aluno recentemente sinalizado com Necessidades Educativas Especiais que necessita de uma supervisão constante de um adulto para que consiga acompanhar o ritmo dos colegas. É acompanhado de forma especializada por um professor do ensino especial, duas vezes por semana na sala de aula. Aplica o método das 28 palavras, num trabalho continuado com a resolução de fichas de trabalho, anexando e avaliando o seu desenvolvimento e progresso quanto à sua consciência fonológica. Com um vocabulário simples e pouco diversificado para a idade, necessita de um acompanhamento de um adulto para o motivar a ler; consoante a área de conteúdo a trabalhar, a autonomia do aluno é correspondida de igual modo. Demonstra uma maior dificuldade na área do Português, reconhece algumas letras e lê frases simples. Tal já não acontece na Matemática, pois demonstra um bom raciocínio lógico, encontrando-se mais que enquadrado com o nível de conhecimento matemático dos restantes colegas da sala de aula. Podemos ainda considerar que é um aluno atento e consciente dos seus deveres dentro da sala de aula, com uma boa postura na cadeira e um comportamento razoável, bem como o carinho e amizade que partilha com os colegas de turma.

2.1.1. Implicação dos Encarregados de Educação

(...)A escola e a família são contextos de desenvolvimento com funções complementares no processo educativo em que o envolvimento da família está positivamente relacionado com os resultados escolares (PE, Instituição A, 2011:22). Neste sentido, os Pais e Encarregados de Educação têm implicação no processo educativo dos seus filhos. Para que esta comunicação funcione com sucesso, os professores deverão ser bons emissores e bons receptores, nos diferentes momentos que a escola e o professor propiciam aos encarregados. Estes últimos, são convidados a se dirigirem à escola, não só para participar na avaliação dos seus educandos, de acordo com o Despacho Normativo 30/2001, como também a intervirem nas aulas, abordando temas em estudo. Procura-se que com esta parceria entre Escola e Família, que professores e pais possam *transmitir as atitudes e comportamentos que consideram pertinentes nas crianças* (PTT, 2014).

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

2.2. Caracterização das turmas 2º CEB

A turma A do 5º ano de escolaridade, caracteriza-se pela curiosidade e ambição na participação, podendo muitas vezes originar algum ruído e desordem. Ainda próximos do 1ºCEB, os alunos desta turma, já se apresentam, em geral, trabalhadores e, quando interessados, capazes de se responsabilizarem pela própria aprendizagem. Composta por 24 alunos, irrmãmente divididos, por 12 rapazes e 12 raparigas, de um modo geral, partilham uma amizade saudável, que se demonstra no respeito mútuo, quer dentro como fora da sala de aula. Quanto à cognição, os alunos não demonstram qualquer dificuldade, sendo o ruído dentro da sala a maior dificuldade para o sucesso, na concretização das atividades.

Dentro destes jovens, existem alguns que, a atenção deverá ser redobrada por diversos motivos, como, de seguida, se irá esclarecer. Na fila da frente encontramos o aluno N, que apresenta algumas dificuldades na aprendizagem, nomeadamente na interpretação, estando abrangido por um Programa Educativo Individual (PEI). Procura-se que este desenvolva um trabalho contínuo, como os seus colegas, existindo nos momentos de avaliação uma adaptação dos mesmos, de forma a igualar a dificuldade.

Ainda na primeira fila, o aluno D, sem qualquer sinalização, mostra-se muitas vezes desconcentrado sem grande motivação para o trabalho realizado em aula, apesar de mostrar competências quanto à aquisição dos conteúdos. Necessitando de um responsável que o estimule, através da comunicação, o aluno D, apresenta-se acessível aos feedbacks que se são dirigidos quer pelos professores e/ou professores estagiários.

Por último, na última fila encontramos o aluno J, que cognitivamente não apresenta qualquer tipo de dificuldade, apresentando dificuldades na vertente comportamental. Sucintamente, o aluno chega atrasado às aulas, com alguma frequência, sempre com alguma justificação, responde a qualquer apontamento direto de qualquer pessoa, de forma não muito própria ao contexto. Havendo algum progresso com o mesmo, o aluno mostra-se acessível a uma boa conversa madura e responsável, realizando motivado a tudo o lhe é proposto.

Quanto ao rendimento das turmas é possível ainda salientar, das áreas em que se desenvolveu a prática profissional, uma turma produtiva, visto que as classificações e as resoluções dos demais problemas sugeridos, em português e matemática, eram cumpridos com alguma astúcia. De um modo geral, a postura dos alunos, quanto aos momentos de avaliação, era ativa face aos obstáculos apresentados, isto é, esses momentos, como exercícios, testes e mesmo as participações na aula, eram vistos

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

como desafios, sendo muitas vezes um “gozo” a participação para o sucesso dos mesmos.

Quanto à turma B do 6º ano de escolaridade, encontramos uma notória diferença, do já referido 5º ano. Apesar da diferença de idade, se apresentar num simples ano, esta, apresenta uma maior maturidade, quer na postura dentro da sala de aula, quer na participação na aula. Conscientes da responsabilidade sobre a própria aprendizagem, os alunos desta turma preocupam-se em ser mais e melhor, desde o rigor nas intervenções como na avaliações sumativas - a exigência para com os mesmos é exemplar para o sucesso. Como na turma do 5º ano, os alunos apresentam cumplicidade e amizade entre si, proporcionando um ambiente positivo quanto à promoção da aprendizagem, bem como no desenvolvimento e o decorrer de cada aula. Não apresentando qualquer dificuldade nas áreas lecionadas, o cuidado científico deverá ser apresentado de forma esclarecedora e clara, de modo a que os alunos se possam envolver na própria aprendizagem, visto que o interesse e motivação já se encontram intrínsecos.

Deverá existir uma atenção acrescida, sobre o aluno V, que apresenta necessidades educativas especiais, tendo um PEI. Este aluno, realiza as atividades escritas com alguma dificuldade, necessitando de um profissional ao seu lado, que exija um maior cuidado na sua caligrafia, de modo a tornar mais perceptível à própria leitura, bem como na ortografia, redigindo com algumas inconformidades. Quanto à oralidade, o aluno V não apresenta qualquer fragilidade, apresentando interesse sobre os conteúdos e participação.

3. Intervenção nos Contextos

3.1. Ver para fazer

Para que uma prática interventiva se realize com sucesso, alguns pontos têm naturalmente de ser refletidos e aprofundados, nomeadamente a observação que *deverá ser a primeira etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada, exigida pela prática quotidiana* (Estrela, 1990:29). Os primeiros momentos de estágio, através da observação, tornaram-se importantes para a realização de prática onde foi tomada a consciência de que é necessário conhecer os alunos de forma individual, para que o processo de ensino vá ao encontro do processo de aprendizagem.

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

Na reflexão *A primeira semana* (ver anexo 1.2), encontramos um exemplo claro da necessidade da observação antes da própria intervenção. Consciente desta necessidade, a observação e avaliação do desempenho individual de cada aluno, tornou-se um ponto fulcral durante todo o estágio, promovendo o desenvolvimento da turma e de cada um(a). Procurava-se nesta prática a melhoria na preparação e por conseguinte na própria intervenção, demonstrando-se extremamente essencial, pois conhecendo as capacidades cognitivas, bem como a personalidade dos alunos, foi possível estimular e desafiar as capacidades de cada um(a), sem que este se sentisse diferente dos colegas. Todavia, a observação mostrou-se ainda importante na construção do perfil de professor mais adequado na a sala de aula. Tendo uma professora cooperante como um exemplo a seguir, no caso do 1ºCEB, a versatilidade do seu perfil, garantiu o bom funcionamento dentro da sala de aula. A observação desses mesmos momentos triviais, influenciou positivamente o próprio perfil do professor estagiário, através de métodos e estratégias na transmissão de saberes, na orientação do comportamento e da turma, bem como na relação com cada um(a).

Quando se realiza uma aprendizagem a partir da observação, esta deverá servir não só para relatar evidências, bem como a realização de uma análise do que fora observado. Deste modo, como já referido, a observação do desempenho do professor, servirá como um bom exemplo para uma análise reflexiva tendo em conta a melhoria nas intervenções do estágio e até mesmo no futuro enquanto profissional na educação. No caso do 2º CEB, por vezes esta análise reflexiva muitas vezes se mostrou necessária, visto que alguns aspetos das aulas observadas de alguns professores cooperantes, eram (re)pensados quanto à sua coerência e pedagogia. De modo geral, as observações realizadas das referidas aulas dos docentes, avaliavam-se positivas quanto à aprendizagem enquanto futuro professor, exceto um momento ou outro por um docente como se refere na reflexão. Esta prática mostrou-se também essencial, no sentido em que, facilitou o conhecimento de cada aluno bem como que abordagem selecionar para que este promova o sucesso no seu desempenho.

Observar cada aluno exaustivamente apresentou-se como um grande desafio, contudo, à medida que a confiança entre professor estagiário – aluno ia evoluindo, muitas conversas informais, em momentos exteriores à sala, além de promotoras desta mesma relação, foram um meio para sensibilizar os alunos na melhoria da sua postura dentro e, principalmente, fora da sala de aula, enquanto cidadãos. Esta estratégia não surtiu melhorias imediatas, mas a longo prazo, já se constatava um desenvolvimento gradual, promotor do bom funcionamento dentro da sala de aula, bem como na formação cívica coletiva e individual.

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

Concretizando a referida observação para a melhoria, os instrumentos utilizados como recolha de dados apoiaram-se em registos escritos, nomeadamente notas de campo, registo de incidente crítico, entre outros.

Tendo em conta todos estes fatores, a planificação, a intervenção e a avaliação, foram sempre ao encontro dos interesses de todos e principalmente, ao encontro das necessidades de cada um, tornando possível a promoção da aprendizagem ativa e participativa de forma consciente e integrada.

3.2. Preparar para *Aprender*

A necessidade de planificar surge, posteriormente, à observação, devido à adaptação à realidade em que esta se pretende inserir, pois a *planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interação com todas as funções executivas do professor* (Arends, 1995:44). A importância desta prática já fora refletida quando ainda não existia uma total consciência da sua necessidade para a prática (ver anexo 1.1), realidade que agora justifica o que já se pôs em prática. A planificação quando bem realizada e adaptada à intenção pedagógica, tende em ser um meio facilitador da aprendizagem e da própria ação. Deste modo, criou-se intencionalmente para cada intervenção, uma planificação para cada dia no caso do 1º CEB e uma por intervenção no 2º CEB, isto porque, estas que *são influenciadas pelo que aconteceu anteriormente e, ...influenciarão as planificações para os dias e semanas que se seguem* (Arends, 1995:54), tendo em vista o aperfeiçoamento e a melhoria na descrição e preparação das atividades.

Para que as referidas planificações se tornassem possíveis e fundamentadas, alguns documentos serviram como linhas orientadoras para a sua realização, nomeadamente as Metas Curriculares e o Programa que facultam todos os conteúdos devidamente organizados e categorizados, de modo a proporcionar ao educando todas as bases necessárias para uma aprendizagem rica e transversal. Apesar destes documentos se encontrarem à disposição, a sua informação é muito vasta para quem procura orientar a sua planificação para uma atividade em específico. Para tal, como meio facilitador para a intervenção contínua, as cooperantes facultavam previamente a planificação semanal, para que se tornasse possível realizar de forma contínua a aprendizagens dos alunos. Esta planificação, servia meramente como base, podendo acrescentar pormenores e dinamizar os conteúdos de cada área em específico. Deste modo, e com diversos materiais à disposição, facultados pelas instituições, desenvolviam-se as planificações. Estas eram realizadas em grelha – racional/linear - ,

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

por opção do professor estagiário, visto que, mediante as necessidades e os métodos de trabalho do mesmo, era possível organizar a mesma de forma, simples, clara, flexível e organizada.

Dentro de cada planificação, é possível encontrar a descrição das atividades, devidamente divididas pelos momentos distintos da aula, sendo o principal foque da mesma, facultando uma orientação para o decorrer da aula, encontrando-se imediatamente ao lado do tempo necessário para cada a atividade. Igualmente presente nesta grelha, é possível encontrar, além dos conteúdos, as Metas Curriculares (no caso do 1º CEB), objetivos de aprendizagem (2º CEB), os materiais necessários para a mesma aula e, ainda, a estratégia de avaliação a utilizar na aula. Surge também a operacionalização, onde se descreve de forma pormenorizada o que se procura realizar nessa mesma aula. Um outro elemento presente nestas planificações são os anexos: preparação prévia de todo o material para cada aula; neste ponto, o professor estagiário dedicava grande parte da sua atenção, no sentido de construir recursos pedagógicos apelativos e diversificados, facilitando a intervenção já planificada.

A planificação não é um documento rígido nem intocável; encontra-se em aberto e acessível à sua modificação, flexível e sensível ao rumo que a aula venha a tomar.

Descrever, organizar e situar todas as atividades que se vai realizar, está dependente de uma preparação prévia de todos os materiais para a aula. Mesmo que não se torne possível concretizar alguma atividade, estas deverão estar prontas para serem aplicadas (anexo 2.4). Neste sentido, e como é possível constatar em diferentes planificações (anexo 4- Planificações), cada plano foi devidamente pensado, cuidado e preparado - constatando melhorias ao longo dos estágios, este ato tornou-se imprescindível na prática profissional, com o objetivo de (...) *assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola* (Mittler, 2000:25).

3.3. Aprender a Ser...

Para que o sucesso tome lugar na intervenção, os pontos já referidos devem ser cuidados e minuciosos, de modo a que se torne possível a aprendizagem para o sucesso dentro da sala de aula. Quanto à ação, e tendo em conta que *um bom professor é também aquele que procura, a cada passo inovar as suas práticas para melhor chegar a todos os alunos* (Cardoso, 2013:100), o professor estagiário, procurou

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

desenvolver atividades dinâmicas e diversificadas, promotoras de aprendizagem significativa. Como refere Silva e Sá (1993: 43), quando *se introduzem estratégias novas, as tarefas e os materiais utilizados são bastante diferentes dos aplicados em contexto escolar, procurando-se evitar a desmotivação e ansiedade que os estudantes possam sentir face a este tipo de actividades.*

Promovendo em cada aluno uma prática ativa, foi objetivado em praticamente toda a intervenção, a responsabilização pela própria aprendizagem, o que muitas vezes poderá ter originado algum ruído dentro da sala de aula. Embora propositado, o professor estagiário aguardava que todos os alunos se preocupassem pela própria aprendizagem, facilitando muitas vezes as atividades seguintes, do que a simples e talvez constante chamada de atenção. Deste modo, procurando motivar os alunos para a aula, procurava-se realizar atividades diversificadas, para que o aluno se motivasse para a sua aprendizagem, relacionando essas mesmas atividades com o conteúdo a ser trabalhado no momento (anexo 2.2).

É ainda de salientar que a área das expressões foi trabalhada de forma transversal neste nível de ensino e, muitas vezes, como forma motivacional, indo ao encontro dos interesses e habilidades dos alunos, tanto no 1º CEB, como no 2º CEB.

3.3.1. Intervenção 1ºCEB

Estudo do Meio

De acordo com o referido já no enquadramento, a criança tem por natureza interessar-se pelas atividades que envolvam algum dinamismo. No decorrer do estágio, o professor estagiário preocupou-se em trabalhar, sempre que possível, os conteúdos de modo a evitar os habituais manuais e fotocópias. Deste modo, dentro do estudo do meio, surgiram diversas atividades, nomeadamente a primeira intervenção, em que, dividida com o par pedagógico, foi dinamizada a atividade “O teu Mundo”, com os seguintes objetivos: colorir o mapa mundo (ver anexo 3.1- fotografia 1); nomear e localizar todos os continentes e oceanos; saber localizar o país em que residem no mapa mundo; identificar os países pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa; investigar costumes e características desses mesmos países. Desta atividade repartida, coube ao professor estagiário organizar todos os materiais e dinamizar o domínio da expressão plástica, onde com o mapa a preto e branco fora explorada a noção de terra e mar, e de seguida pelo embelezamento do mesmo mapa. Quando a diferença entre terra e mar já se encontrava perceptível, em turma e ordenadamente, começou-se a localizar e nomear os diferentes continentes e

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

oceanos, sendo os mais bem comportados os que teriam mais oportunidade de participar na devida identificação.

Dentro desta área, ao longo da prática profissionalizante, de acordo com o que o programa sugeria, realizaram-se algumas experiências que no final, fora comprovado que os conteúdos haviam sido adquiridos. Nomeadamente a experiência sobre o ar (anexo 4.1.3), em que a pergunta de partida se referia à ocupação de espaço por parte do ar e mais tarde o significado e origem do vento. Realizaram-se então duas experiências com os alunos, em que inicialmente eram colocadas hipóteses, durante o processo, questionavam-se as mesmas hipóteses, e mais tarde, comparava-se com os resultados. Promovendo o debate dentro da sala de aula com o que se poderia suceder com as mesmas experiências, os alunos partilhavam expectativas promotoras de conclusões. Para que essas mesmas expectativas, fossem colocadas à prova, com o devido comportamento dentro da sala de aula, os merecedores tiveram então oportunidade de participarem na mesma. No fim destas, e como já fora mencionado, a origem do vento surgira como questão. A melhor forma de alcançar a realidade, é experimentando. Para tal foi criado um vira-vento, tendo início na matemática, pela exploração do quadrado, e que formas se poderiam obter através de determinadas dobragens, dando então início à construção do vira-vento. Cada um responsável por personalizar e colorir o seu dispositivo pedagógico, com o auxílio de um adulto iam completando e experimentando o que acabaram de construir. Registavam individualmente no livro o que era necessário para o vira-vento circular, ou não, acabando por concluir que era necessário haver vento para o dispositivo girar, logo o vento era o ar movimento.

Quando abordado o tema da higiene oral, além de uma conversa sobre cuidados e regras que devemos adquirir nesta prática, optou-se por desenvolver algumas dinâmicas de modo a que, no momento da realização da higiene oral, estes se recordem do que fora falado e demonstrado na aula de estudo do meio. Esta atividade teve início com uma conversa em turma, sobre a importância desta prática, onde todos tiveram oportunidade de trocar ideias e histórias, terminando com a visualização de um vídeo do *youtube*, que mostrava as consequências e os riscos, da incorreção na lavagem dos dentes e o que isso poderia originar. Após uma leitura do que se deveria e como deveria fazer, foi entregue a cada um, uma pequena palha com pasta dos dentes e um copo com água (anexo 3- fotografias 2 e 3), para que fosse possível fazer uma simulação dentro da sala de aula, pondo em prática todas as regras que tinham sido referidas. Sendo esta atividade muito propícia a alguma agitação acrescida da turma, é possível referir que esta se realizou com sucesso, pois após a atividade, fora desenvolvido um pequeno questionário de verdadeiro e falso

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

com a devida correção das falsas, onde todos os conteúdos e regras, até ao momento referidos foram alvo de avaliação, onde praticamente toda a turma respondera de forma clara e assertiva.

Um outro conteúdo dinamizado dentro do estudo do meio, fora a necessidade da conservação de alimentos no frigorífico, utilizando o leite como exemplo, este foi dividido em dois frascos iguais e colocado em ambientes diferentes, um no frigorífico outro deixado ao ar livre dentro da sala de aula. Tal como as experiências com o ar, este momento de estudo do meio, foi iniciado com uma conversa, onde se recolheram opiniões, histórias e se criaram expectativas sobre o que aconteceria aos alimentos que permanecem fora do frigorífico. Assim que o registo das hipóteses e a descrição do aspeto físico de ambos os frascos fora finalizado, bastava aguardar até que algumas alterações se sucedessem, fazendo o mesmo registo nos dias seguintes. Visto que esta atividade teve início na última semana de intervenção do professor estagiário, só foi possível fazer um segundo registo da atividade no dia seguinte, embora a preocupação e o entusiasmos dos alunos sobre o sucedido se demonstrava estimulante para a concretização dos demais registos.

Português

Dentro do Português, o professor estagiário procurou promover o máximo possível atividades diversificadas, significativas e integradas. A hora do conto, sempre se demonstrou um ótimo mote para trabalhar alguns conteúdos. Dinamizando a hora do conto a par da utilização de programas interativos, onde se poderia ouvir o conto de histórias e fábulas já gravados, ao mesmo tempo que se ia acompanhando a leitura, este momento era realizado sempre com sucesso, visto que cada aluno mostrava interesse pela a audição da história, que no final seria discutida e explorada de forma oral e com toda a turma. A criação de um clima positivo e confortável dentro da sala de aula, originado pela hora do conto e pela saudável relação se ia construindo entre professor estagiário e os alunos, proporcionava bons momentos socializadores de debates e por vezes discussões significativas para o desenvolvimento e aprendizagem dos conteúdos a serem trabalhados. Dentro destes momentos, foi trabalhada a Hora do Conto (anexo 3.1- fotografia 4) onde se pode referir algumas histórias e fábulas significativas para a apreensão de conteúdos (ver anexo 4.1.2), histórias como: *Malditas Bruxas; A Bruxa Mimi; A Primeira Prenda do Pai Natal; O Tio Lobo*. E dentro das fábulas: *O Galo e a Raposa; A Raposa e as Uvas; A Raposa e o Lenhador*.

Uma pequena explicação sobre o que é uma banda desenhada, os elementos e regras que a constituem foram partilhados, servindo-se de exemplos por eles conhecidos, através de uma apresentação em *PowerPoint*. A construção da banda

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

desenhada, ficou à responsabilidade de cada aluno, fazendo uma mistura entre o texto e o desenho, constatando-se *o sucesso por parte de todos os que esta realizaram, pois devido à novidade, ao interesse e à dedicação que cada um aplicara nesta tarefa, surgiram trabalhos completamente diferentes mas ao mesmo tempo cumpridores do que era solicitado* (ver anexo 2.5).

Responsável por inserir um conteúdo novo, como os determinantes artigos definidos e indefinidos, o professor estagiário, partiu de um problema, para que, de forma intuitiva, os alunos conseguissem descobrir o que são os artigos definidos e o que são artigos indefinidos (ver anexo 4.1.4). Observando alguns erros no texto apresentado, estes foram apontados, onde de seguida todos tiveram oportunidade de os corrigir individualmente e de seguida em turma, debatendo e esclarecendo a utilidade de cada artigo. Assim se tornou possível construir o conhecimento em turma, de forma gradual evitando a simples exposição.

Outros métodos foram ainda utilizados nesta área de conteúdo, como por exemplo os jogos interativos na apresentação das fábulas, e também a relação com a expressão musical. No início do ano civil, são festejadas as janeiras de acordo com o nome do mês em que se inicia o ano. Apresentando aos alunos o que eram as janeiras, foi apresentada a música de José Afonso (Zeca Afonso), *O Natal dos Simples*, que além de fazer uma descrição das diversas alturas do ano, em geral é cantada, com o intuito de desejar a quem a ouve um ano próspero. Assim sendo e com um ensaio prévio dentro da sala, com o professor estagiário, a turma dirigiu-se a outras salas para desejar um bom ano e mostrar o que acabavam de ter aprendido.

Matemática

A dinamização desta área de conteúdo, surge logo na primeira intervenção individual do professor estagiário, na utilização do ábaco horizontal. Já utilizando o ábaco vertical no auxílio dos exercícios propostos pela professora cooperante, um pouco diferente deste primeiro, o horizontal insere-se para que a criança, além de fazer representação das dezenas e unidades, que seja capaz de realizar cálculos com o mesmo dispositivo. Para que então se tornasse possível a resolução individual desses cálculos, o professor estagiário, criou para cada aluno, um pequeno dispositivo pedagógico, onde estava representado um ábaco horizontal em papel plastificado. Este servia para cada um realizar os seus próprios exercícios a marcador, de modo a que fosse reutilizável as vezes necessárias. Coube então ao professor orientar a utilização desse mesmo dispositivo, propondo exercícios variados, aumentando gradualmente o nível de dificuldade (anexo 4.1.1).

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

Objetivando trabalhar a tabuada do 2, inicialmente o conceito de multiplicação deveria ser transmitido e adquirido ainda antes de estes pensarem nos números, deste modo, o professor estagiário dinamiza essa consciência através da expressão musical. No intervalo da manhã, o professor estagiário aproveita a ausência dos alunos para reposicionar as secretarias dos alunos, abrindo um espaço no meio da sala para a próxima atividade. Em roda, ensinou os alunos a cantar a música da pipoca, que consiste no cantar e no dançar, inicialmente sozinhos e de seguida a pares, em grupos de quatro, e assim sucessivamente, onde o conceito de multiplicação ia sendo instintivamente inserido, pelos termos de “dobro” e a “soma de um valor igual”. Colocando novamente as carteiras no lugar, o professor estagiário facultou a cada aluno, um pequeno leque com a imagem de um menino aos rapazes, e a imagem de uma menina às meninas. Com esse desenho, depois de colorirem o desenho tiveram de recortar essa mesma imagem do leque, originando na repetição da mesma forma do boneco já colorido, multiplicando por 5, devido às dobragens já realizadas no leque. Depois do esclarecimento de algumas curiosidades, como por exemplo, como se fazia esse leque, e o porquê da criação dessa atividade, os alunos mostraram-se esclarecidos e animados por colorir o que acabavam de ter multiplicado (ver anexo 3, fotografias 5, 6, 7).

Como forma de consolidar os conhecimentos, o professor estagiário no fim de abordar a tabuada do 2, promoveu um momento lúdico com as músicas de uma artista que promove a aprendizagem significativa através da música. Conhecida por muitas crianças, quando apresentada na sala aula os alunos acompanhavam o cântico adquirindo os conteúdos por brincadeira.

3.3.2. Intervenção 2º CEB

Português

No que confere às intervenções da área de Português ao 5º ano do 2º CEB, constatou-se alguma evolução por parte do professor estagiário, no sentido em que as suas intervenções com o decorrer do estágio profissional foram-se tornando mais eficazes, havendo um maior cumprimento da planificação da intervenção, bem como mais significativas para cada aluno, podendo chegar a cada um com mais facilidade devido ao conhecimento mútuo entre professor estagiário – aluno. Deverá ainda mencionar-se que as intervenções na área de português não se concentraram nas aulas de português. Tendo oportunidade de lecionar e trabalhar Hora e Leitura da Escrita (HLE), uma atividade de enriquecimento curricular, promovida pela instituição B, o professor estagiário além das aulas de Português concretizou algumas

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

intervenções também nesta disciplina responsável pela avaliação, embora diferente, da mesma área.

Cumprindo com os objetivos e aulas preparadas pelas professoras cooperantes, de Português e HLE, o professor estagiário promoveu algumas atividades significativas e interessantes para a aprendizagem do aluno, onde das quais salienta-se a intervenção nas duas disciplinas do mesmo dia. As mesmas focaram então a sua atenção na poesia. Desde análise sintática de dois poemas em Português e a análise de um poema, em HLE, quanto à sua estrutura bem como o significado que o poema pretendia transmitir.

De Português (anexo 4.2.1) é possível salientar um momento inicial da aula onde foi possível criar um ambiente positivo e descontraído de modo a que a aula fluísse com alegria e responsabilidade. Através da leitura do poema *Poemas da Mentira - A Sementeira*, de Luísa Ducla Soares, com diferentes entoações (a rir, a chorar e chateado) propiciou-se um momento simples e rápido deixando os alunos motivados para o desenrolar dos 50 minutos seguintes. Após a leitura de um segundo poema, *Poemas da Verdade – A Sombra* de Luísa Ducla Soares, foi realizada então a análise sintática de ambos os poemas relacionando-os, salientando também a construção de um acróstico com o nome de cada um onde teriam de escrever características pessoais.

No que se refere a HLE (anexo 4.2.2), tendo como tema principal o poema, este teve um início diferente. Organizando a turma em cinco grupos, distribuiu-se por cada grupo quatro versos de cada quadra do poema, em que o objetivo do grupo era organizar os versos de modo a que esta (quadra), fizesse sentido (anexo 3.2- fotografias 8, 9 e 10). Após a apresentação de cada grupo e análise do poema, quanto ao esquema rimático, estabeleceu-se uma rápida conversa em que foi possível resumir o que tivera sido trabalhado na mesma aula, bem como o que fora referido na aula anterior de Português, no que se refere à interpretação e transmissão de ideia dos diferentes autores. Concluindo então, em turma, que os poemas analisados podem transmitir, ideias, sentimentos, emoções e que quando lidos parecem emitir alguma musicalidade. Ao finalizar com a partilha das ideias dos alunos, o professor estagiário, refere que ao ler o poema também o terá interpretado de uma forma um pouco diferente. Termina então a aula com o professor estagiário a musicar o poema trabalhado, ao som da guitarra (anexo 3.2 – fotografia 11).

Matemática

Dentro da área da matemática as intervenções realizadas procuraram tornar esta área o mais concreta possível, colocando em cima da mesa os problemas

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

perceptíveis ao aluno. Por outras palavras, partir do concreto para o abstrato. Assim sendo, foi trabalhada a relação entre os lados do triângulo de forma a que estes compreendessem que “só é possível construir um triângulo se a soma de dois lados for maior que o terceiro lado” (definição matemática) (anexo 4.2.3). Uma conclusão descoberta em turma a partir de uma experiência realizada que envolvia palitos e plasticina (anexo 3.2- fotografias 12 e 13). Atribuindo a cada mesa (grupos de dois alunos) três bolas de plasticina e cinco palitos de tamanhos diferentes (2cm, 3cm, 2 de 4cm e 7cm), estes foram convidados a experimentar construir o máximo de triângulos possível com esses dados, utilizando os palitos de diferentes comprimentos unindo-os com plasticina. Após algum barulho, saudável, de debate com o colega de carteira, todos concluíram que só era possível construir o triângulo com dois conjuntos de palitos (2cm, 3cm e 4cm; 2 de 4cm e 7cm), concluindo então a definição inicialmente apresentada. Uma aprendizagem que fora adquirida a partir do aluno, a partir das experiências realizadas com o material fornecido pelo professor estagiário.

De igual modo, mas dentro das noções estatísticas (anexo 4.2.4), para que a aprendizagem partisse do aluno, fora entregue a cada aluno um pequeno papel para que estes seleccionassem o sabor preferido de gelado. Criando uma amostragem para uma análise de dados, para que a partir dos mesmos fosse possível analisar a sua distribuição, contabilizando, calculando a frequência absoluta e relativa, bem como a percentagem dos resultados obtidos. A atividade foi finalizada com a apresentação das regras e a devida construção dos gráficos de barras e barras duplas.

Ciências Naturais

No âmbito das Ciências Naturais, as intervenções realizadas procuraram ser o mais práticas e ativas dentro dos possíveis. Desse modo, pode então constatar-se alguma diversidade nas intervenções, como por exemplo: aulas abertas ao dialogo e à troca de opiniões bem como experiências; trabalhos de grupo e apresentações; experiências e atividades. Trabalhando uma área muito propícia às aulas dinâmicas, o professor estagiário teve o cuidado de adaptar os conteúdos às intervenções, através de aulas mais ou menos expositivas, de acordo com a necessidade dos conteúdos.

As intervenções eram então apresentadas com o suporte de um *PowerPoint* ou *Prezi*, de modo a expor parte dos conteúdos de modo a que o aluno tivesse voz ativa na sua aprendizagem, ao ler, explicar e questionar o que era apresentado. Como já referido, proporcionou-se também uma atividade, esta desenvolvida em parceria com o par pedagógico, ao abordar o tema do “tabaco, álcool e outras drogas”, promoveu-se um trabalho de grupo onde, devidamente divididos pelos professores estagiários, teriam de apresentar um cartaz de sensibilização ao não consumo dessas drogas

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

(anexo 3.2- fotografias 14, 15, 16, 17 e 18; anexo 4.2.5). Fornecendo os materiais necessários para a construção dos mesmos cartazes, no fim do tempo estabelecido teriam de apresentar à turma (anexo 3.2- fotografia 19). Além destes terem de organizar as ideias em grupo, deveriam ser o mais criativos possíveis nesse mesmo alerta, utilizando os mesmo cartazes para expor na sua escola. Nessa mesma intervenção, ainda com o par pedagógico, e numa iniciativa com recurso ao método experimental, proporcionou-se uma experiência de acordo com o tema, “A Garrafa Fumadora” (anexo 3.2- fotografia 20), que consistia na demonstração do estado de um pulmão de um cidadão que fume (anexo 4.2.5- anexo I). Esta desenvolveu-se após a demonstração dos passos e apresentação dos materiais necessários, de modo a que o aluno fosse o mais autónomo possível na sua construção, onde os professores estagiários se limitavam em orientar a mesma experiência. Tendo em conta o desenvolvimento da aula, o desempenho dos alunos no envolvimento da experiência bem como a cooperação e criação do cartaz, a aquisição dos conteúdos, mostrou-se um sucesso nas devidas apresentações, em que a participação fundamentada demonstrava a aquisição dos conteúdos por eles trabalhados.

Dando continuidade aos conteúdos a abordar, seguia-se a “higiene pessoal e social”, um tema mais acessível à aquisição devido ao facto de se tratarem de assuntos com que estes se deparavam no dia a dia (anexo 4.2.6). Deste modo, a intervenção decorreu com suporte a um *Prezi* onde estavam expostos os temas a abordar, bem como os exercícios a resolver. Procurando, mais uma vez, centrar a aprendizagem no aluno, o professor estagiário ativamente orientava os alunos, questionando de forma objetiva os alunos quanto aos seus hábitos, deixando-os completar-se uns aos outros promovendo nos mesmos a cooperação e o respeito pelo outro. No fim, concretiza-se uma pequena atividade de lavagem das mãos, após a apresentação dos devidos passos na ação, com álcool em gel, próprio para as mãos, e com as orientações do professor estagiário proporcionou-se um momento onde o lúdico invadiu a sala de aula.

Ainda dentro desta área e na última aula de ciências, o tema a abordar seria a “Poluição” (anexo 4.2.7). Onde o sumário não ocupou os primeiros momentos, criando ali um espaço para um pequeno jogo por eles conhecido, o *pictionary* (anexo 3.2- fotografia 21). Seleccionando quatro participantes, estes tinham como função representar em desenho o que o professor estagiário acabara de lhes dizer ao ouvido, deixando o resto da turma adivinhar. Representado no quadro e adivinhado pela turma, facilmente descobriram o tema da aula que se repetia na conclusão do jogo. Poluição do ar, poluição dos solos, poluição da água e poluição sonora. Apresentando-se também um tema em que muitos conhecimentos já seriam adquiridos,

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

intencionalmente se apresentou numa aula de esclarecimento mútuo, onde o professor estagiário, como já mencionado, aplicava os conhecimentos de modo a completar e orientar as ideias dos alunos, procurando sempre recolher o máximo de informação possível.

História e Geografia de Portugal

Inesperadamente, as intervenções realizadas nesta área, apresentaram como as mais completas, no sentido em que tanto a planificação como a dinamização da aula se apresentaram como as mais estimulantes.

Cumprindo com os objetivos da professora cooperante e transmitindo os conteúdos com sucesso, o professor estagiário constatou uma melhoria no seu desempenho profissional de umas intervenções para as outras. Após a observação do desempenho da cooperante, as aulas promovidas pelo professor estagiário procuraram não fugir muito à realidade dos alunos, sendo o debate e o diálogo com a turma uma estratégia adotada apresentando-se como eficaz na aprendizagem significativa. Salienta-se destas intervenções as intenções e interações do professor estagiário para os alunos e com os alunos.

Para dar início ao assunto das obras públicas, o conhecimento já adquirido dos alunos era fundamental (anexo 4.2.8). Como tal, esta teve início com uma recolha de dados e esquematização dos mesmos, pois conscientes do que era pretendido por Salazar naqueles tempos, foram referindo algumas obras em que a atenção fora centrada. Com o decorrer da aula, as obras em foco foram surgindo com as devidas intencionalidades da sua construção, onde ao mesmo tempo eram riscadas no quadro. Para que a história hoje apresentada não se mostra-se muito longínqua, as imagens apresentadas procuraram ser o mais recentes possíveis, onde os alunos acabavam por reconhecer esses mesmo edifícios, compreendendo agora o sentido dos mesmos (anexo 3.2- fotografia 22).

Já um pouco diferente desta última, a intervenção realizada, agora na área da geografia, partia da análise de imagens e gráficos pelos alunos (anexo 4.2.9). Baseada na referida análise individual, assim que o seu gráfico surgisse no *PowerPoint* estes identificavam-se e referiam o que a imagem lhes sugeria. Distribuindo uma fotocópia por quase toda a turma, é possível referir que cada um teve uma voz ativa na aprendizagem de todos, pois mesmo os que não tinham fotocópia eram convidados a participar pelo professor estagiário. Dando voz ao aluno este sentia-se ativo na sua aprendizagem e ao mesmo tempo responsável pela aprendizagem dos colegas, procurando ser o mais minuciosos possível sem deixar escapar nenhum pormenor da informação que continha.

3.4. Formar e Regular

Como um meio facilitador e promotor do progresso, a avaliação tende além da classificação a melhoria. Mas, só se torna possível se o avaliador considerar que a *avaliação é um “processo técnico”, mas também “um fenómeno moral”, pois não se pode avaliar sem se ter em consideração os valores, o sentido de justiça e o respeito pelos avaliadores e avaliados* (Guerra, 2003:13). Para o professor estagiário, agregado a estes valores, constatamos um objetivo que mesmo involuntariamente, tende a ser importante na prática de um avaliador e de um avaliado. A procura pela melhoria dos resultados e da aprendizagem dos conteúdos, faz da avaliação além de uma obrigação, uma necessidade. Pois, *a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que vai traduzir numa descrição que informa professores e aluno sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades* (Ribeiro e Ribeiro, 2003:337).

Na prática realizada, observou-se que o professor estagiário apesar de não desenvolver instrumentos de avaliação diversificados, estes eram tidos em conta, tornando-os facilitadores da percepção da aprendizagem ou não do aluno, bem como da aplicação das estratégias dentro da sala de aula, se seriam as mais indicadas (anexo 2.3 e 2.5). Como refere Ferreira (2007:28), *o professor assim como o aluno, deve poder “corrigir” a sua acção, modificando, se necessário, o seu dispositivo pedagógico, com o objetivo de obter melhores efeitos (...)*. O professor estagiário, além das avaliações semanais realizadas (anexo 2- Avaliações), onde constatava o sucesso ou insucesso de determinadas atividades, quando necessário desenvolvia grelhas de avaliação, da concretização das atividades dos alunos, indicando dificuldades e aspetos a melhorar por parte de cada aluno (anexo 4.1.1). A par de toda esta avaliação, encontrava-se mais que intrínseco na prática do professor estagiário, o constante acompanhamento na resolução dessas mesmas atividades, adaptando as suas estratégias e métodos, para o sucesso na concretização das aprendizagens da turma e de cada um.

Esta noção de avaliação, tendo em conta valores, como respeito e justiça, objetivando a melhoria, deverá ser algo eminente, na prática profissional de um professor, mas também no próprio dia a dia. Este ato não se restringe à educação, pois *avaliação é uma palavra que está na ordem do dia em todos os sectores na sociedade moderna. Também o está na educação* (Fiolhais, 2012: 7).

Procurando ser objetivo e conciso, os instrumentos de avaliação utilizados, apresentaram-se em dois diferentes tipos de registo. Os escritos centraram-se em reflexões das intervenções e grelhas de avaliação; como evidências encontramos

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser também alguns registos digitais como vídeos e fotografias, que apresentam alguns resultados das aprendizagens dos alunos (anexo 3 – Registo fotográfico).

Considerações Finais

O presente relatório, bem como toda prática desenvolvida, ao longo deste ano curricular, mostraram-se essenciais para que, num futuro bem próximo, sejamos capazes de desempenhar o melhor possível a responsabilidade que decidimos abraçar ao escolher a via da educação, não como uma obrigação mas, como um modo de vida. Assim sendo, como refere Mendonça (2002:98), *a nossa forma de intervir é o espelho do que somos e dos valores que nos sustentam*. Hoje em dia já não se espera de um professor apenas como um conhecedor, mas sim como um exemplo, tanto pelos conhecimentos e aprendizagens promovidas aos seus alunos, bem como pelos valores que este fomenta dentro e fora da sala de aula. Acrescenta ainda Cardoso (2013:60) que, *o professor é a janela através da qual a criança vê o mundo*. Pois deste modo, não se espera outra coisa que não uma grande responsabilidade ao professor no que confere à formação de cidadãos ativos para o mundo, bem como o futuro do país. Tendo em conta este mesmo cuidado, e segundo Pinto (2004:120), encontra-se expressamente descrito no sistema educativo de Portugal um grande investimento *na tarefa de formar cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários” preparando-os para uma “participação responsável nas distintas actividades e instâncias sociais*. Refere ainda que, para que se torne possível esta promoção do desenvolvimento cívico do aluno, as escolas deverão *disponibilizar as informações e as chaves para a compreensão das decisões e práticas políticas, (...) e motivar os jovens para a participação* (Pinto, 2004:120).

De acordo com os referidos ideais educativos, as intervenções promovidas pelo professor estagiário, além da partilha de conhecimentos aos alunos, centravam-se grande parte na promoção de valores cívicos, perspetivando-se assim,

(...) uma criança “cidadã”, com poderes de questionar a realidade, de ter voz e participar nas decisões relativas aos seus interesses, sendo também conhecedora dos conteúdos da Convenção que lhe garantem o direito à vida, à educação, ao alimento ao afecto, à dignidade, ao respeito ou à liberdade de expressão... (Trevisan, Cavalcanti, Gonçalves, Gonçalves e Silva, 2010:2).

Para que fosse possível promover os devidos valores, o foco direcionava-se para o *Aprender a Ser*. Como já referido, uma expressão que engloba aprendizagens promotoras de um desenvolvimento transversal enquanto pessoa. O conhecimento, o desenvolvimento da prática, bem como a devida relação criada, proporcionam um ambiente muito convidativo ao sucesso do aluno. Todavia, por vezes a promoção destes saberes apresentava alguma inércia pois as atenções podiam-se dispersar devido às demais preocupações do profissional na sua intervenção, visto que a par dos alunos, embora de forma diferente, o professor estagiário se encontrava numa

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

constante aprendizagem. Um aspeto que com satisfação se pode constatar no professor estagiário, pois ao longo dos estágios realizados, este fora-se aproximando do que se pretende de um profissional na educação.

Como referido na reflexão das expectativas quanto ao PES II, não é impossível dominar todos os conteúdos das quatro áreas a lecionar; no entanto, avalia-se esta nova etapa como um grande desafio, procurando o rigor em cada uma, pois como refere G. Mialaret, *não se ensina o que se sabe ou julga saber, ensina-se o que se é* (Monteiro, 2007:15) (anexo 1.3). Ainda assim, o caminho realizado para a aproximação do perfil que idealiza para o seu futuro enquanto professor, reconhece-se que pequenos aspetos necessitam, ainda, de uma atenção acrescida, procurando, desde cedo, *ser mais e melhor* de dia para dia, superando-se em pequenos pormenores bem como em áreas que não acreditava ser possível - *no present exists without a past or a future without both* (Trevisan, 2005:2).

Ao avaliar o seu percurso como o caminho certo para o seu sonho de adolescente, tornar-se professor, como ser resiliente, guardara as críticas apresentadas no fim das intervenções como catapulta para as seguintes. Como refere Robinson (2010:27), *se não tivermos preparados para errar, nunca faremos nada de original*. Desse modo, sempre procurou o *feedback* pelos presentes na sala, como os pares pedagógicos, as professoras cooperantes e as orientadoras, pois envolvido na aprendizagem para a docência, tinha sempre em conta o dever do *bom professor*. Paraphrasing Cardoso (2013:87/88), o bom professor *é aquele que prepara os seus materiais, esclarece dúvidas de forma clara é pontual, demonstra entusiasmo no que leciona, é dinâmico(...), encoraja a participação dos alunos, mostra disponibilidade(...), cria momentos de reflexão e diálogo, promove a autonomia e a aprendizagem ativa, é justo, consciente, delicado e promove a autoestima*. Ora, *no quadro da consideração da cidadania infantil, os direitos da criança à participação, ao uso da voz e da palavra e da inclusão das suas próprias perspectivas nos mundos que habita são fundamentais, constituindo-se o direito de pertença a uma comunidade específica, à procura de legitimação de interesses, de decisões tomadas pelo coletivo das crianças, de participação nas decisões que as afetam diretamente, como centrais nesta análise* (Trevisan, 2011:1).

Não podemos deixar de referir que a prática pedagógica defendida ao longo de todo o percurso académico e estágio profissional, foi sempre ao encontro dos valores defendidos pelo professor estagiário adquiridos da sua vivência escutista. Procura assim, mesmo na sua vida quotidiana, promover esses valores a quem o rodeia, dando especial atenção a quem ainda se encontra a enriquecer a sua personalidade. Defende ainda que a pedagogia que envolve este movimento, encontra-se muito

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

relacionada com a educação procurada das paredes de uma sala de aula, onde o educador e o dirigente, além da transmissão de conteúdos, têm à sua responsabilidade a formação de cidadãos ativos, como exemplo para a sociedade. Centrando-se em alguns valores, como por exemplo: honra, compromisso, obediência, autonomia e respeito pelo próximo; este movimento, tal como requisitado ao *bom professor*, defende que o jovem aprende fazendo, aprende vivenciando e aprende convivendo. Salienta-se ainda que, *quando se trabalha de bom humor, o trabalho transforma-se em prazer, e esta alegre disposição torna também alegres os outros* (Baden-Powell, 2004:284). Aprender e ensinar com alegria, pode por vezes tornar-se difícil, todavia quando todos envolvidos neste mesmo ambiente, promotor da aprendizagem rica, o ato de ensinar, passa de uma profissão a um prazer, sendo esse o principal objetivo do professor estagiário na ação da educação.

Referências Bibliográficas

- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Baden-Powell, R. (2004). *Escutismo para rapazes: manual de educação cívica pela vida ao ar livre*. Corpo Nacional de Escutas.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardoso, J. R. (2013). *O professor do futuro*. Lisboa: Guerra & Paz.
- Carneiro, R. (2003). Do sentido e da aprendizagem: a descoberta do tesouro, *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, nº2. Lisboa: Universidade Católica.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classe: uma estratégia de formação de professores*, 3ª Edição. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Estrela, M.^a T. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. Coleção Ciência da Educação, 2ª Edição. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Fiolhais, C. (2012). *A avaliação dos alunos*. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gonçalves, D. (2010). *Complexidade e identidade docente: a supervisão pedagógica e o (e) portefólio reflexivo como estratégia (s) de formação nas práticas educativas do futuro professor*. Um estudo de caso, Vigo: Universidade de Vigo, Tese de Doutoramento.
- Guerra, M. (2003). *Uma sela no alvo*. Porto: Edições ASA.
- Hargreaves, A. (2004). *O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança*, Porto: Porto Editora.
- Jesus, S. N. de (1996). *Influência do professor sobre os alunos: relação pedagógica: gestão da indisciplina: motivação dos alunos*. Porto: Edições Asa.
- Jornadas da Prática Pedagógica do Ensino Básico “Ser Professor do 1º Ciclo”, Braga, 2004 (2005). *Ser professor do 1º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Almedina.
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e Aprender por Projetos*. Porto: Edições ASA.
- Mittler P. (2000). *Educação Inclusiva: Contextos Sociais*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Moraes, M. (2005). *O Paradigma Educacional Emergente*. São Paulo: Papirus.
- Morgado, J. C. (2005). *Currículo e profissionalidade docente*. Porto: Porto Editora.
- Nunes, J. (2000). *O professor e a ação reflexiva portfolios “vês” heurísticos e mapas de conceitos como estratégias de desenvolvimento profissional*. Lisboa: Asa Editora.

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

- Oliveira, A. e Machado, C. et al. (2007). *Métodos, Técnicas e Jogos Pedagógicos: Recurso didático para formadores*, Braga: Expoente.
- Pacheco, J. A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora.
- Pinheiro, A. (2007). *O educador como prático reflexivo*, *Cadernos de Estudo*, n.º6, Porto, ESE de Paula Frassinetti, pp. 129-142.
- Pinto, F. C. (2004). *Cidadania, sistema educativo: sistema educativo e cidade educadora*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda.
- Ribeiro, A. e Ribeiro, L. (2003). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robert, P. (2010). *A Educação na Finlândia. Os segredos de um sucesso*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.
- Robinson, K. (2010). *O elemento*. Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. (2009). *Estratégias de Ensino: o saber agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Roldão, M. e Alonso, L. (2005). *Ser professor do 1º ciclo construindo a profissão*, Coimbra: Almedina.
- Silva, A. e Sá, I. de. (1993). *Saber estudar e Estudar para Saber*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, 3.º Volume Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trevisan, G. (2012). *Cidadania e participação: uma proposta de análise das competências de tomada de decisão das crianças na escola*. In V Encontro do CIED “Escola e Comunidade”. Lisboa: CIED.
- Trevisan, G., Cavalcanti, J., Gonçalves, D., Gonçalves, J. L. A. e Silva, C. V. (2010). *Criança, Sujeito de Direitos: a Infância que se ergue: breve fundamentação*. *Saber & Educar*, nº15. Porto: ESE de Paula Frassinetti. <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/download/99/68> (consultado em 25.06.2015)
- Trevisan, G. (2005). Love and affection among children – the social construction of feelings in peer interaction. *Children and Youth in Emerging and Transforming Societies*. Norway: University of Oslo. 29 June – 3 July. http://repositorio.esepf.pt/bitstream/10000/350/2/Artigo_Gabriela_paper_oslo_ingles.pdf (consultado em 25.06.2015)
- Trindade, R., Cosme, A. (2010). *Educar e aprender na escola: questões, desafios e respostas pedagógicas*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Theodorson, G.A. and Theodorson, A.G. (1970), *A Modern Dictionary of Sociologie*. <http://books.google.pt/books?id=A8IOAAAQAAJ&pg=PA142> (consultado a 25.06.2015).
- Vayer, P. e Roncin, C. (1994). *Psicologia Actual e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

Legislação

ME, Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto

MEC, Decreto-lei 139/2012, de 5 de Julho

Documentos das Instituições

Instituição A

Plano e Trabalho de Turma

Projeto Educativo

Regulamento Interno

Plano Anual de Atividades

Instituição B

Plano e Trabalho de Turma

Projeto Educativo

Regulamento Interno

Plano Anual de Atividades

Anexos

Anexo 1 – Reflexões

Anexo 1.1 – *Planificar*

Uma planificação é sem sombra de dúvida uma grande ferramenta de ensino, quando o objetivo de uma aula se foca em transmitir partilhando conhecimentos, conteúdos e valores a uma criança que se encontra pronta para sugar todo o tipo de informação para a formação do seu ser. Quando perante uma turma o professor se depara com uma grande variedade de crianças, com diferentes formas de pensar, agir e aprender, este deverá saber chegar a cada uma delas, acompanhando o seu desenvolvimento de forma gradual, sem rejeições ou sobrevalorizações, por outras palavras generalizando de forma individual. Um pequeno contrassenso que quando percebido e levado a sério pode ditar o sucesso e ao mesmo tempo felicidade na aprendizagem. Para que isto corra como aqui escrevo, não chega ir para dentro da sala e falar do tempo lá fora, planificar vai simplificar imenso.

Esta ferramenta de trabalho que é imprescindível num professor, não é, ou pelo menos não deverá ser para ninguém, um documento intocável depois de elaborado, este é versátil e exigente pois está em constante alteração. Não existe uma planificação perfeita, por esse motivo é bem mais fácil deixar sempre algum espaço para um acrescento aqui e outro ali, pois grande parte da planificação surge no momento e de forma espontânea, a qual não deve ser ignorada só porque simplesmente não está no papel. Por esse motivo defendo que cada planificação deverá ser 95% trabalhada e estudada deixando os restantes para a própria aula. Na preparação desta tal percentagem, é exigido algum tempo ao professor fora das quatro paredes escolares, pois entre 10% a 20% do tempo semanal de um docente foca-se na planificação das suas aulas. Sem dúvida um trabalho exigente mas, como já referi, muito mais simples para o sucesso da própria aula.

Este tempo “perdido” a planificar nunca poderá ser dispensado mesmo já sendo possuidor de uma planificação anual, trimestral ou mensal. Uma planificação diária não é substituída por qualquer uma anterior já referida, esta torna-se importante no sentido em que é específica, trabalhada e direcionada a cada aluno, pois cada um tem um ritmo diferente de aprendizagem, e uma criança que acabe o trabalho primeiro que outra não deve ser “esquecida” ou simplesmente entretida com alguma tarefa momentânea. Debruçar premeditadamente sobre estes pequenos pormenores pode ditar o êxito escolar, ou não, de um aluno. Conforme é necessário ter em conta o

tempo de aprendizagem outros aspetos são igualmente importante, que devem também ser pensados e trabalhados numa planificação, como por exemplo: saber adaptar matérias, utilizar diferentes atividades, variar os objetos de aprendizagem e avaliar.

Tal como a variação de tempo para a aprendizagem da criança, saber adaptar a matéria que é essencial para uma melhor aquisição de saberes e conteúdos. Lecionar para uma turma, exige alguns cuidados, mas fazer com que esta seja adquirida por todos já pode ser uma tarefa mais fácil, aqui entra a necessidade de individualizar. Dar mais importância num ponto e menos noutra enquanto se dá a aula, tendo em conta a dificuldade de um aluno em específico, pode-se trabalhar mais com toda a turma esse mesmo aspeto para que possamos passar ao próximo. Utilizar diferentes atividades e variar os objetos de aprendizagem encontram-se relacionados, no sentido em que ambas preocupações existem para estimular e cativar a criança para a auto aprendizagem, sendo estimulada com diferentes e novos materiais, de diferentes formas tornando a partilha dentro de uma sala de aulas muito mais fácil, sendo somente necessário saber dirigi-la. Por fim o avaliar que além dos aspetos mais complicados a ser trabalhado é também dos mais importantes, visto que tem a função de informar em que ponto está a situação de cada aluno, o que já apreendeu, em que é que tem mais dificuldade, que aptidões se sobressaem e de que forma poderemos aproveitá-las e explorá-las, para uma contínua progressão gradual na aprendizagem e formação do futuro cidadão ativo.

Em suma, planificar não requer muita ciência, mas algum tempo e dedicação serão necessários, bem como sensibilidade para trabalhar cada planificação não centrada no currículo, ou escola, mas sim centrada no aluno.

Anexo 1.2 – A Primeira Semana

Neste estágio em 1º ciclo, com uma turma do 2º ano, como professor estagiário, tive a oportunidade de logo no primeiro dia contactar com um aluno com algumas dificuldades. Apesar de momentos antes ter sido informado pela professora cooperante das dificuldades de alguns alunos, nesse mesmo dia, baralhando um pouco as informações, acabei então por passar, por uma situação que tão cedo não irei esquecer.

De forma involuntária, pedi simplesmente ao aluno que interpretasse a pergunta do manual, quando na verdade, este só sabia ler as sílabas das palavras, sendo por conseguinte difícil a sua leitura na íntegra, bem como a percepção do seu significado. Enquanto este dispersava constantemente, era chamado à atenção, até que concluísse o pedido.

No momento em que me foi informado pela professora que este não sabia ler, senti que a minha abordagem não fora a indicada. Em relação ao aluno, parti do princípio que este se encontrava apto *...a entender e a interpretar a comunicação escrita...*, desconsiderando o facto de que *Muitas crianças de 6 anos ainda não aprenderam como interpretar construções...* embora *...sejam capazes de usar e entender a palavra corretamente em outras sentenças.* (Papalia et al, 2009 : 363/364). Tendo no momento como objetivo dar atenção a outros alunos, depois do auxílio da professora cooperante, rapidamente adaptei a minha postura e cuidados com o aluno, acabando por finalizar o exercício com sucesso muito mais rápido. Procurei que este se tornasse capaz de *...traduzir os sinais existentes em uma página em padrões de som e significado.* (Papalia et al, 2009 : 365)

Consciente de que *A intervenção do adulto deve (...) ser compreendida como uma organização progressiva dos estímulos e uma valorização das respostas positivas...* (Vayer & Roncin, 1994 : 147), refleti sobre a minha intervenção com o aluno e prontamente me corrigi. Por outro lado, vejo agora este pequeno momento, do qual não surtiu qualquer tipo de efeito colateral, como algo positivo na minha formação enquanto professor. A partir de agora estarei alertado para eventuais situações semelhantes, passando a dar sempre os primeiros passos com o pé direito.

Procuro com cada experiência, positiva ou menos positiva, enriquecer o perfil de professor que idealizo para o futuro, cada vez mais próximo. Pretendo *... explicar o facto evidente de que os comportamentos diante de uma mesma tarefa são diferentes de uma pessoa para a outra.*(Vayer & Roncin, 1994 : 154).

Bibliografia

- Papalia, D. E. Olds, S. W. Feldman, R. D. (2009). *O Mundo da Criança*, 11ª edição. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana Editores.
- Vayer, P. e RONCIN, C. (1988). *Psicologia Actual e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Anexo 1.3 – Espectativas PES II

Após o estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico, presente no último semestre do mestrado, é iniciada prática supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico. Diferente da primeira, reserva-se um (pequeno) receio quanto à mesma, no que se refere a conteúdos e postura do professor nesta valência, como se irá especificar em seguida.

Quanto à formação de um profissional no ensino, Basílio e Nogal (2000:41) citam do artigo 33.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, alguns princípios em que qualquer docente se deverá guiar, como por exemplo: *formação inicial de nível superior, proporcionando (...) os métodos e as técnicas científicos e pedagógicos de base, bem como a formação pessoal e social adequadas ao exercício da função;*, *formação integrada que no plano da preparação científico-pedagógica quer no da articulação teórico-prática;*. Estes princípios, mostram a necessidade e o cuidado que deverá existir na prática profissional enquanto professor, onde por vezes, para um mestre de 1º e 2º CEB, poderá demonstrar-se complicado, lecionar quatro áreas de conteúdo com a mesma qualidade. A formação e a aquisição dos conteúdos específicos tornam-se então um receio, quando se procura *Orientar o exercício das suas funções por critérios de qualidade, procurando o seu permanente aperfeiçoamento e tendo como objetivo a excelência;* (Basílio e Nogal, 2000:35). Não é impossível dominar todos os conteúdos das quatro áreas a lecionar, no entanto, avalia-se esta nova etapa como um grande desafio procurando a excelência em cada uma, pois como refere G. Mialaret, *não se ensina o que se sabe ou julga saber, ensina-se o que se é* (Monteiro, 2007:15).

Avançando um pouco além do ambiente da sala de aula, o *...professor é, antes de mais, educador, ou seja, exerce nos seus alunos uma influência geral, tanto maior quanto menor for a sua idade. É uma referencia privilegiada na formação da sua personalidade.* (Monteiro, 2007:16). Além da responsabilidade na partilha de conhecimentos, este deverá ser um exemplo para cada um, espelhando valores de modo a que voluntária ou involuntariamente, possa contribuir positivamente para a formação de futuros cidadãos. Sendo então um aspeto que se irá procurar promover em cada aluno.

Na reta final da sua formação, o professor estagiário dedica-se a aprender e partilhar com os alunos, tendo em vista a formação de homens e mulheres do futuro, ativos e capazes, recolhendo, se possível, as melhores recordações das intervenções a realizar. Para tal, e como qualquer profissional da educação, o professor estagiário pretende, como já refere anteriormente, orientar a sua prática, tendo em conta algumas competências, como por exemplo: a realização de um trabalho continuado,

para que se torne possível *fazer mais e melhor*; a constante adaptação, ou readaptação, de métodos e demais intervenções a realizar; bem como a transmissão, não só de saberes como de valores para o quotidiano, tornando assim a excelência uma palavra para os dias de hoje.

Bibliografia

Monteiro, A. R. (2000). Ser Professor. *Inovação*, 13(2-3). Lisboa: IIE. pp.: 11-38.

Basílio, A. e Nogal, J. (2007). *O Novo Estatuto da Carreira Docente*. Porto: Edições Asa.

Anexo 1.4 – Objetivos a atingir

Ao final da 2ª semana do presente estágio, o professor estagiário procura avaliar um pouco o ambiente e o que já fora aos poucos constatando, para que seja possível fazer uma intervenção eficaz. Neste sentido, uma pequena análise sobre a turma onde a intervenção irá decorrer, terá sido necessária, bem como o método de trabalho e a postura de cada docente, não confundindo os alunos com estratégias que os mesmos não se encontram habituados a utilizar.

No que se refere às turmas, houve uma pequena mudança visto que preferencialmente os professores de Português e Matemática do 6º ano do CEB, haviam estruturado as aulas de modo a preparar o melhor possível os seus alunos para os exames nacionais, passando as observações das mesmas áreas para uma turma do 5º ano. Esta pequena mudança sugere então uma preocupação e trabalho acrescido para o recorrente estágio, no entanto, mostra-se também muito promotora para a noção de diferentes realidades dos diferentes anos curriculares. Ficando então responsável por lecionar Português e Matemática do 5º ano, História e Ciências de 6º ano, espera-se que a adaptação aos jovens, aos conteúdos, e às distintas responsabilidades, se tornaram em aspetos positivos para uma melhor preparação enquanto futuro professor. Ambas as turmas, com quem o professor estagiário interage, se demonstraram empenhadas interessadas e organizadas, salvo três exceções, todos os alunos se apresentam cumpridores das qualidades já mencionadas. Os três casos que se deverão salientar, são casos em que o professor estagiário deverá direcionar mais a atenção, sendo eles dois com algumas dificuldades no acompanhamento dos conteúdos e um terceiro de mau comportamento. Os primeiros mencionados, encontram-se um em cada turma, onde ao aluno do 5º ano, lhe é proporcionada uma adaptação quanto à avaliação sumativa, com dificuldade na interpretação, recebe uma atenção acrescida por parte dos docentes de modo a que cumpra com as metas e conteúdos propostos ao seu ano curricular. Não muito diferente encontramos na turma do 6º ano, um outro aluno que de igual modo necessita de algum acompanhamento, um acompanhamento diferente pois a dificuldade reside na escrita, onde o aluno, por vezes, não demonstra uma caligrafia perceptível, bem como certidão da sua própria redação. Quanto ao aluno já mencionado, este não apresenta, até ao momento, qualquer tipo de dificuldade na sua aprendizagem, no entanto, o seu comportamento dentro da sala de aula possa afetar um pouco o funcionamento das aulas, sendo para qualquer professor um desafio manter o aluno focado no trabalho que realiza.

Começando a trabalhar para as primeiras intervenções, o professor estagiário, sempre que possível solicitava a atenção dos professores titulares para conversar um pouco sobre as mesmas. Que cuidados deveremos ter? Que aluno é que poderá necessitar de algum acompanhamento? Quais os conteúdos a lecionar? Estas foram então algumas perguntas de partida, que tornaram possível o início do trabalho para o sucesso das intervenções. Devido a este estágio ainda se mostrar uma novidade, por vezes o funcionamento com os professores poderá demorar, realizando as primeiras planificações sobre o joelho, mediante a disponibilidade de cada professor. Aprender a funcionar com pessoas diferentes, procurando os mesmos objetivos, torna-se então um desafio para o professor estagiário. Preocupado com o que irá trabalhar em cada intervenção, este deverá estar apto a construir e reformular os materiais, sempre que necessário de modo a realizar uma intervenção mais eficaz. Por um lado avizinha-se um estágio trabalhoso, mas ao mesmo tempo desafiante devido às adversidades que certamente irão surgir, e também ao facto do professor estagiário já se encontrar na reta final da sua formação enquanto professor do 1.º e 2.º CEB.

Em suma, estes primeiros momentos de estágio mostraram-se muito úteis para que se torne possível, a realização de uma prática significativa tanto para o professor estagiário como para os alunos, fazendo os possíveis para dar continuidade à saudável aprendizagem que cada aluno mostrou desenvolver, despertando interesses, vocações, e valores em cada um.

Anexo 1.5 – (Re)configurar a prática do *Fazer*

Após as primeiras semanas de observação e adaptação ao contexto, deu-se início à concretização do verdadeiro estágio, com algumas dificuldades e alguns aspetos a melhorar, o arranque demonstrou-se interessante. Dando início com a planificação das intervenções, por vezes este aspeto mostrava-se complicado devido à falta de comunicação com os professores cooperantes, nomeadamente na área de português, onde se procurou cumprir com o que era requisitado pela professora cooperante. Não sendo possível, desde cedo, a transmissão íntegra dos conteúdos a trabalhar para a mesma, tornou-se um pouco complicado realizar o pretendido, no tempo certo, sendo necessário duas readaptações dos exercícios. Já quanto à planificação realizada na disciplina de Matemática, não se encontrou qualquer tipo de entrave na sua realização, devido à facilidade na comunicação com a professora cooperante, auxiliando prontamente o professor estagiário em qualquer circunstância.

Na concretização das planificações realizadas, as intervenções, procurou-se cumprir com todo o plano, onde, nem sempre se tornou possível, devido a pequenos imprevistos e atrasos no decorrer da aula. Estas fragilidades demonstradas serviram para que o professor estagiário, toma-se uma maior consciência quanto aos tempos da aula, podendo planejar aulas futuras, mais adaptadas e conscientes dos tempos a cumprir com cada momento de aula.

No que se refere à aula de Português e Hora da Leitura e da Escrita, resume-se como uma aula experimental, sendo a primeira da intervenção no 2ºCEB, nestas demonstraram-se algumas fragilidades. A postura do professor estagiário quanto à sala e aos alunos, bem como a segurança nos conteúdos apresentados, servindo como um exemplo ao que não se espera repetir em futuras intervenções, como aspetos a melhorar para futuras intervenções. Mediante a intervenção realizada, o professor estagiário procurou corrigir alguns erros cometidos na primeira, assim sendo, a intervenção na semana seguinte de Matemática, mostrou-se um ponto positivo e motivador para o decorrer das restantes intervenções. Guardando uma pequena dinâmica para o final da aula, esta fora utilizada no início da aula como uma estratégia utilizada nesta última, ditando o bom desempenho e dedicação de cada aluno. Infelizmente sem oportunidade para fazer a dinâmica com os alunos, devido à necessidade da correção dos trabalhos enviados para casa no início da aula, esta fora realizada numa outra aula como consolidação dos conteúdos. Muitas chamadas de atenção realizadas na primeira, foram colmatadas nesta última, onde foi possível inserir ritmo e dinâmica à aula, cumprindo com os objetivos a que o professor

estagiário se propôs, os alunos de forma empenhada, mostraram resultados positivos na aquisição dos conteúdos trabalhados.

De um modo geral, as duas intervenções realizadas mostraram-se enriquecedoras para futuras intervenções, onde o professor estagiário irá procurar a excelência no que se refere à sua docência, bem como ao desenvolvimento cognitivo de cada aluno.

Anexo 1.6 – O próximo passo

Já integrado na instituição e com a prática profissional consciente, quanto ao cumprimento das diversas necessidades, estas semanas de intervenção e interação apresentaram-se extremamente importantes para tomar consciência dos erros já cometidos de modo a corrigir nas restantes intervenções. Deste modo, tem-se constatado alguma dificuldade em realizar as intervenções com o sucesso pretendido, devido a alguns fatores que facilmente se poderão colmatar.

Uma dificuldade na preparação das aulas, tem sido a aquisição dos conteúdos, não o conhecimento pessoal, mas o saber para ensinar. O facto de muitas vezes se ser capaz de responder uma pergunta, não significa que se esteja apto a lecionar. Os métodos e estratégias, bem como o discurso na intervenção que se realiza, são aspetos essenciais para o sucesso na aula da qual nos encontramos responsáveis. Para tal, um estudo científico além dos conteúdos a trabalhar na intervenção fora necessário. Ainda assim, em alguns momentos da intervenção de História e Geografia se constatou alguma insegurança, não quanto aos conteúdos, mas nas dúvidas e curiosidades que iam surgindo pelos alunos. Toma-se então consciência de que o estudo terá de ir muito além dos conteúdos a trabalhar dentro da sala de aula. Um aspeto que certamente será mais simples de colmatar para um professor específico de cada área, como o da instituição em causa, resume-se que o professor estagiário deverá, como já referido, estudar e trabalhar os conteúdos muito além do que a referente aula exige.

Um outro aspeto que se prevê importante de salientar para mais tarde corrigir, constatou-se na intervenção de Matemática, a gestão da participação dos alunos e a gestão do tempo de sala de aula. A intervenção realizada, na área já mencionada, propiciou uma grande participação por parte dos alunos, devido ao relembrar de alguns conteúdos, onde todos gostavam de mostrar como se realizavam, bem como na construção do novo conhecimento que se promoveu através da discussão entre alunos, alcançando a essência dos conteúdos a trabalhar. Já a contar com alguma agitação dentro da sala de aula, esta correu dentro do previsto, podendo melhorar a gestão das participações, onde muitas vezes e devido ao já referido pequeno ruído, quando estes participavam nem todos prestavam atenção à intervenção, muitas vezes pertinente, do colega. Não fora um aspeto realmente negativo na intervenção, simplesmente, espera-se que se possa melhorar um pouco mais para que o aproveitamento tenha mais espaço para se desenvolver.

Um outro aspeto, já referido, fora o cumprimento da planificação, que apesar de esta se ter cumprido, não existiu grande gestão de tempo, onde, por distração, os

últimos momentos da aula realizaram-se a correr. Apesar dos conteúdos terem sido trabalhados e adquiridos pelos alunos, não havia necessidade de correr se o professor estagiário tivesse dado sentido ao tempo.

Além dos pontos já referidos, um aspeto que o professor estagiário espera melhorar, é a própria criatividade nas intervenções, apesar de mostrar dinâmica, entusiasmo e algumas novidades na arte do ensinar, este julga que ainda tem um papel algo mais a fazer. Julgando-se alguém criativo e capaz, o professor estagiário gostaria de realmente dar um pouco mais de si às restantes intervenções que lhe faltam, se assim lhe for autorizado.

Anexo 1.7 – Registo de Incidente Crítico

Data

3 de Novembro de 2014

Turma

2ºB

Local

Sala de aulas

Descrição

Esta situação de aprendizagem que irá descrever, surgiu de um pequeno incidente com um aluno, que acabou por se tornar num momento de aprendizagem para dois alunos com distintas dificuldades.

Com algumas dificuldades na leitura e na escrita, embora seja detentor de uma boa motricidade, o aluno J mostra dificuldade na construção na maioria das palavras, necessita de um acompanhamento constante por parte de quem dirige a aula. Algo que se torna algo complicado, quando muitos outros aparentam ter alguma necessidade de atenção para o sucesso da aula. Próximo do mesmo encontramos a aluna L, que fora do ambiente escolar tivera um incidente, encontra-se com a mão direita ligada impossibilitada de desenvolver um trabalho autónomo na sua escrita.

Na segunda-feira em que se coloca em prática a planificação, observo que a aluna L se encontra incapacitada para trabalhar autonomamente, tendo o braço partido, e o aluno J com necessidade de alguma atenção, enquanto os restantes cumprem com as tarefas propostas em silêncio. Preocupado para que todos acompanhassem a aprendizagem que se desenvolvia dentro da sala de aula, juntei ambos os alunos, para realizarem o trabalho em conjunto. Deste modo a aluna L lia e explicava o exercício, ambos respondiam, e o aluno J redigia a resposta que ambos tinham construído.

Comentário

Sem qualquer solução previa para estes dois alunos, além do acompanhamento por parte dos professores presentes na sala, no momento em que se procurava que cada aluno desenvolvesse o exercício autonomamente, julgo que a solução encontrada tenha sido a mais adaptada à realidade. Alunos com diferentes dificuldades, conseguiram-se auxiliar mutuamente no trabalho, proposto para a aula.

Muito do trabalho realizado dentro da sala de aula é planeado para que não surjam grandes imprevistos, mas neste como neste caso, o profissional deve pronto a improvisar sempre que haja a necessidade de interferir na planificação

Reflexão

Como promotor de valores e de competências além da cognição, o *bom professor*, como se defende, neste caso específico deverá procurar sempre ao encontro das necessidades dos alunos. Avaliando a situação e aproveitando o melhor de cada um, conseguiu promover uma aprendizagem de cooperativismo, onde ambos saem beneficiados. Apesar de se ter demonstrado numa solução do momento, o professor estagiário, avalia a sua decisão como essencial não só para o par referido, como para o seu próprio crescimento enquanto professor, visto que teve a sensibilidade de reunir dois alunos que com um destino em comum, se pudessem ajudar mutuamente. Quanto à aprendizagem cooperativa, *Pujolás (2001) define-o como um recurso ou estratégia que tem em conta a diversidade dos alunos dentro de uma mesma turma onde se privilegia uma aprendizagem personalizada que só será possível se conseguirmos que os alunos cooperem para aprender (...)* (Fontes e Freixo, 2004:26). Classificando-se este caso específico como um recurso que se tornara numa aprendizagem, o docente irá direccionar, a partir deste momento, mais a sua atenção para pequenas situações como esta, procurando utilizar esta aprendizagem mais como estratégia do que como um recurso.

Bibliografia

Fontes, A. e Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa – Uma Forma de Aprender Melhor*. Lisboa: Livros Horizonte.

Anexo 2 – Avaliações

Anexo 2.1 – 1ª semana, dia 6 de Outubro

A semana de intervenção, foi realizada com o meu par pedagógico, sendo o objetivo abordar a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), construímos o mapa mundo, fizemos o reconhecimento dos oceanos e continentes, localizamos os países e mais tarde foi proposto fazer um trabalho de pesquisa por todos.

No que se refere à minha primeira intervenção, é possível referir que não correu como eu esperaria, tudo o que fora planificado, fora realizado, mas a naturalidade na realização e ligação das tarefas ficou um pouco há quem do que podia ter realizado. Julgo que a minha dificuldade, foi inserir um assunto que não tive oportunidade de terminar. Não ciente das terminologias que poderia ou não referir, mediante o que o meu par pedagógico fazia intenção de abordar mais à frente, não me sobrepondo.

Além do que já fora referido, cada um levava uma ficha de consolidação, sabendo já que países pertenciam a esta comunidade, e reconhecendo as bandeiras dos mesmos, de forma geral todos souberam colorir devidamente as bandeiras e indicar corretamente os países no mapa.

Anexo 2.2 – 2ª semana, dia 15 de Outubro

Responsável por dinamizar apenas uma atividade, centrei-me na matemática e na introdução do ábaco horizontal. Uma atividade realizada com o objetivo de criar exercícios dinâmicos, e ao mesmo tempo que os fizesse trabalhar de forma abstrata, criou-se para cada aluno, um pequeno papel plastificado, constava um ábaco horizontal, onde com um marcador, cada aluno tinha que registar os mesmo valores que eram representados no ábaco horizontal. Tendo ainda a possibilidade de apagar com uma folha de papel de secar as mãos, cada um tinha o seu objeto previamente preparado pelo professor estagiário, podendo utiliza-lo de forma autónoma e singular para resolução de exercícios.

Esta atividade consistiu na representação e resolução, de diversos cálculos que iam sendo propostos de forma gradual e pelo aluno, de forma intuitiva, onde

progressivamente o nível de exigência ia aumentando, passando também da representação de valores e cálculos à própria criação.

A par da realização dos exercícios propostos, uma grelha de avaliação com o nome de cada aluno, foi sendo preenchida pelo professor estagiário, onde era indicado quem realizava os exercícios com sucesso ou não, e ainda um espaço para observações referindo, se necessário, que dificuldades demonstravam. Como podemos observar na grelha apresentada quase todos, realizaram sem problemas os exercícios, salvo algumas exceções que já apresentavam dificuldades. Em suma, este pequeno dispositivo pedagógico, apresentou-se facilitador da aprendizagem significativa para cada aluno.

Anexo 2.3 - 3ª semana, de 20-22 de Outubro

Esta semana de intervenção ficou marcada pela realização de experiências relacionadas com o ar, realizando com sucesso a interdisciplinaridade entre matemática e estudo do meio, a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos fora cumprida.

Devido à proximidade do Halloween, os temas que assim envolvam as mesmas personagens são naturalmente trabalhos com atenção. Deste modo em português procurou-se trabalhar textos que envolvessem o mesmo, podendo destes retirar um exercício realizado com a utilização de uma ampulheta. Apresentando a ampulheta e falando um pouco sobre o mesmo objeto, criou-se uma espécie de competição entre os mesmos, e de cumprimento do objetivo. Sobre um pouco de tensão devido à ampulheta se encontrar pousada na mesa de cada um, em tom de brincadeira cumpriu-se o exercício com sucesso e alguma alegria por parte de praticamente todos os alunos.

Dentro das outras áreas, procurou-se através da matemática cumprir com objetivos de estudo do meio, tendo como base a forma do quadrado, figura geométrica, foi explorado que figuras era possíveis obter através da dobragem de uma folha com o formato de um quadrado. Assim que perceptível se tivesse tornado essa consciência, partiu-se para a realização do vira vento, onde através das expressões plásticas, a ilustração o recorte, passo a passo todos os alunos realizaram o objeto em estudo com sucesso. Este servira de mote para a realização de experiências com o ar e sobre o vento, com o devido registo.

“Será que o ar ocupa espaço?”. No fim do dia, cada aluno acabara consciente de que este ocupa espaço através de duas experiências das quais lhes foi possível

realizar na primeira pessoa, bem como criando hipóteses, e alcançando resultados. Já ciente de que a melhor forma de adquirir conhecimento é fazer parte da descoberta, através desta atividade cada um realizou as tarefas com alegria e entusiasmo, deixando-os conhecedores do ar.

Anexo 2.4 – 4ª semana, de 3-5 de Novembro

Na intervenção da minha primeira semana de Novembro houve um grande foco em todas as áreas, na segunda o estudo do meio, na terça a matemática, e na quarta o português. Posso dizer que de um modo geral foi um sucesso, pois com algumas novidades quer na proposta das atividades como nos conteúdos, o grupo adaptou-se bem às ditas novidades.

Objetivava-se no estudo do meio um foco principal na higiene oral, uma dinâmica que corria muito bem para o que se já tinha arriscado, fazer uma simulação de uma lavagem dos dentes foi complicado de gerir mas os conteúdos e regras que era intenção transmitir, ficaram onde pude constatar na pequena ficha de consolidação de verdadeiras e falsas. A atividade da simulação já se esperava que originasse a confusão, pela novidade e pela situação, mas ainda foi possível concretizar grande parte do que fora planeado de modo a deixar nas crianças uma memória diferente dos estagiários. Um vídeo da série era uma vez, ficara então para um momento próximo sobre a dentição e higiene oral. Melhor que esta pequena marca foi possível eles aprenderem com ela, deixando-os com os conteúdos adquiridos, tornando-se significativamente importante para mim, onde se observou a “brincadeira” relacionada com a aprendizagem.

Ainda com esta última referência à aprendizagem de forma lúdica, também fora inserida na intervenção da matemática, ainda com algum trabalho de plástica à mistura. Neste sentido e inserindo o conceito da decomposição do quadrado, cada um recortou o seu tangram e com alguma abstração e imaginação criaram algumas figuras com o mesmo. Pude confirmar que a criança adquire com mais facilidade conhecimentos quando se envolve na própria aprendizagem.

Dando ainda continuidade a este raciocínio, e método, a aula de português não fugiu muito à mesma realidade. Para adquirir conhecimentos no que se refere aos artigos definidos e indefinidos, apresentou-se um texto em que eles próprios tiveram de corrigir os mesmos artigos por estarem trocados, não fazendo sentido o que liam. Mais uma vez tiveram voluntariamente de ser interventivos, corrigindo os erros para o texto fizesse sentido. Construindo o saber aos poucos finalizamos esta aprendizagem

na área do português construindo a tabela e nomeando devidamente os artigos definidos e indefinidos, com a pequena explicação se estes os definem ou não.

Anexo 2.5 – 5ª semana, de 17-20 de Novembro

A intervenção desta semana cumpriu com o que era esperado, pois tanto no português como na matemática esperava-se uma grande motivação e interesse por parte dos alunos, pois seriam temáticas que iriam gostar de trabalhar. Com a ajuda nas novas tecnologias, e alguns jogos, podemos dizer que os conteúdos foram bem adquiridos por parte dos alunos.

Um novo formato de história fora apresentado, a fábula. Pequenas histórias em que as personagens principais são animais, transmitem exemplos de vida, exemplos de boas ações, como apresentava no final da fábula com a pequena moral da história. Este último conceito foi explicado e adquirido com grande facilidade, associando à religião moral e cristã, deixando os alunos falarem um pouco sobre as suas histórias relacionadas com a moral da fábula, criou-se nos 3 dias momentos de aprendizagem bastante curiosos. Para trabalhar a interpretação da fábula os alunos respondiam a algumas perguntas quer oralmente num dia, quer virtualmente noutra, bem como em alguns jogos que virtualmente foram feitos, como palavras cruzadas em charadas, e adivinhas. Estas atividades virtuais eram realizadas num site de fábulas, com as respetivas atividades e dinâmicas, sugeridas para o 1º ciclo. Para terminar esta saga das fábulas apresentou-se, abordou-se a banda desenhada, em que depois de uma breve explicação de como esta se deveria criar, todos tiveram oportunidade de fazer a sua própria banda desenhada. No fim, constatei o sucesso por parte de todos os que esta realizaram, pois devido à novidade, ao interesse e à dedicação que cada um aplicara nesta tarefa, surgiram trabalhos completamente diferentes mas ao mesmo tempo cumpridores do que era solicitado.

Depois destas atividades e de consciência da moral das histórias, passávamos para a matemática, onde numa ocasião me foi possível passar de uma área para a outra com alguma facilidade e sem que estes tivessem percebido. A meu ver este tipo de estratégias são muito importantes e interessantes, para que os alunos não dividem as áreas, mas sim que tomem consciência de que todas as áreas se ligam, trabalhando-as de forma transversal e se possível intuitiva. No que se refere então à matemática, o conceito da multiplicação era o grande objetivo da semana, finalizando a minha intervenção semanal com a construção da tabuada pelos alunos, de forma a cimentar o conteúdo. Então a consciência da multiplicação foi trabalhada logo no início

da semana, com uma pequena conversa e uma atividade de expressão plástica. Foram criados bonecos em leque para que, quando cortados e abertos, apareçam 5 meninos(as) de mãos dadas. Através do desenho, e dobragem é possível multiplicar uma imagem. Com esta atividade apresentei logo um exercício com os mesmos desenhos, de modo a não fugissem à realidade criada.

Além desta atividade, foi também dinamizada uma pequena cantiga e dança, com a música da pipoca. Com a sala arrumada, e todos em círculo, demos início à música em que o conceito principal era a multiplicação por dois, começando individualmente, depois a pares, com quatro elementos de mão dada, oito, dezasseis e por fim todos. No fim de uma conversa esclarecedora das pequenas dúvidas que surgiram, reorganizamos a sala para desenvolver atividades sobre o mesmo tema. Por fim e já com todo o conhecimento adquirido quanto à multiplicação pelo número 2, os alunos criaram a tabuada do 2 onde foi exposta na parte da matemática. Finalizando os últimos momentos da intervenção semanal assistimos a uma música de Maria Vasconcelos sobre a tabuada como consolidação dos conteúdos trabalhos. Todas estas atividades, foram cumpridas por todos os alunos, com empenho, dedicação, e para mim o mais importante na aprendizagem, com alegria.

Anexo 2.6 – 6ª semana, de 1-3 de Dezembro

Esta semana de intervenção já se esperava que fosse de muito trabalho, visto que houve avaliações e revisões, de modo a que não havia grande oportunidade para inovar e trabalhar de forma mais criativa.

Apesar de não ter existido uma grande oportunidade para organizar atividades diferentes e dinâmicas como assim já tenho criado, pude concluir que esta semana a minha aproximação e ligação com os alunos alcançou o que eu pretendia neste meu estágio. Desde o primeiro dia que era meu objetivo, aprender e ensinar com sucesso sem que tenha de pensar nas minhas ações. Quero com isto dizer que com todas as correções a que me fui subtraindo, foi-me possível desenvolver uma semana de estágio em que podia trabalhar, divertir-me e acompanhar o desenvolvimento de cada um.

Infelizmente não foi possível concretizar duas das atividades propostas, onde seria trabalhada a expressão plástica, devido à falta de tempo, pois foi prioridade a revisão de conteúdos para o sucesso nas avaliações a realizar na semana. Deste modo, assim que possível ainda tenciono desenvolvê-las assim que haja oportunidade ainda este mês, visto que estão relacionadas com o Natal.

Anexo 2.7 – 7ª semana, de 5-7 de Janeiro

A última semana de intervenção, fora marcada por alguns momentos que ao encontro dos interesses dos alunos, ficaram marcados pelo seu sucesso, pela novidade e pelo desempenho dos mesmos.

Acabados de chegar das férias de natal, foi desenvolvida uma aula menos exigente de modo a que fosse possível entrar no ritmo. Através da leitura de duas histórias trabalharam-se alguns conteúdos tanto na área do português como na matemática, igualmente realizados com sucesso, sendo a utilização de histórias um ótimo mote para que os alunos trabalhem interessados no que se está a realizar. Ao encontro do que acabara de referir, realizou-se uma experiência para sensibilizar a necessidade da utilização do frigorífico para a conservar alimentos. Com a participação dos mesmos colocou-se leite em dois diferentes frascos em dois diferentes espaços, avaliando o aspeto do mesmo ao longo dos dias. Uma preocupação que pelos mesmos se tornou curiosa, pois prontamente se observaram diferenças.

No dia de reis, além da conversa sobre os mesmos, dinamizou-se uma manhã diferentes. Dedicada à música, a turma do 2º ano turma B aprendera a cantar as janeiras, e para os mesmos fora muito interessante ir mostrar a outras turmas a música. Um outro momento a salientar desta última semana, foi a conversa sobre os animais de estimação, dinamizado através de adivinhas, todos alunos ordenadamente desejavam participar.

Assim que a última intervenção termina e os alunos se ausentam da sala para almoçar, nos minutos de silêncio seguintes, houve oportunidade para fazer uma pequena retrospectiva de todo o estágio realizado até ao momento. Terminei assim consciente e satisfeito com a minha participação ao longo deste estágio, além da transmissão de conteúdos, posso dizer que os valores por mim transmitidos, em ambientes formais ou não, serão tidos em conta por cada um como um exemplo para futuros homens e mulheres.

Anexo 3 – Registo Fotográfico

Anexo 3.1 – 1º CEB



Fotografia 1 – Mapa Mundo



Fotografia 2 – Lavagem dos dentes 1



Fotografia 3 – Lavagem dos dentes 2



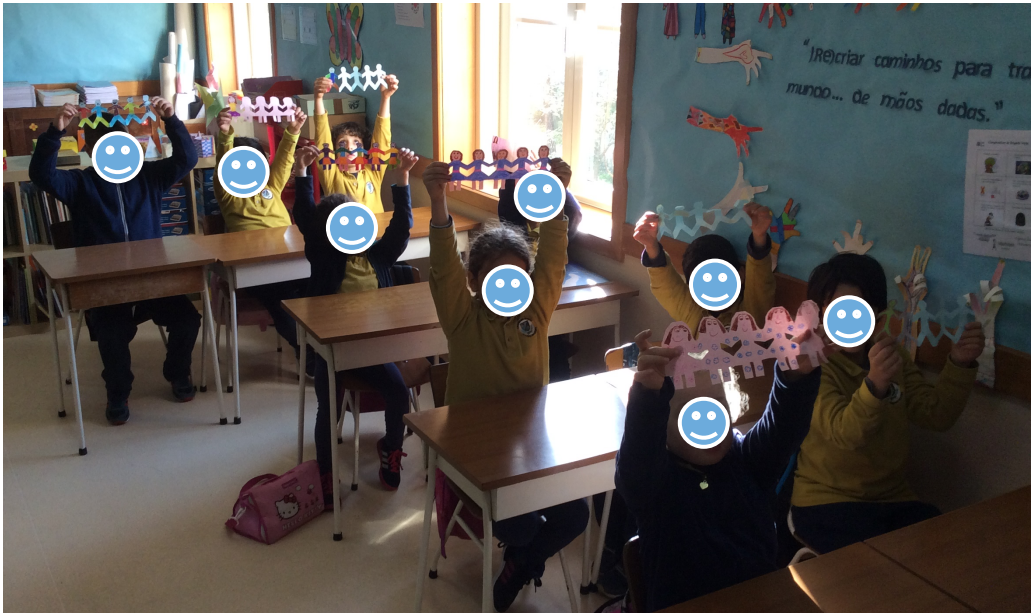
Fotografia 4 – Hora do Conto



Fotografia 5 – Bonecos da multiplicação 1



Fotografia 6 – Bonecos da multiplicação 2



Fotografia 7 – Bonecos da multiplicação 3

Anexo 3.2 – 2º CEB

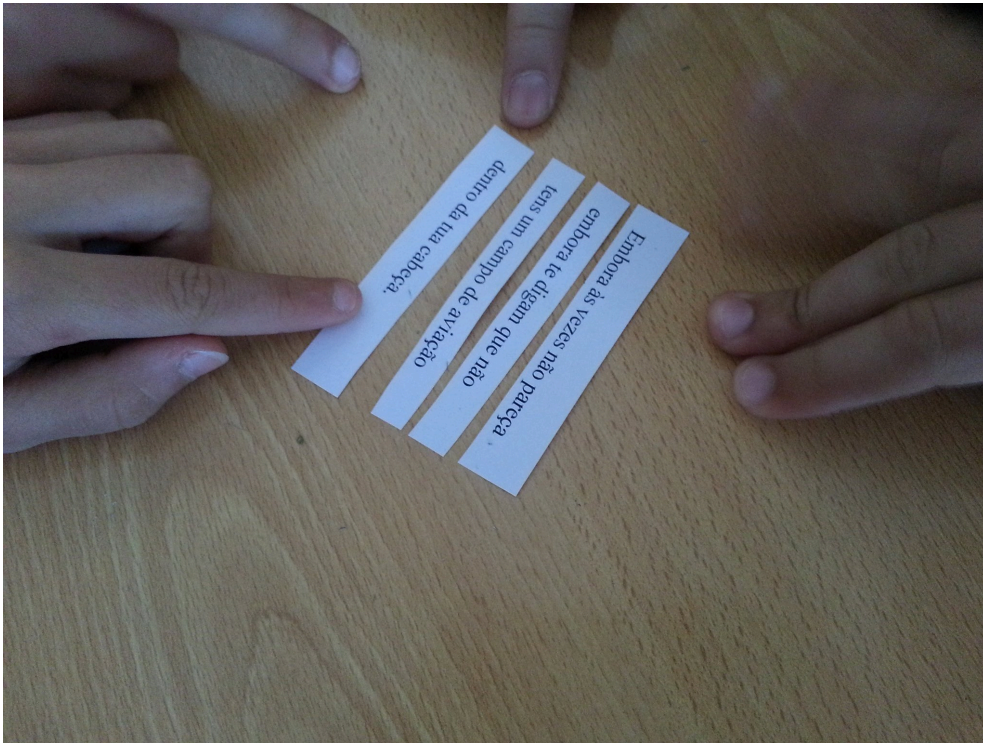
Português



Fotografia 8 – Trabalho de grupo (poemas)



Fotografia 9 – Trabalho de grupo (organização da quadra)

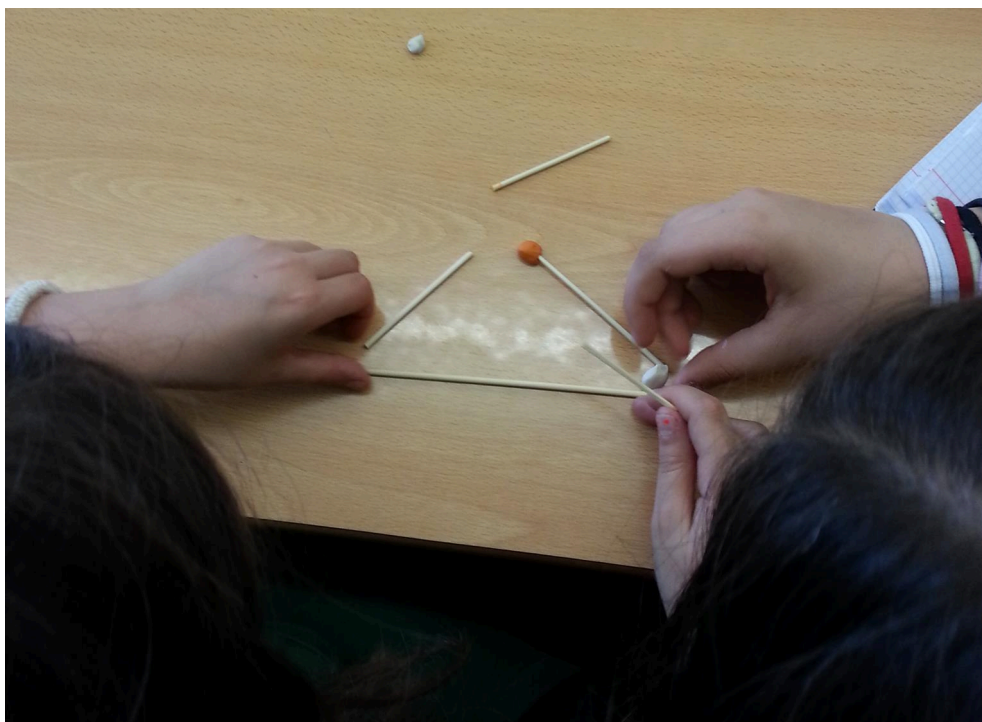


Fotografia 10 – Trabalho de grupo (quadra organizada)

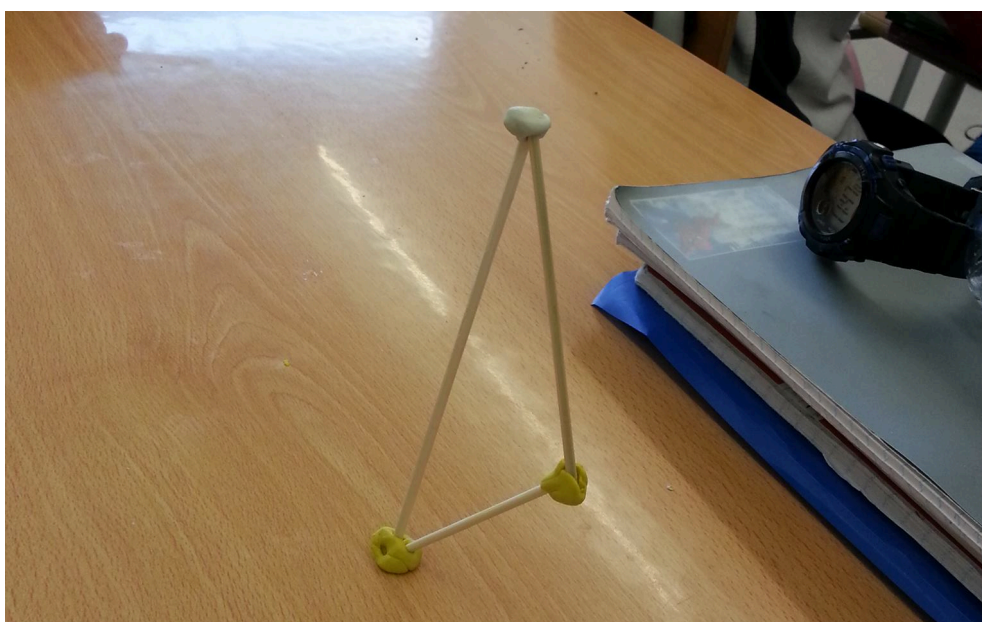


Fotografia 11 – Apresentação do poema musicado

Matemática

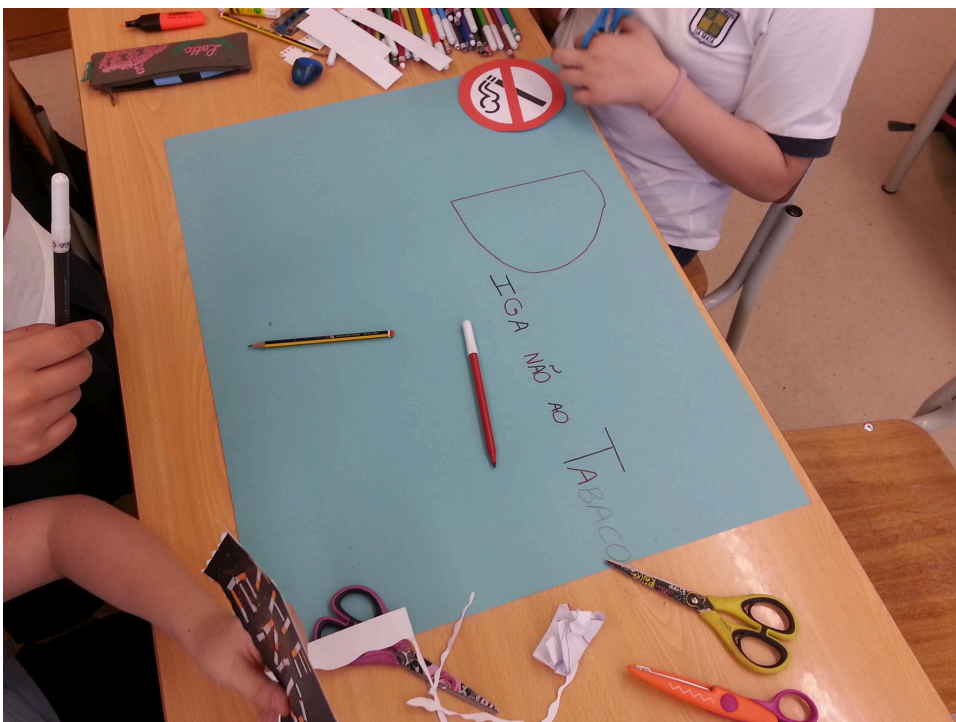


Fotografia 12 – Construção de hipóteses (relação dos lados do triângulo)

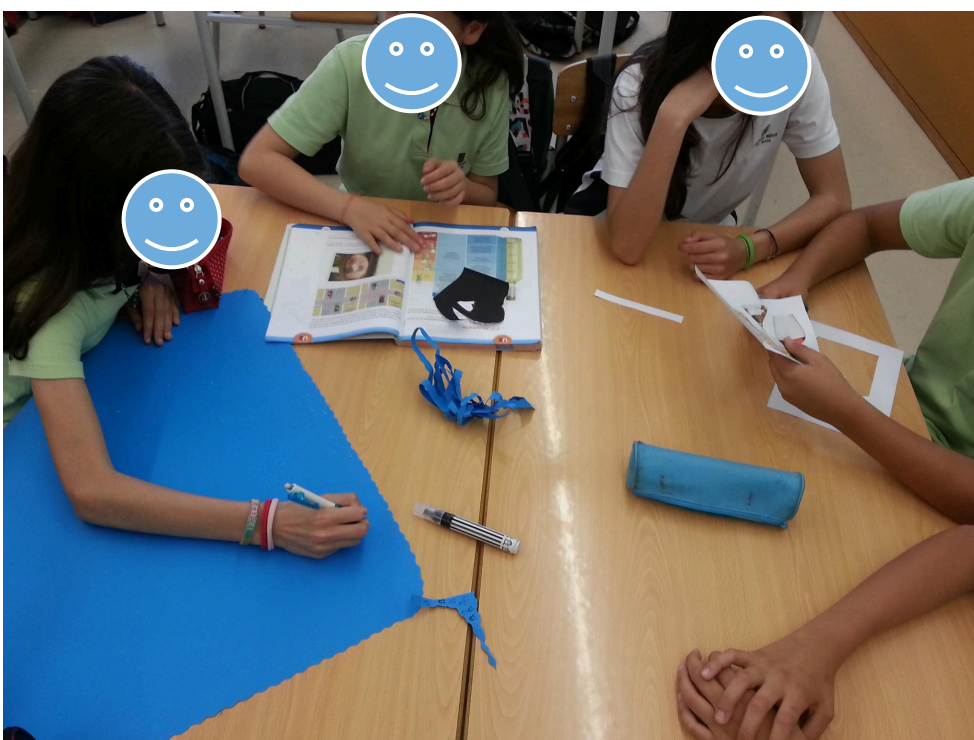


Fotografia 13 – Solução (relação dos lados do triângulo)

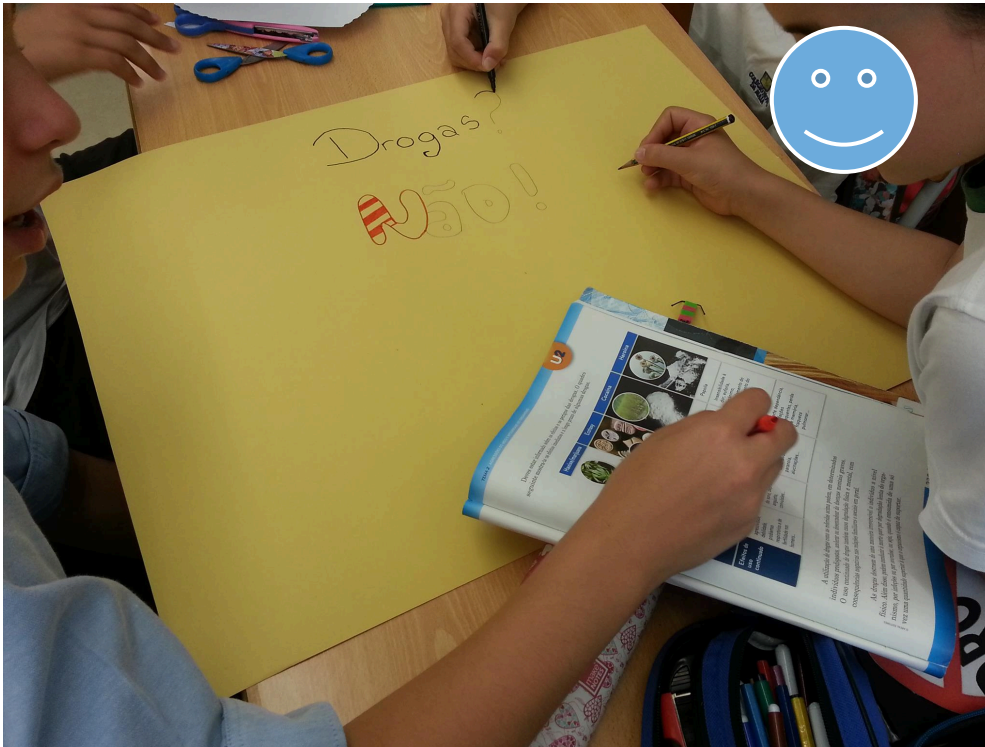
Ciências Naturais



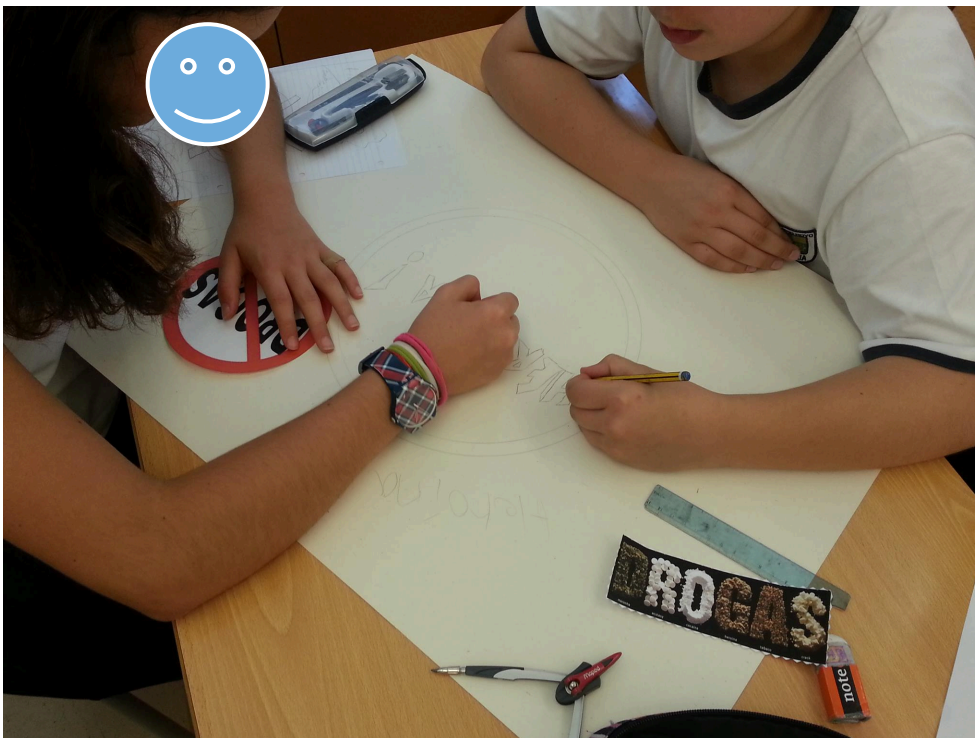
Fotografia 14 – Trabalho de grupo (malefícios das drogas 1)



Fotografia 15 – Trabalho de grupo (malefícios das drogas 2)



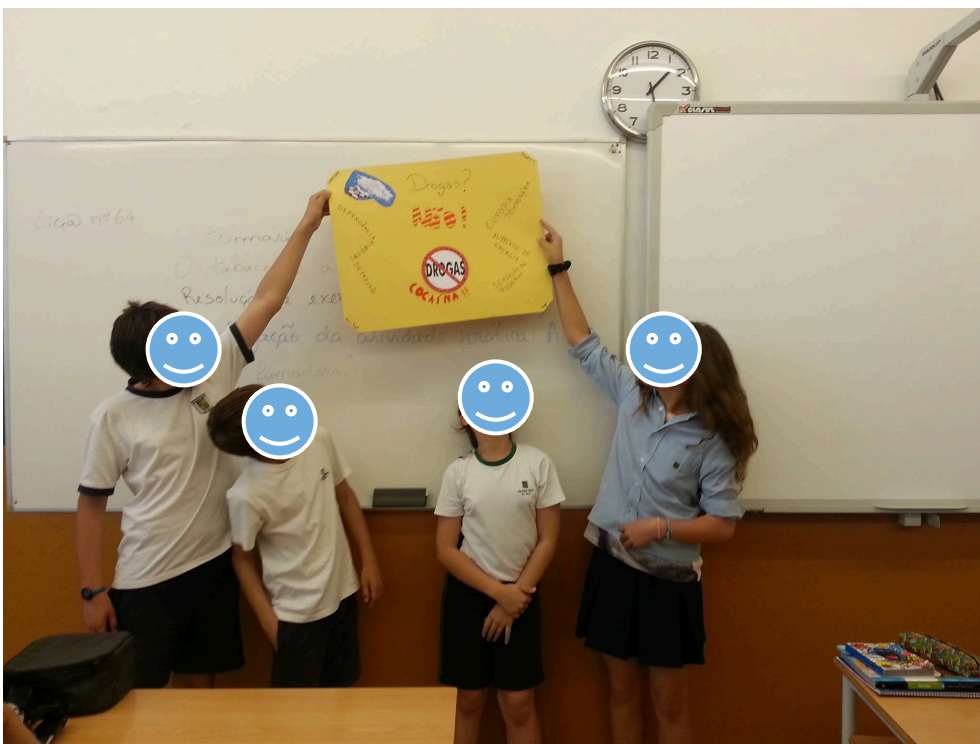
Fotografia 16 – Trabalho de grupo (malefícios das drogas 3)



Fotografia 17 – Trabalho de grupo (malefícios das drogas 4)



Fotografia 18 – Trabalho de grupo (malefícios das drogas 5)



Fotografia 19 – Apresentação trabalho de grupo (malefícios das drogas)



Fotografia 20 – Experiência (“Garrafa Fumadora”)



Fotografia 21 – Jogo do *pictionary*

História e Geografia de Portugal



Fotografia 22 – Intervenção com exemplos dos dias de hoje (obras públicas)

Outros momentos



Fotografia 23 – Relação professor-aluno (*feedback*)

Anexo 4 – Planificações

Anexo 4.1 – 1º CEB

Anexo 4.1.1 – Matemática, 15-10-2014

Instituição A					Logótipo	
Professora supervisora: Brigitte Silva Professora cooperante: Nome Professor estagiário: César Pereira			Ano de escolaridade: 2º ano Turma: B Aula nº 25		Data: 15 de Outubro, 2014 Tempo: 90 min Ano letivo: 2014/2015	
Sumário: Números e operações com números naturais - ábaco horizontal.						
Área	Bloco	Metas Curriculares	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
M A T E M Á T I C A	Números e Operações	2º ano Números Naturais 2º Números naturais até 1000	1- apresentação do ábaco (diálogo com os alunos)	5'	- ábaco	Formativa Grelha de avaliação (anexo IV) Correção do trabalho de casa
	Sistema de numeração decimal	2ºano Ordens decimais: unidades, dezenas e centenas Valor posicional dos algarismos	2- descoberta do material pedagógico	5'	- canetas de acetato	
	Adição e Subtração	2º ano Cálculo mental: somas de números de um algarismo, diferenças de números até 20, adições e subtrações de 10 e 100 a números de três algarismos. Adicionar dois ou mais números naturais cuja soma seja inferior a 100, privilegiando a representação vertical do cálculo.	3- entrega do ábaco em papel e caneta de acetato 4- resolução de exercícios no lugar: 4.1- seleção do valor no ábaco (anexo I) 4.2- construção, através da adição, de um valor no ábaco (anexo II) 4.3- construção, através da subtração, de um valor no ábaco (anexo III) (exercício de recurso)	5' 20' 20' (15')	- ábaco em papel plastificado	
			5- Marcação dos exercícios da pág.34 do Manual (trabalho para casa)	10'		

Operacionalização

Esta atividade de matemática, envolve um dispositivo pedagógico específico, o ábaco horizontal. Tendo já a turma sido familiarizada com o ábaco vertical, pretende-se que estes, no final da aula, consigam fazer uma leitura e utilização fluente do mesmo dispositivo.

A minha intervenção terá início com uma conversa sobre o ábaco vertical e que informação podemos retirar do mesmo, no que se refere às unidades, dezenas e centenas. Apresenta-se então o ábaco horizontal, onde juntos avaliamos todas as possibilidades no que se refere à análise do mesmo. Nessa conversa poderão existir algumas dúvidas no que se refere à lógica da contagem, onde facilmente se irá elucidar a lógica e funcionalidade do dispositivo.

Após um diálogo claro, que permitirá a cada aluno resolver com sucesso os seguintes exercícios, o professor estagiário irá distribuir algum material, devidamente preparado, por cada aluno. Nomeadamente, um pequeno papel plastificado (com frente e verso), e uma caneta de acetato, para que seja possível ao aluno, resolver os exercícios e de seguida apagar. Tal, permitir-lhe-á resolver mais exercícios com o pequeno exemplar, tanto nesta aula como numa futura que a professora poderá necessitar de utilizá-lo para clarificar algum conteúdo em que se justifique o seu uso.

Partindo para a parte prática, já tendo toda a turma pronta para o próximo momento da aula, apresenta-se no dispositivo pedagógico um valor para que os alunos o representem no exemplo de ábaco em papel, como refiro na folha de exercício do anexo I (1º exercício). Neste exercício, os alunos irão representar o valor já indicado e, de seguida, na linha inferior do ábaco deverão registar esse mesmo número por extenso.

Depois deste primeiro exercício, aumentando um pouco a dificuldade, ao mesmo tempo que se desenvolve a compreensão da temática, pede-se a todos que virem a folha para que se dê início à resolução do segundo exercício (anexo II). Este consiste em apresentar um cálculo no quadro, transpondo de seguida para a folha os respetivos valores. De seguida, realizam a respetiva soma no dispositivo e representam o cálculo na linha inferior do papel.

Estes dois momentos de consolidação serão repetidos três ou quatro vezes, ocupando algum tempo da aula permitindo também a respetiva correção no quadro dos exercícios. Todas as atividades irão consistir em, resolver, corrigir, e apagar. Sendo o pequeno material uma novidade para o aluno espera-se que seja uma forma lúdica de aprendizagem. Existe ainda um terceiro exercício (anexo III) pronto para ser

posto em prática caso a aula decorra mais rápido que o esperado, ou no caso de algum aluno resolver os exercícios de forma, igualmente, rápida.

A resolução dos exercícios, por parte dos alunos, será avaliada no seu decorrer, com uma grelha de observação que ambos os estagiários terão em sua posse de forma a que consigam descrever se os alunos concluíram os exercícios com sucesso, ou não. E, neste último caso, que dificuldades tiveram, para que numa próxima vez se possa colmatar essa dificuldade.

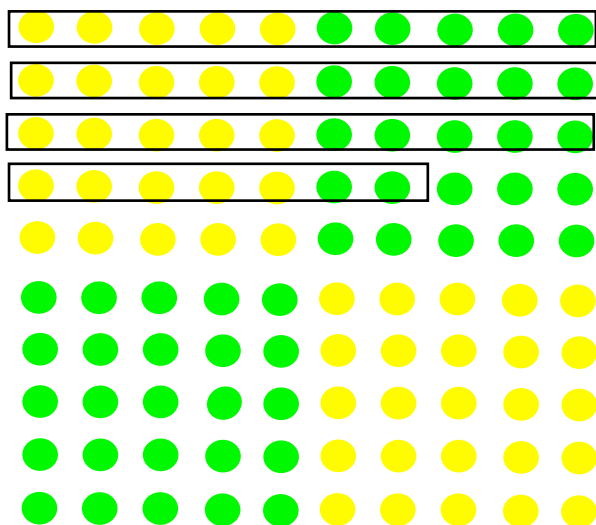
Por fim e para conclusão do tema, marca-se o trabalho para casa com um exercício do Manual de Matemática, da página 34, servindo também como objeto de avaliação.

Anexo I

1º exercício

Este exercício consiste numa interação com os alunos, em que irei apresentar um devido valor no ábaco “físico” tendo os alunos que representar esse mesmo valor no quadro em baixo indicado, circundando por ordem o mesmo valor. Imediatamente em baixo deverão registar esse mesmo número por extenso. Como mostra o exemplo.

Este será sempre corrigido e esclarecido no quadro interativo.



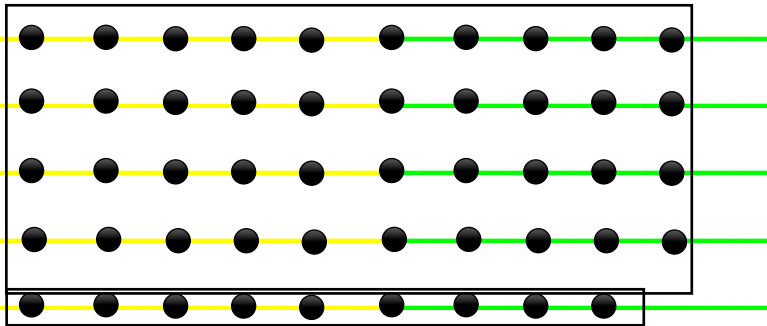
trinta e sete .

Anexo II

2º exercício

Do lado inverso do papel fornecido pelo estagiário, será desenvolvido um segundo momento de exercícios. Este irá consistir no seguinte: o professor indica uma soma de números naturais, em que o seu resultado seja menor que 100, no quadro, e de seguida os alunos deverão fazer a corresponder os mesmos valores na tabela, em baixo indicada, com círculos de modo rigoroso, como no exercício anterior, e como mostra o exemplo.

Na linha representada em baixo encontra-se ainda destinada à escrita do cálculo, facilitando a resolução do pedido pelo estagiário.



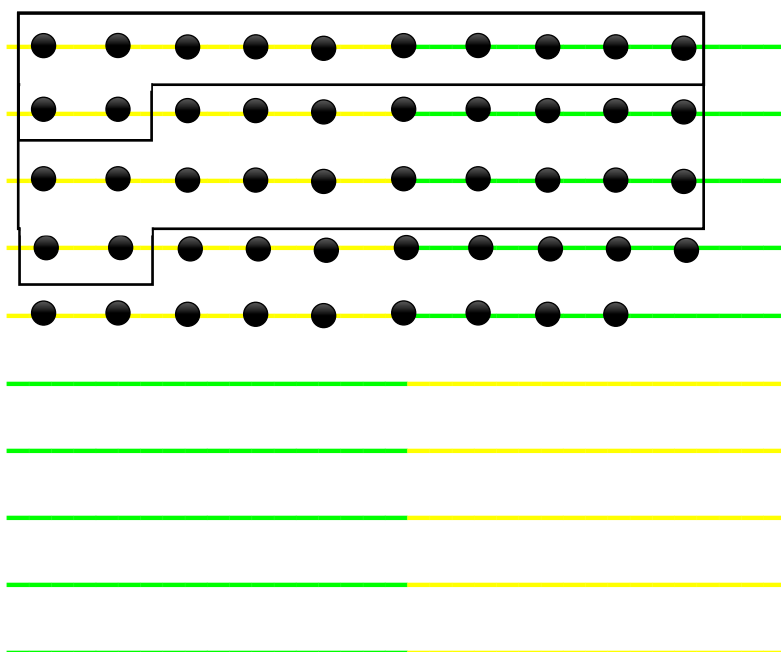
$$\underline{\quad 40 + 9 = 49 \quad .}$$

Anexo III

3º exercício

Dando continuidade ao exercício 2, este terceiro não se irá centrar na adição mas na subtração, exatamente com as mesmas regras e processo.

(Este exercício será posto em prática caso a planificação seja cumprida num tempo menor ao planeado; ou então, de forma individual, após ter concluído as tarefas anteriormente propostas)



$$\underline{32 - 12 = 20} .$$

Anexo IV

Grelha de Avaliação

Nomes	✓	✗	✓	✗	✓	✗	Dificuldades?
	1º		2º		3º		

Legenda:

<p>✓</p> <p>O aluno conseguiu chegar sozinho ao resultado, com ou sem correção individual.</p>
<p>✗</p> <p>O aluno não conseguiu resolver o pedido, aguardando a correção no quadro.</p>
<p>Dificuldades?</p> <p>O aluno não conseguiu resolver o problema, porque...</p>

Anexo 4.1.2 – Português, **20.10. 2014**

Instituição A							Logótipo	
Professora supervisora: Brigitte Silva Professora cooperante: Nome Professora estagiária: César Pereira				Ano de escolaridade: 2º ano Turma: B Aula nº 28		Data: 20 de Outubro, 2014 Tempo: 120 min Ano letivo: 2014/2015		
Sumário: Audição da história - “Malditas Bruxas”.								
Área	Bloco	Conteúdo	Metas Curriculares	Descritores de Desempenho	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
P O R T U G U Ê S	Oralidade	Expressão Oral (Reconto)	Meta 4 1- Responder adequadamente a perguntas 4- Recontar e contar	Escutar para aprender a construir conhecimentos -Responder a questões acerca do que ouviu -Recontar histórias	1-) Registrar o separador e o sumário;	20'	- história “Malditas Bruxas”	Formativa (Capacidade de reconto da história)
	Iniciação à educação literária				Meta 20	2-) conversa sobre o título da história;	5'	
		3-) Conto da história “Malditas Bruxas”	10'					
		4-) Recapitulação da história	10'					
			5-) Audição da história gravada (se		10'			

					necessário)			Formativa (Realização dos exercícios propostos)
					6-) Realização dos exercícios, pp. 30-31	20'		
					7-) Exploração de aspetos relacionados com a história.	15'		

Operacionalização

Segunda-feira terá como início a aula de inglês, e assim que os alunos cheguem à sala, irão elaborar o separador, e registar o sumário no caderno. Tendo apenas 45 min nesse primeiro momento do dia, assim que terminem o sumário o professor estagiário irá falar com os alunos sobre o título da história que irão ler bem como a exploração da imagem da história que prontamente estará projetada no quadro. De seguida far-se-á a leitura do conto “Malditas Bruxas” (anexo I), finalizando com o reconto da mesma pelos alunos, até a chegada do intervalo.

No fim do intervalo os alunos dirigir-se-ão para a aula de educação física até as 11:45, deixando os restantes momentos da manhã para a conclusão das atividades em cima propostas.

De regresso à sala, recapitula-se a história, e se necessário, escuta-se a mesma em gravação, de modo ao aluno se sentir preparado para a resolução dos exercícios que de seguida lhe são propostos. Completando esses exercícios, sobrá ainda tempo para um levantamento de ideias sugeridas pela história, de modo a que os alunos cumpram com a exploração sugerida na mesma página onde acabaram de realizar os exercícios.

Anexo I – história “Malditas Bruxas”

Se há um dia das bruxas, por que razão não há-de haver um dia das fadas?
É de estranhar, não acham?

Dia da mãe, Dia do pai, Dia dos avós, Dia dos namorados, Dia do professor.

Como é que as donas bruxas conseguiram encaixar-se no meio de gente tão boazinha, Bruxaria, está visto!

Eu vou contar tudo desde o princípio, tal e qual uma fadinha de asas azuis celeste me contou. Não é segredo.

Já há muito tempo, o clube de fãs das fadas começadas por F (Floriana, Florência, Florípedes, Florinda, Florélia, etc.) andou a recolher assinaturas junto dos outros clubes de fadas, para que o calendário passasse a incluir um dia dedicado às nossas amigas fadinhas. Há que dizer que, nesse tempo, ainda não se tinha inventado o Dia das Bruxas.

Estava a recolha de assinaturas a correr muito bem, quando as bruxas souberam da ideia. Ficaram furiosas e desataram numa grande gritaria:

- Não há direito! Essas pacóvias, essas piegas, essas meladas de asas de melgas, que direitos têm a mais que nós?

Gritos de bruxas assanham os gatos e eriçam os catos. São de fugir.

Decidiram atuar. E de que maneira? Fazendo marosca. Invadiram os salões de beleza, taparam as verrugas com cremes, puseram dentes postiços, pintaram-se, pentearam-se, maquilharam-se e, munidas de lâmpadas fluorescentes, como se fossem varinhas de condão, meteram-se peço meio da manifestação de fãs das fadas.

-Nós é que somos as fadas, as fadas, as fadas... – diziam elas.

E, repetindo isto, deitavam muitos perdigotos pela boca.

Os fãs fugiram daquela aparição de meter susto. Elas, então, agarraram nas folhas das assinaturas, riscaram à pressa “Dia das Fadas” e pespegaram no papel, por cima, “Dia das Bruxas”.

Uma batotice pegada!

As fadas, as verdadeiras, como são boazinhas, não denunciaram a trapaça. Eu que tinha assinado pelas fadas é que não me fiquei. Valeu-me de muito!

As bruxas, para me calarem, armaram-me um feitiço e transformaram-me em sapo.

Não fosse uma fadinha de asas azuis celesta ter-se afeiçoado a mim e quebrado o feitiço, ainda a estas horas estava no Charco dos Mosquitos a coaxar à Lua!

Anexo 4.1.3 – Matemática e Estudo do Meio, **21.10.2014**

Instituição A							Logótipo	
Professora supervisora: Brigitte Silva				Ano de escolaridade: 2º ano		Data: 21 de Outubro, 2014		
Professora cooperante: Nome				Turma: B		Tempo: 120 min		
Professora estagiária: César Pereira				Aula nº 29		Ano letivo: 2014/2015		
Sumário: O ar – experiência.								
Área	Bloco	Conteúdo	Metas Curriculares	Descritores de Desempenho	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
M A T E M Á T I C A E	Figuras no Plano e Sólidos Geométricos	Geometria e Medida 2	Identificar figuras geométricas numa composição e efetuar composições de figuras geométricas	Figuras Geométricas	<p>“Onde está o ar?”</p> <p>1-) Conversa, sobre as várias formas que podemos obter de um quadrado (anexo I)</p> <p>2-) Entrega da folha e experiência individual do referido</p> <p>3-) ilustração do vira-vento</p> <p>4-) construção, passo a passo, do vira-vento</p>		<ul style="list-style-type: none"> - paus da natureza - piones - folhas de papel picotadas (5 cores) - bacia c/ água - copo 	Formativa (construção do vira-vento)
		Bloco 5 – À descoberta		2º ano				

S T U D O D O M E I O	descoberta do ambiente natural	do materiais e objetos	<u>Aspetos físicos no meio local:</u> -Reconhecer a existência do ar (realizar experiências); -Reconhecer o ar em movimento (vento, correntes de ar)	com o ar Reconhecer a existência do ar. O meu passado mais longínquo -Reconhecer datas e factos (data de nascimento, aquisição da marcha, início da	5-) entrega de uma folha (para colar no caderno) 6-) resposta às perguntas, em conjunto e ditadas. 7-) Experiência 1 (anexo III), conversa e experimentação. 8-) Experiência 2 (anexo IV), conversa e experimentação. <p style="text-align: center;">“Ficha de consolidação”</p> 1-) caso sobre tempo resolver os exercícios da pág. 23		- folha de papel - funil - balão - Livro de Estudo do Meio	
---	--------------------------------	------------------------	--	--	--	--	---	--

		Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições		fala, etc) O passado próximo da minha família -Reconhecer datas e factos importantes (aniversários, festas, etc)				
--	--	---	--	---	--	--	--	--

Operacionalização

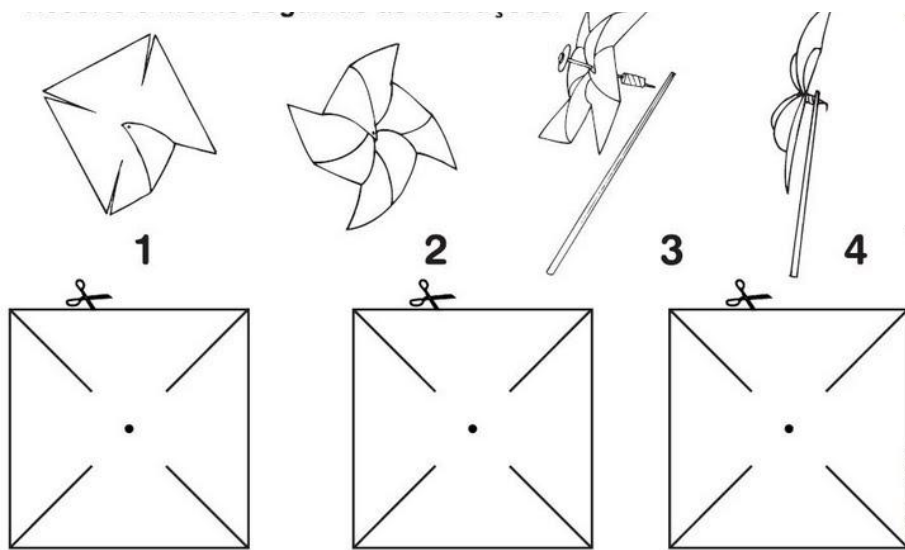
A parte da tarde terá início com a exploração do quadrado, e que figuras geométricas podemos obter através da dobragem de uma folha de papel. O professor estagiário irá demonstrar o retângulo e o triângulo, e, depois da entrega do exemplar a cada um, terão de experimentar o que já tenha sido explorado, ilustrando-o para a próxima atividade.

Passando para a construção do vira-vento, passo a passo (anexo I), é dado tempo para cada realize o seu, e enquanto uns o terminam, será dado ao aluno algum tempo para que possa explorar um pouco o que acabara de construir. Concluindo a tarefa manual, em turma iremos discutir algumas questões que irão ser entregues em papel para colar no caderno (anexo II), e mais tarde ditadas corretamente para todos os alunos.

Completando esta parte da atividade e ainda com algum tempo de aula, os alunos arrumaram tudo o que terão em cima da carteira, de modo a não se distraírem para a próxima atividade, onde se irão realizar experiências. Com o material já predefinido na grelha em cima, dar-se-á início à experiência 1 (anexo III), e à experiência 2 (anexo IV), com algumas participações dos alunos que mostraram até ao momento ter o comportamento mais adequado, e dos que necessitam de uma motivação para se manterem atentos durante a aprendizagem.

No fim de todas estas atividades, se ainda restarem alguns minutos da aula, será desenvolvida uma pequena atividade de consolidação de uma outra matéria, esta que se refere ao desenvolvimento da criança desde que nasceu, bem como situar o ano de nascimento de alguns familiares (manual pp.23). Esta atividade se não for possível ser concretizada na aula, passará para trabalho de casa.

Anexo I – Construção do Vira-Vento



Anexo II – Perguntas

“Será que há ar em todo o lado?”

1- Do que vou precisar?

- _____

2- Como vou fazer? Segura no vira-vento e sopra.

-

3- O que verifico?

-

4- O que concluo?

-

Retém...

O ar existe à nossa volta, mas quase não nos apercebemos pois não o vemos. Sentimos o ar se estiver vento. Vento é o ar em movimento.

Anexo III – Experiência 1

“Será que o ar ocupa espaço?”

Material:

- bacia com água $\frac{3}{4}$
- copo
- folha de papel

Experimentação:

Inicialmente será apresentado todo o material para a experiência, e a questão será levantada, “será que o ar ocupa espaço?”. Depois do diálogo, para esclarecer algumas curiosidades, o professor estagiário questionará “será que existe ar no copo?”. Depois de algumas previsões, a folha de papel será pressionada e amarrotada contra o fundo do copo ficando presa, e de seguida o copo será introduzido na água verticalmente do avesso, de modo a que a boca do copo entre primeiramente na água, e o fundo do mesmo, onde temos a folha de papel estará presa. Com o copo dentro da água e o suspense no ar, colocam-se novamente as perguntas avaliando novas previsões, se estas existirem. Retira-se o copo dentro da água e mostra-se que o papel se encontra plenamente seco, e retiramos a conclusão que o ar ocupa espaço.

Anexo IV – Experiência 2

“O balão ficará com ar?”

Material:

- bacia com água $\frac{3}{4}$
- funil
- balão

Dando continuidade à experiência anterior, nesta a sequência será exatamente a mesma, apresentação, previsão, realização e constatação de fatos. Neste sentido, no funil irá prender-se um balão na parte mais estreita, para que este de seguida entre na água com a parte mais larga para baixo. Seguindo estes passos o balão irá encher um pouco de forma a deixá-lo firme, mostrando à turma que o ar existe, e o balão é a prova disso.

Anexo 4.1.4 – Planificação de Português, 5.11.2014

Instituição A							Logótipo	
Professora supervisora: Brigitte Silva Professora cooperante: Nome Professor estagiário: César Pereira				Ano de escolaridade: 2º ano Turma: B Aula nº 40		Data: 5 de Novembro, 2014 Tempo: 120 min Ano letivo: 2014/2015		
Sumário: Estudo dos artigos definidos e indefinidos.								
Área	Bloco	Conteúdo	Metas Curriculares	Descritores de Desempenho	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
P O R T U G U Ê S	Oralidade	Compreensão do Oral	Meta 3 3- Utilizar progressivamente a entoação e o ritmo adequados.	Escutar para aprender e construir conhecimentos -integrar sistematicamente novas palavras no seu léxico	“Artigos definidos / indefinidos” 1- registo do separador e do sumário 2- leitura do texto errado. (anexo I) 3- entrega e resolução do exercício colado no caderno (anexo I) 4- correção projetada (anexo I)		- exercícios para colar no caderno (anexo I) - papéis individuais com determinantes	Autoavaliação (correção individual do exercício do caderno)
	Gramática	Expressão Oral	Meta 4 1- Responder adequadamente a perguntas.	Falar para aprender -construir frases com graus de complexidade crescente				

		<p>Leitura</p>		<p>Ler para aprender -Mobilizar conhecimentos prévios -responder a questões sobre o texto -ler em voz alta para diferentes públicos</p> <p>Escrever para aprender -rever os textos com apoio do professor (identificar erros, substituir, reescrever o texto)</p>	<p>5- registo no caderno dos determinantes</p> <p>6- leitura à vez por cada aluno (3 versos por aluno) a lengalenga, pp. 46</p> <p>7- resolução de exercícios do manual</p> <p>8- criação de frases com determinantes entregues pelo professor estagiário (anexo II)</p>			
--	--	-----------------------	--	---	--	--	--	--

Operacionalização

Chegando à sala os alunos irão fazer o separador e o devido sumário como o normal e ao fim de 15 minutos, concluindo ou não a tarefa, deixando para depois caso não tenham terminado, é dado início à aula.

Projeta-se no quadro branco um texto (anexo I), com os determinantes artigos definidos e indefinidos trocados, deixa-se ler até que este se apercebam que algo está errado, que o texto não está bem redigido. Deste modo sublinha-se no mesmo todas as palavras que não estejam corretas, fazendo já a separação dos determinantes, identificando-os ao lado. Assim que todos os determinantes sejam identificados, é dado a cada aluno, uma cópia do mesmo texto, exceto as palavras que estão erradas, são substituídas por espaços em branco, sendo objetivo do aluno, completar de forma correta o texto, com os determinantes já previamente identificados no quadro. Finalizando o exercício, com a devida correção projetado no quadro, os alunos irão registar no caderno um pequeno quadro com os determinantes artigos definidos e indefinidos.

Com o registo do caderno efetuado e os conteúdos já adquiridos, os alunos deverão passar para o manual e realizar, depois da leitura de uma lengalenga em voz alta, os exercícios propostos esperando-se se seja muito mais fácil para os mesmos depois do trabalho já realizado. No fim e com o objetivo de recapitular o trabalho, cada aluno irá receber um pequeno papel com um determinante aleatório, devendo criar uma pequena frase para toda a turma como prova da consolidação do abordado.

Anexo I – Exercício

Errado:

Uns dia, o alunos do 2ºB quiseram ir para as escola aprender com as professora, um professores estagiários, e brincar no intervalo com a colegas. Todos o alunos usam um polos amarelos, e uma casacos azuis marinhos, com umas pequena identificação do colégio na parte da frente. No verão um rapazes usam calças ou calções, enquanto que a meninas podem usar saias.

Exercício:

___ dia ___ alunos do 2ºB, quiseram ir para ___ escola aprender, com ___ professora ___ professores estagiários, e brincar no intervalo com ___ colegas. Todos ___ alunos usam ___ polos amarelos, e ___ casacos azuis marinhos, com ___ pequena identificação do colégio na parte da frente. No verão, ___ rapazes usam calças ou calções, enquanto que ___ meninas podem usar saias.

Correto:

Um dia os alunos do 2ºB, quiseram ir para a escola aprender, com a professora os professores estagiários, e brincar no intervalo com os colegas. Todos os alunos usam uns polos amarelos, e uns casacos azuis marinhos, com uma pequena identificação do colégio na parte da frente. No verão os rapazes usam calças ou calções, enquanto que as meninas podem usar saias.

Anexo II – Criar frases

o a os as

um uma uns umas

o a os as

um uma uns umas

o a os as

um uma uns umas

Anexo 4.2 – 2º CEB

Anexo 4.2.1 – Português, 25.5.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 5º ano	Data: 25 de Maio, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: A	Tempo: 50 min	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº:	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário:			
Leitura e análise dos poemas de Luísa Ducla Soares, <i>A Sementeira</i> e <i>A Sombra</i> .			
Realização de exercícios – acróstico.			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
Leitura e Escrita	Análise textual: texto poético. • Sujeito poético • Elementos de versificação • Classificação quanto ao número de estrofes.	Prestar atenção ao que ouve e ao que lê, de modo a tornar possível: — cumprir instruções dadas; — responder a perguntas; — relatar o essencial de uma história ou de uma ocorrência.	1. Registo do sumário e apresentação dos objetivos para a aula	5'	- Caderno diário - Projeções	
		Fazer uma leitura que possibilite: — detetar informação relevante.	2. Audição do poema <i>A Sementeira</i> (voki) com recuso ao diálogo sobre o poema (anexo I)	5'		
		Fazer a leitura integral de textos literários. Expressar ideias e sentimentos provocados.	3. Resolução do exercício 2 relativo ao poema (individualmente), correção oral (anexo III)	10'		

			4. Audição do poema A <i>Sombra</i> (voki) com recurso ao diálogo sobre o poema (anexo II)	5'		
			5. Resolução do exercício 3, relativo ao poema (individualmente) com correção oral (anexo III)	10'		
			6. Resolução dos exercícios 4, 5 e 6 relativos a ambos os poemas com correção oral (anexo III)	10'		
			7. Proposta de atividade de enriquecimento vocabular	12'		
			8. Resumo da aula e esclarecimento de dúvidas.	3'		

Operacionalização

A aula terá início com o registo do sumário e explicação do que se irá realizar durante a aula, de modo a que sem surpresas esta corra com fluência, sendo inteiramente acompanhada de uma apresentação em formato de *prezi*, facilitador do processo de ensino. Será realizada inicialmente a leitura do poema de Luísa Ducla Soares, *A Sementeira*, onde no final do mesmo, será proposto aos alunos que voltem a realizar essa mesma leitura, agora com uma entoação diferente (rir, chorar, triste e chateado), salientando que é possível interpretar um poema de diferentes formas. Após a leitura, e um breve resumo oral do poema, serão colocadas questões aos alunos sobre o mesmo. Este mesmo processo será repetido na leitura do segundo poema *A Sombra*; no final deste processo, serão apresentadas mais três perguntas à turma, tendo em conta ambos os poemas (com correção no final). Por fim, será proposto aos alunos a resolução de uma atividade, onde cada um, de acordo com o exemplo apresentado, deverá realizar um acróstico com o seu próprio nome, autoavaliando-se quanto às suas qualidades também. Os alunos que concluírem essa atividade mais cedo poderão dar continuidade, completando o acróstico com o resto do seu nome. Os momentos finais estão então reservados para algumas dúvidas que possam ter ficado sobre algum conteúdo, bem como uma breve síntese realizada pelo professor estagiário.

Anexo I – Poemas da Mentira – A Sementeira

Semei na minha quinta
os cacos duma caneca:
nasceu um velho sem dentes
a pentear a careca.

Semei na minha quinta
três postinhas de pescada:
nasceram três gatos-tigres
com a cauda arrebitada.

Semei na minha quinta
um lápis bem afiado:
nasceu uma professora,
mandou-me fazer ditado.

Semei na minha quinta
seis carros do meu irmão:
antes que algum nascesse,
ele deu-me um bofetão.

LUÍSA DUCLA SOARES, Poemas da
Mentira e da Verdade, Livros Horizonte,
1999

Anexo II – Poemas da Verdade – A Sombra

Eu tenho uma amiga, a sombra,
que anda comigo e não fala.
Por mais que eu puxe conversa,
sempre a marota se cala.

Logo que corro para o sol,
estende-se a sombra no chão.
Pisam-na todos os pés
e senta-se nela o cão.

Salta para trás e para a frente,
pula para cima, para o lado,
mas parece que está presa
à sola do meu calçado.

Faz tudo aquilo que eu faço:
macaca de imitação!
Até se lhe dou um estalo
me quer dar um safanão.

Eu sou branco, ela é preta,
ando em pé, ela deitada.
Mas nunca nos separamos
até ser noite fechada.

LUÍSA DUCLA SOARES, Poemas da
Mentira e da Verdade, Livros Horizonte,
1999

Anexo III – Perguntas e respostas da interpretação dos poemas

2.

2.1- Concordas com a ideia de lhe chamar o poema da Mentira? Justifica a tua resposta.

R.: Sim, porque no poema não se encontram expressas situações reais.

2.2- Identifica as palavras que rimam em cada uma das estrofes.

R.: As palavras que rimam nas estrofes são: caneca - careca; pescada - arrebitada; afiado - ditado; irmão - bofetão.

3. Responde às seguintes questões de forma completa.

3.1- Quem é a amiga do sujeito poético?

R.: A amiga do sujeito poético é a sombra.

3.2- Explica a função dos últimos versos de cada estrofe.

R.: Os dois últimos versos, de cada estrofe, encontram-se relacionados com o contraste existente entre o sol e o seu reflexo nos objetos, originando a sombra.

4. Quantas estrofes tem cada um dos poemas?

R.: O poema A Sementeira tem quatro estrofes; e o poema A Sombra tem cinco estrofes.

5. Como classificas as estrofes destes poemas, quanto ao número de versos?

R.: Ambos os poemas estão organizados em quadras.

6. Como classificas o género literário destes textos: narrativo lírico ou dramático?

R.: O género literário presente nestes poemas, de Luísa Ducla Soares, é o lírico porque, transmitem emoções e sentimentos podendo ainda ser musicados.

Anexo IV – Atividade

7. Elabora uma lista de palavras que te caracterizem em forma de acróstico.

Ex.:

Comunicativo

Extrovertido

Simpático

Amigo

Resiliente

Anexo 4.2.2 – Hora e Leitura da Escrita, 25.5.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 5º ano	Data: 25 de Maio, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: A	Tempo: 50 min	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário: Leitura e Intepretação do Poema de Manuel António Pina, O Aviador Interior”.			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
Leitura e Escrita	Organizar a informação contida no texto	<ul style="list-style-type: none"> - Parfrasear períodos de textos lidos - Indicar os aspetos nucleares do texto, respeitando a articulação dos factos ou das ideias, assim como o sentido do texto - Indicar a intenção do autor, justificando a partir de elementos do texto. 	“O Aviador Interior”	5’	- Poemas separados por versos	Formativa (capacidade de adaptação do poema à expressão indicada)
			<ul style="list-style-type: none"> 1. Registo do sumário; esclarecimento dos objetivos da aula. 	5’	- Projetor e computador (poema)	
			<ul style="list-style-type: none"> 2. Constituição de 5 grupos; entrega de um envelope com 4 versos recortados de uma quadra 	20”	- Guitarra	
	Panificar a		<ul style="list-style-type: none"> 3. construção de quadras por grupo e apresentação à turma, análise de cada quadra 	10’		

Educação Literária	escrita de textos	- Registrar ideias relacionadas com o tema, hierarquiza-las e articulá-las devidamente.	4. apresentação do poema integral de Manuel António Pina e conversa sobre o tema do poema	5'		
	Ler e interpretar textos literários	- Ler e ouvir ler textos da literatura para crianças e jovens -	5. Conversa sobre características do poema, salientando a sua musicalidade 6. Apresentação da interpretação do professor estagiário, musicando o poema; cântico do poema em turma	5'		

Operacionalização

Dando início à aula com o registo do sumário, rapidamente se apresentam os objetivos para a mesma aula, enquanto terminam esse mesmo registo e arrumam o material desnecessário para a restante aula.

Esta aula terá então início com a formação de 5 grupos, o mais rápido possível, onde a cada grupo serão entregues 4 versos pertencentes a uma quadra do poema em análise, *O Aviador Interior*. Estes estarão soltos de modo a que cada grupo tenha a obrigação de os organizar de modo a que a quadra faça sentido, procurando em grupo a resolução deste dilema promovendo a opinião crítica de cada elemento do grupo. Realizada a tarefa, deverão escolher um elemento porta voz do grupo que irá ler a quadra organizada dando de seguida, já organizados nos devidos lugares, a palavra a cada grupo onde será apresentada a quadra e mais tarde comentada por toda a turma, partilhando opiniões da assertividade do grupo quanto ao requisitado pelo professor.

Terminando todos os grupos a sua apresentação quanto à organização da sua quadra, será questionado aos alunos que características podemos encontrar nos poemas, e que características podemos encontrar no poema em análise. Objetiva-se que estes refiram características como: a rima, a emissão de sentimentos do autor, utilização de recursos estilísticos e a musicalidade que pode então se observar do mesmo. Partindo então deste resumo, o professor estagiário irá apresentar a análise que terá feito do mesmo poema quando havia lido, musicando o poema com guitarra, apresentando e mais tarde repetido em turma.

Anexo I – O Aviador Interior (para projetar)

O ar não se vê
não se sente não se ouve
mas quanto mais se sobe
mais não sei quê.

E quando se sobe
sem sair do chão?
Quando a cabeça se move
e o resto do corpo não?

A cabeça subindo
pelo lado de dentro
e o teu pensamento
tão limpo e tão lindo.

Tão maravilhoso
como o dum matemático
tão rigoroso
como o dum mágico.

Embora às vezes não pareça
embora te digam que não
tens um campo de aviação
dentro da tua cabeça

Anexo 4.2.3 – Matemática, 9.3.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 5º ano	Data: 9 de Março, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: A	Tempo: 75 min	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário:			
<p>Construção de triângulos – critérios LAL de igualdade de triângulos.</p> <p>Construção de triângulos – critérios ALA de igualdade de triângulos.</p> <p>Relação entre lados de um triângulo.</p>			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem Metas Curriculares	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
GM5 Propriedades Geométricas	Geometria e Medida	<p>1. Reconhecer propriedades envolvendo ângulos, paralelismo e perpendicularidade</p> <p>3) Construir um ângulo igual à soma de outros dois utilizando régua e compasso.</p> <p>2. Reconhecer propriedades de triângulos e paralelogramos</p> <p>2) Reconhecer que a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual a um ângulo raso.</p> <p>10) Construir triângulos dados os</p>	1- registo do sumário	5'	- régua, compasso, transferidor (quadro)	Formativa (construção de triângulos)
			2- dialogo sobre critérios já lecionados (construção de triângulos LLL)			
			3- Construção e realização (em turma) do 1º exercício (critério LAL)	10'	- 36 bolas de plasticina	
4- realização individual dos restantes exercícios do mesmo grupo (critério LAL)	15'	Palitos - 12 de 7cm				

		<p>comprimentos de dois lados e a amplitude do ângulo por eles formado e reconhecer que as diversas construções possíveis conduzem a triângulos iguais e utilizar corretamente, neste contexto, a expressão “critério LAL de igualdade de triângulos”.</p> <p>11) Construir triângulos dado o comprimento de um lado e as amplitudes dos ângulos adjacentes a esse lado e reconhecer que as diversas construções possíveis conduzem a triângulos iguais e utilizar corretamente, neste contexto, a expressão “critério ALA de igualdade de triângulos”.</p> <p>17) Saber que num triângulo a medida do comprimento de qualquer lado é menos do que a soma das medidas dos comprimentos dos outros dois e</p>	<p>5- Construção e realização (em turma) do 1º exercício (critério ALA)</p> <p>6- realização individual dos restantes exercícios do mesmo grupo (critério ALA)</p> <p>7- Representação de triângulos com palitos e plasticina (lado maior < a soma dos restantes lados)</p>	<p>10'</p> <p>15'</p> <p>15'</p>	<p>- 12 de 2cm</p> <p>- 12 de 3cm</p> <p>- 24 de 4cm</p>	
--	--	--	--	----------------------------------	--	--

		maior do que a respetiva diferença e designar a primeiras destas propriedades por “desigualdade triangular”.				
--	--	--	--	--	--	--

Operacionalização

A aula é iniciada com o registo do sumário e, prontamente, com uma pequena elucidação do conteúdo trabalho na aula anterior quanto à construção de triângulos segundo o critério LLL.

De seguida, é dada continuidade à aula com a explicação de uma nova forma de construção de triângulos – neste momento, segundo o critério LAL, registando no caderno a definição no quadro, partindo logo para a continuação da realização da ficha de trabalho já iniciada na aula anterior. O primeiro exercício é resolvido em turma com o auxílio do professor estagiário e, de seguida, resolvem os restantes exercícios, individualmente, até a correção no quadro dos mesmos.

Assim que este momento de aprendizagem se realize, cria-se um muito idêntico, finalizando a construção de triângulos. Segundo o critério ALA, regista-se de igual modo no caderno a definição, a realização do primeiro exercício do grupo com o professor estagiário, a realização individual dos restantes exercícios e a devida correção no quadro.

Nos últimos momentos da aula, realiza-se um momento mais lúdico, em que com plasticina e palitos, e algumas trocas de ideias e dúvidas, como por exemplo: “será que os lados dos triângulos podem ser aleatórios?”; “será é possível construir triângulos com as medidas que quisermos?”. Após a experiência e a elucidação das mesmas questões, irão colar no caderno a definição (anexo II), em que, em poucas palavras, podemos referir que o lado maior do triângulo, terá sempre de ser menor que a soma dos outros dois lados do mesmo, nunca igual, nunca maior.

Anexo I – ficha de trabalho

Logótipo

Tarefa n.º 6 | Triângulos - construção

ANO LETIVO

Matemática | 5º Ano

2014 / 2015

Nome: _____ Número: _____ Turma: _____ Data: _____

I – Construção de um triângulo sendo dados os comprimentos dos 3 lados

- a.) Constrói um triângulo $[ABC]$ tal que $\overline{AB} = 5 \text{ cm}$, $\overline{AC} = 4 \text{ cm}$ e $\overline{BC} = 3 \text{ cm}$.
- b.) Constrói um triângulo $[MNO]$ tal que $\overline{MN} = 4,5 \text{ cm}$, $\overline{NO} = 6 \text{ cm}$ e $\overline{MO} = 4 \text{ cm}$.
- c.) Constrói um triângulo $[FGH]$ isósceles com 14 cm de perímetro e tal que $\overline{FG} = 4 \text{ cm}$.

II – Construção de um triângulo sendo dados dois lados e o ângulo por eles formado

- a.) Constrói um triângulo $[ABC]$ tal que $\overline{AB} = 5 \text{ cm}$, $\overline{BC} = 4 \text{ cm}$ e $\overset{\$}{\angle}C = 60^\circ$.
- b.) Constrói um triângulo $[FGH]$ tal que $\overline{FG} = 5,5 \text{ cm}$, $\overline{GH} = 4,5 \text{ cm}$ e $\overset{\$}{\angle}H = 50^\circ$.
- c.) Constrói um triângulo $[LMN]$ tal que $\overline{LM} = 4 \text{ cm}$, $\overline{MN} = 3,4 \text{ cm}$ e $\overset{\$}{\angle}N = 120^\circ$.

III – Construção de um triângulo sendo dados um lado e os ângulos adjacentes a esse lado

- a.) Constrói um triângulo $[ABC]$ tal que $\overline{AB} = 5 \text{ cm}$, $\overset{\$}{\angle}C = 60^\circ$ e $\overset{\$}{\angle}A = 45^\circ$.
- b.) Constrói um triângulo $[PRS]$ tal que $\overline{PR} = 6 \text{ cm}$, $\overset{\$}{\angle}S = 120^\circ$ e $\overset{\$}{\angle}R = 30^\circ$.
- c.) Constrói um triângulo $[RST]$ tal que $\overline{RS} = 6 \text{ cm}$, $\overset{\$}{\angle}T = 100^\circ$ e $\overset{\$}{\angle}R = 28^\circ$.

Anexo II – definição para o caderno

Conclui-se que: Num triângulo, o comprimento de qualquer lado é menor que a soma dos comprimentos dos outros dois.

$$7 < 4 + 4$$

Nos casos seguintes, observamos que não é possível.

$$7 > 4 + 2$$

$$7 = 4 + 3$$

Anexo 4.2.4 – Matemática, 22.5.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 5º ano	Data: 22 de Maio, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: A	Tempo: 100 min	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº 91	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário: Frequências absolutas e relativas – construção de tabela. Gráfico de barras. Gráfico de barras duplas – construção. Resolução de exercícios.			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
Organização e Tratamento de Dados	Gráficos cartesianos	-Referenciais cartesianos, ortogonais e monométricos	1- registo do sumário, esclarecimento dos objetivos da aula	5'	- 25 fot. com tabela (anexo II)	Formativa (construção dos conhecimentos; construção das tabelas/ diagramas/ gráficos; resolução de exercícios)
		-Abcissas, ordenadas e coordenadas	2- construção da: noção de estatística, noção de definições a reter (anexo I)	15'	- 25 fot. p/ preencher 2º probl (anexo II)	
	-Gráficos cartesianos	3- recolha e tratamento de dados para a estatística (nº de irmãos da turma do 5ºA) (diagrama de contagem)	10'			
	Representação e tratamento de dados	-Tabelas de frequências absolutas e relativas	4- completar da tabela com frequência absoluta; construção de gráfico de barras verticais	10'		

		<p>-Gráficos de barras (verticais e horizontais)</p> <p>-Problemas envolvendo dados em tabelas, diagramas e gráficos</p>	<p>(nº irmãos – freq. abs.)</p> <p>5- completar da tabela com frequência relativa; referência aos gráficos de barras horizontais (freq. rela. – nº irmãos)</p> <p style="text-align: center;">2º Problema (sabores preferidos, man. pp. 82)</p> <p>6- entrega e preenchimento de papéis para recolhe de dados</p> <p>7- construção de um gráfico de barras duplas</p> <p>8- realização das questões manual pp. 82 relativas às respostas da turma,</p> <p>9- realização (marcação TPC) dos exercícios pp. 85</p>	<p>20'</p> <p>5'</p> <p>10'</p> <p>10'</p>		
--	--	--	---	--	--	--

Operacionalização

Inicia-se com o registo do sumário e a explicação dos objetivos para a aula, sem desvendar o que se irá realmente realizar dentro da sala, abrindo a porta à curiosidade.

Dentro da estatística e visto que não será a primeira vez a ser trabalhada, são debatidas algumas definições (anexo I) e registadas no caderno, para que se possa avivar a memória quanto aos conteúdos necessários para que se possa desenrolar com sucesso a aula. Entrega-se então a cada aluno uma tabela (anexo II), facilitando o resumo dos conteúdos a ser abordados e otimizando o tempo dentro da sala. Questiona-se então toda a turma quanto ao número de irmãos, fazendo uma contagem e das respostas no quadro para que possam registar no caderno. Solicita-se então o preenchimento da coluna seguinte, a frequência absoluta, para que juntos possamos construir um gráficos de barras verticais com esses mesmos dados. De igual modo será realizado com a restante coluna a ser preenchida, avivando somente alguns pormenores para que consigam calcular, agora, a frequência relativa, onde no final será representado novamente com gráfico de barras, mas horizontal, variando a apresentação dos dados, concluindo que estes podem ser apresentados de diferentes formas representando o mesmo.

Partindo agora para uma análise diferente, com uma sugestão de exercício do manual, entrega-se um pequeno papel onde cada aluno deverá selecionar o sabor preferido do gelado, devolvendo de novo ao remetente como se de um voto se tratasse, mantendo-se o sigilo. Após a recolha e apresentação dos dados, propõe-se que se construa um gráfico de barras duplas, partindo para as sugestões da sua construção, onde orientados pelo professor estagiário, procurar-se-á representar os dados num gráfico ainda desconhecido dos mesmos. A partir desses mesmos dados, sugere-se a resolução de alguns exercícios do manual relacionados com o tema. Termina a aula com a marcação dos trabalhos de casa.

Anexo I – definições para o caderno (sinal de perigo)

1. A cada par ordenado de números corresponde um e um só ponto no gráfico.

2. A cada ponto do gráfico corresponde um e um só par ordenado de números.

3. A soma das frequências absolutas é igual ao número de dados.

4. A soma das frequências relativas é igual à unidade.

5. A frequência relativa de um dado obtém-se dividindo a frequência absoluta desse dado pelo número total de dados.

6. A representação da informação em gráficos de barras permite ver com clareza o modo como se distribuem as frequências e facilita a análise dos dados.

7. Moda de um conjunto de dados é o dado com maior frequência absoluta.

Anexo II – Fotocópias para impressão

Tabela para análise do 1º problema (nº de irmãos)

Nº de Irmãos	Contagem	Freq. absoluta	Freq. relativa
0			
1			
2			
3 ou mais			
Total			

Recolha de dados para o 2º problema (sabores preferidos)

Quais destes gelados preferes?
Assinala apenas uma resposta.

de baunilha

de caramelo

de chocolate

de morango

Sexo: F M

Anexo 4.2.5 – Ciências Naturais, 29.5.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 6º ano	Data: 29 de Maio, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: B	Tempo: 75'	
Professor/a estagiário/a: César Pereira e Rita Oliveira	Aula nº 65	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário:			
O tabaco, o álcool e outras drogas. Atividade experimental.			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
Higiene e problemas sociais	Compreender a influência da higiene e da poluição na saúde humana	- identificar exemplos de diferentes tipos de poluição do ar interior, com destaque para os poluentes evitáveis, como o fumo ambiental do tabaco.	1- Registo do sumário; esclarecimento dos objetivos desenvolvidos ao longo da aula	2'	- Imagens de complemento dos cartazes (anexo II) - 3 cartolinas - canetas para colorir - Material indicado na ficha de registo da	Formativa (trabalho cooperativo; apresentação dos trabalhos)
			2- Noção de Droga, e descrição dos três malefícios (tabaco, álcool, outras drogas)	5'		
			3- Demonstração da atividade experimental "A Garrafa Fumadora"; troca de ideias como resumo da atividade	20'		
			4- Explicação da atividade "Alerta	30'		

			ao Malefício”; trabalho de grupo 5- Apresentação dos cartazes de grupo	15'	atividade experimental (anexo I)	
--	--	--	---	-----	-------------------------------------	--

Operacionalização

A aula iniciará com a escrita do sumário. Após os alunos terem escrito o sumário os estagiários darão início à aula, começando com uma breve explicação sobre o que é a droga e os constituintes da mesma, através de slides de PowerPoint. Depois, os professores estagiários pedirão a atenção dos alunos para uma experiência, denominada “A Garrafa Fumadora”. Os alunos terão que se levantar e fazer uma roda à volta de uma mesa, onde ocorrerá a experiência. Durante a experiência, os estagiários terão que fazer a relação entre o material (da experiência) e os órgãos do corpo humano, protagonista da experiência (os pulmões e o algodão). Terminada a experiência, os alunos terão que discutir o que observaram, como resultado.

Na segunda parte da aula, os professores estagiários proporão a atividade “Alerta ao Malefício”, que consiste na divisão da turma em vários grupos onde cada um terá uma droga responsável. Cada grupo terá 30 minutos para elaborar um cartaz (com a ajuda do manual) com o objetivo de alertar e informar quais os malefícios que a droga faz ao ser humano. Cada grupo terá de decorar à sua maneira (utilizando materiais fornecidos pelos professores estagiários).

Por fim, cada grupo terá que apresentar à turma o seu cartaz.

Anexo I – Experiência “A Garrafa Fumadora”



Ficha de Registo da Atividade Experimental n.º

Disciplina: Ciências Naturais – 6ºAno

ANO LETIVO
2014 / 2015

Nome: _____

Ano: 6º Turma: _____ N.º _____

“Tabaco, Álcool e
outras drogas”

I. QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DO TABACO

Material:

- Uma garrafa de plástico;
- Um elástico;
- Pasticina;
- Um tubo;
- Um cigarro;
- Algodão.

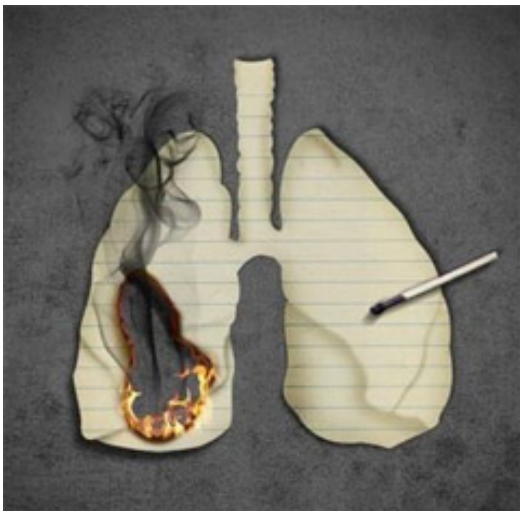
Procedimento:

(Deves solicitar a ajuda do teu professor)

1. Fura o fundo da garrafa (pede auxílio de um adulto);
2. Fura a tampa da garrafa e segura-o com a plasticina;
3. Enfia o tubo na tampa e segura-o com a plasticina;
4. Forma uma bola de algodão e coloca-a na extremidade do tubo que ficará no interior da garrafa (segura o algodão com o elástico);
5. Enche a garrafa de água e pede a um colega que tape o furo com o dedo;
6. Pede ao teu professor que coloque o cigarro no tubo. Em seguida, enrosca a tampa na garrafa;
7. Pede ao teu professor para acender a ponta do cigarro;
8. Observa o que acontece, à medida que a água se escoar;
9. Depois do cigarro consumido, retira o algodão e observa o seu aspeto.

Anexo II – Imagens de complemento para os trabalhos de grupo

Imagens para o tabagismo





Imagens para o alcoolismo



Imagens para as outras drogas



Anexo 4.2.6 – Ciências Naturais, 29.5.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 6º ano	Data: 29 de Maio, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: B	Tempo: 75 min	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº XX	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário: A Higiene pessoal e social			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
Higiene e Problemas Sociais	Compreender a influência da higiene e da poluição da saúde humana	<ul style="list-style-type: none"> - enumerar alguns cuidados de higiene corporal diária - citar medidas de higiene mental e normas de higiene alimentar 	<p>1 – Registo do sumário e esclarecimento dos objetivos da aula</p> <p>2 – introdução ao tema “a higiene” com o esclarecimento do significado da palavra</p> <p>3 – apresentação de algumas imagens alusivas ao tema, recolhendo cuidados higiénicos referidos pelos alunos; resolução de exercício sobre o mesmo</p>		<ul style="list-style-type: none"> - 27 fotocópias com os deveres da higiene - álcool em gel para lavagem - 	

			<p>4 – entrega de um papel com os cuidados higiénicos para colar no caderno (anexo I)</p> <p>5 – resolução do exercício 2 em turma, e explicação dos conteúdos de cada pergunta com a devida correção</p> <p>6 – resolução do exercício 3 e correção e explicação devida de cada alínea</p> <p>7 – resolução do exercício 4</p> <p>8 – explicação e debate da lavagem das mãos; concretização da lavagem de acordo com as regras mencionadas</p>			
--	--	--	---	--	--	--

Operacionalização

A intervenção terá início com o registo do sumário bem como do esclarecimento dos objetivos para a aula. Desse modo a aula terá início com a recolha de informação quanto ao significado do termo “higiene”, apesar de simples, poderá originar uma grande diversidade de opiniões que se poderão completar. Com suporte a uma apresentação *Prezi*, os conteúdos e imagens alusivas ao tema serão abordados e trabalhados a partir do mesmo, bem como os exercícios e a sua devida resolução. Para que alguns cuidados sejam tomados em conta a longo prazo, será fornecido a cada um, uma pequena imagem para colar no caderno para recordar alguns deveres de higiene (anexo I).

Esta aula, além do final, irá consistir na apresentação dos conteúdos promovendo a participação do aluno tanto na leitura e explicação como nas suas dúvidas. Para os últimos momentos, reserva-se então uma pequena atividade para cimentar um cuidado que deveria ser usual no quotidiano de cada um, a lavagem das mãos. Antes desta, serão apresentados alguns cuidados e pormenores que se deverá ter na lavagem das mãos, como tempos e gestos. Desse modo, o professor estagiário proporcionará uma lavagem das mãos, de acordo com os passos previamente referidos, com álcool desinfetante.

Anexo I – Deveres da higiene

- ✓ *Escovar os dentes após as refeições, assim como ao deitar e ao levantar.*
- ✓ *Seguir uma alimentação equilibrada.*
- ✓ *Ter uma postura corporal correta. As posições incorretas podem provocar deformações do nosso esqueleto.*
- ✓ *Evitar passar muitas horas a olhar para um ecrã de televisão ou de um computador. Estas atividades podem prejudicar a visão.*
- ✓ *Evitar ouvir música com um volume muito alto. O excesso de ruído prejudica a audição.*
- ✓ *Manter o teu quarto sempre limpo e arejado.*
- ✓ *Tomar banho diariamente e mudar de roupa regularmente.*
- ✓ *Praticar exercício físico regularmente.*



Anexo 4.2.7 – Ciências Naturais, 3.6.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 6º ano	Data: 3 de Junho, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: B	Tempo: 50'	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº 65	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário: Estudo do tema "A Poluição".			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
Higiene e problemas sociais	Compreender a influência da higiene e da poluição na saúde humana	- Identificar exemplos de diferentes tipos de poluição do ar interior, com destaque para os poluentes evitáveis, como o fumo ambiental do tabaco.	1- Conclusão do estudo da aula anterior "O tabaco, o álcool e outras drogas"	15'	- projetor - computador	Formativa (participação, cooperação, ordem, respeito)
		- Indicar alguns exemplos de diferentes tipos de poluição do ar exterior, da água e do solo.	2- Introdução ao tema com pequena dinâmica Pictionary	5'		
		- Descrever as consequências da exposição a poluentes do ar interior e exterior, da água e do solo na saúde individual, nos seres vivos e	3- Apresentação do prezi de acompanhamento à aula; registo do sumário	2'		
			4- Dialogo sobre o significado de poluição e dos diferentes tipos de poluição que existem com	28'		

		no ambiente. - Enumerar medidas de controlo da poluição e de promoção de ambientes saudáveis.	suporte a imagens e videos			
--	--	--	----------------------------	--	--	--

Operacionalização do dia

O início da aula será dedicado à apresentação dos últimos trabalhos de grupo realizados na aula anterior. Assim que esta termine, sugere-se uma pequena dinâmica. 4 alunos irão receber um pequeno papel com : poluição da água; poluição do ar; poluição do solo; poluição sonora. De seguida terão de o representar no quadro e a restante turma deverá adivinhar o que os seus colegas pretendiam realizar. O objetivo será centrarmo-nos, inicialmente, na palavra chave e que se repete: Poluição.

Assim que este conceito esteja esclarecido a toda a turma, serão abordados cada um destes tipos de poluição que os alunos acabavam de representar com o suporte de imagens e vídeos. Além de toda a aula se centrar nos conhecimentos já adquiridos dos alunos, para que haja uma construção contínua, procura-se que eles mesmos se recordem de que cuidados podemos todos ter para um pequeno auxílio para saúde do nosso planeta. Termina a aula, com alguns alertas para os deveres que todos temos enquanto cidadãos ativos e interventivos na preservação do nosso meio envolvente, nomeadamente, se houver tempo, uma especial atenção à política dos 4r's já trabalhado no 5º ano de escolaridade.

Anexo 4.2.8 – História e Geografia de Portugal, 9.4.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 6º ano	Data: 9 de Abril, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: B	Tempo: 50'	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário: As obras públicas.			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
Portugal do sec. XX	O Estado Novo (1933-1974)	Compreender a ascensão de Salazar e a construção do Estado Novo	1- revisão e enquadramento dos conteúdos abordados (vídeo 1, 2, 3- leya)	10'		
		-Referir o saldo positivo das contas públicas portuguesas conseguido pelo Ministro das Finanças António de Oliveira Salazar	2- nomear obras publicas, dividindo-as por categorias do desenvolvimento do país (educação, comunicação, saúde, produção de energia, desporto) (vídeo 5- leya)	10'		
		-Relacionar o saldo positivo das contas públicas portuguesas conseguido pelo ministro das finanças António de Oliveira Salazar com a sua rápida ascensão no poder.	3- explorar de que modo, cada categoria veio influenciar no desenvolvimento do país (vídeo	10'		

		-Reconhecer o carácter ditatorial do Estado Novo	6- leya) ----- 4- relacionar o desenvolvimento das grandes cidades com a pobreza no interior (emigração)	10'		
			5- Contributo das receitas de emigrantes e do turismo (imagens: pobreza e propagandas)	15'		
			6- resolução do teste da leya (extra)			

Operacionalização do dia

Após os primeiros 50 minutos de aula, o professor estagiário dará continuidade à mesma, abordando principalmente as obras públicas do estado novo. Neste início e de acordo com parte dos assuntos já trabalhados nesta mesma aula, será feito um pequeno apanhar de ideias, desde o convite de Salazar para ministro das finanças, até ao desenvolvimento do país. A par de um pequeno esquema realizado no quadro com o professor estagiário, serão apresentados alguns vídeos fornecidos pelo livro multimédia de história, que resumem o que já fora trabalhado de modo a concluir devidamente o esquema introdutório. Logo de seguida os alunos irão nomear as obras publicas que o estado novo havia promovido em Portugal, onde no final desta nomeação, as obras serão reunidas e categorizadas, isto é, de que forma vieram promover o desenvolvimento do país, quanto à educação, a comunicação, a saúde, a produção de energia ou o desporto. Finalizando esta separação, e em conversa com os alunos, será procurada uma pequena definição quanto à forma é que cada uma destas categorias poderia promover o já referido desenvolvimento. Todo este momento de aula será realizado num outro esquema realizado pelo professor estagiário, e de seguida cada aluno irá registar no seu caderno esse mesmo esquema que resume o já referido.

Dando continuidade à aula, pergunta-se onde é que estes desenvolvimentos se sucediam, concluindo que o Estado Novo, se centrava no desenvolvimento à volta das grandes cidades, esquecendo o interior do país, onde se apresentavam fortes indícios de pobreza. Esta pobreza levou muitas famílias a emigrar, preferencialmente para França, um aspeto que se mostrou importante para o aumento das receitas do país. Referindo estas receitas extra para os cofres do país, irá referir-se também um outro auxílio para este aumento, referindo então o turismo, que desde o início das obras públicas se objetivou a promoção do turismo, pois este iria enriquecer o país. Estes últimos temas serão referidos a par de algumas imagens tanto de pobreza e de emigração, como do turismo e toda a propaganda realizada para que Portugal se torna-se um ponto de interesse turístico.

Caso sobrem de alguns minutos de aula, será realizado no manual multimédia um pequeno teste de revisões dos conteúdos trabalhados na aula, abrindo espaço a algumas trocas de ideias entre os alunos, limitando-se o professor estagiário a orientar e auxiliar a aprendizagem de todos e de cada um.

Anexo I – Esquema de conteúdos para a aula

Salazar, ministro das finanças
(convidado por General Óscar Carmona)



Valor das receitas do Estado superior ao valor das despesas



Salazar, presidente do Conselho de Ministros



Construção das obras públicas
(Duarte Pacheco Ministro das obras públicas)



Desenvolvimento do país



Comunic.	Educação	Saúde	Produção Elétrica	Desporto	Habitacã o	Cultura e Lazer
Estradas (VCI, A1) Pontes (Arrábida) Metro e elétrico (Lisboa)	Escolas (2500 salas de aula)	Hospitais (São João) (Mater. Júlio Dinis)	Barragens Elet. de cidades	Estádio Nacional (Jamor)	Bairros sociais (Amial, Costa Cabral, Paranhos)	Mosteiro dos Jerónimos Padrão dos Descobrimentos Santuário de Fátima

Desenvolvimento centrado nas grandes cidades
(Porto, Lisboa, Setúbal)



Pobreza no interior que levou à **emigração**
(maioria para França)



Aumento das receitas do país



Turismo
(Propaganda do país)

Anexo 4.2.9 – História e Geografia de Portugal, 28.5.2015

Instituição B			Logótipo
Professora supervisora: Daniela Gonçalves	Ano de escolaridade: 6º ano	Data: 28 de Maio, 2015	
Professora cooperante: Nome (área)	Turma: B	Tempo: 50'	
Professor estagiário: César Pereira	Aula nº	Ano letivo: 2014/2015	
Sumário: Características da população. Repartição espacial da população. Formas de povoamento. As condições de vida no campo. Os centros urbanos. Os problemas da vida quotidiana.			

Bloco	Conteúdo	Objetivos de Aprendizagem	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos Materiais	Avaliação
A População Portuguesa	Compreender o contributo do saldo migratório na evolução da população em Portugal	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir emigração de imigração. - Definir saldo migratório - Caracterizar a evolução da emigração em Portugal - Localizar as principais áreas de destino da emigração portuguesa - Identificar as principais causas e consequências da emigração em Portugal - Descrever a evolução da imigração 	1- entrega de gráficos , imagens e notícias presentes no livro 2- exposição dos temas; apresentação dos gráficos entregues à turma de acordo com cada tema (esta atividade irá se desenrolar por toda a aula) 2.1 – 1º - Características da população		- copias de gráficos imagens (entrega aos alunos)	Formativa (justificação dos gráficos)

	<p>Compreender a distribuição da população em Portugal</p>	<p>em Portugal</p> <ul style="list-style-type: none"> - Localizar os principais países de origem da imigração em Portugal - Distinguir densidade populacional de população total - Interpretar mapas com a distribuição regional da população total/densidade populacional em meados do século XX e na atualidade - Identificar os principais fatores responsáveis pelo acentuar de contrastes na distribuição da população na atualidade. 	<p>2.2 – 2º - Repartição espacial da população</p> <p>2.3 – 3º - As formas de povoamento</p> <p>2.4 – 4º - As condições de vida no campo</p> <p>2.5 – 5º - Os centros urbanos</p> <p>2.6 – 6º - Os problemas da vida quotidiana</p>			
--	--	--	---	--	--	--

(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

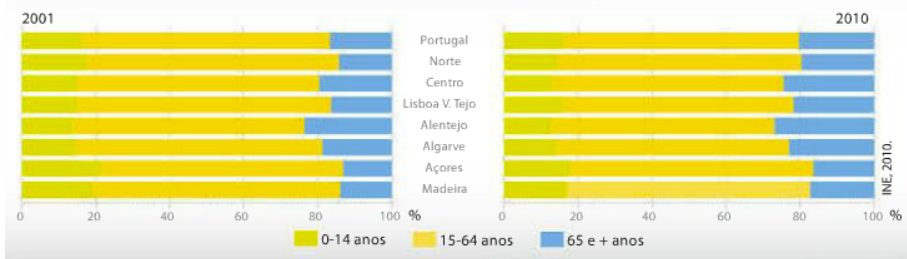
Operacionalização do dia

A intervenção terá início na segunda metade da aula, onde se irá entrar os gráficos e imagens, relativos aos conteúdos a abordar, guardando alguns minutos para a sua análise. Assim sendo, os títulos serão apresentados no *PowerPoint* bem como os gráficos e imagens entregues aos alunos, deixando-os analisar esse mesmo documento de modo a que possam ir ao encontro do que o professor estagiário, irá partilhar com eles.

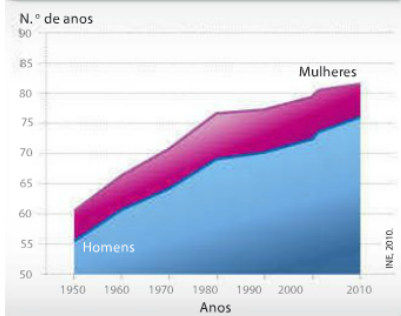
Anexo I – Imagens introdutórias

Características da população

Doc. 1 - Evolução da estrutura etária da população, em Portugal e por regiões (2001-2010).



Doc. 2 - Evolução da esperança média de vida, em Portugal.

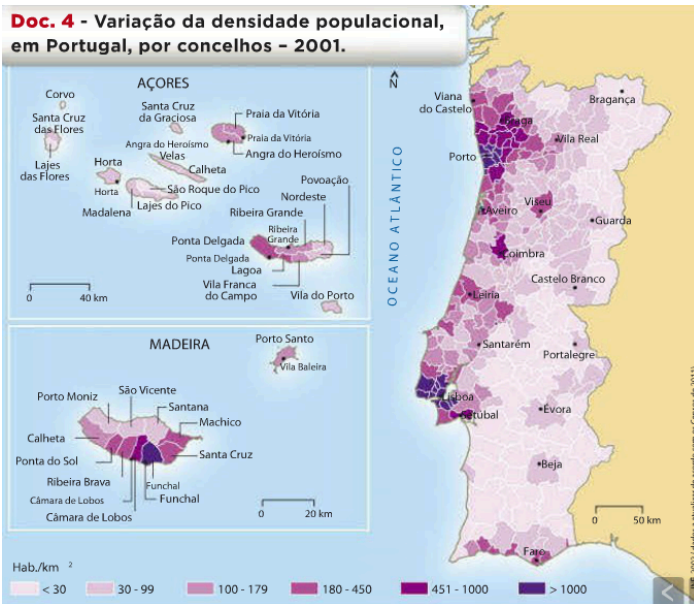


Repartição espacial da população

Doc. 3 - A densidade populacional em Portugal - 2010.



(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser



Diário de Notícias

Pessoas com 85 ou mais anos quadruplicaram em 40 anos

As pessoas com 85 ou mais anos são quase 200 mil em Portugal, quatro vezes mais do que há 40 anos. Mas foi sobretudo a partir da década de 1990 que o peso deste grupo etário aumentou, sendo que tem proporção cada vez maior na população portuguesa.

Diário de Notícias,
16 de fevereiro de 2011.

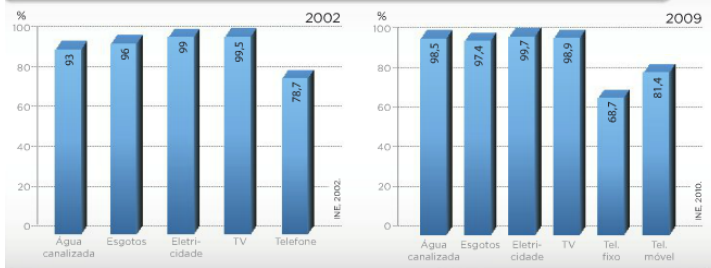
As formas de povoamento



(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser

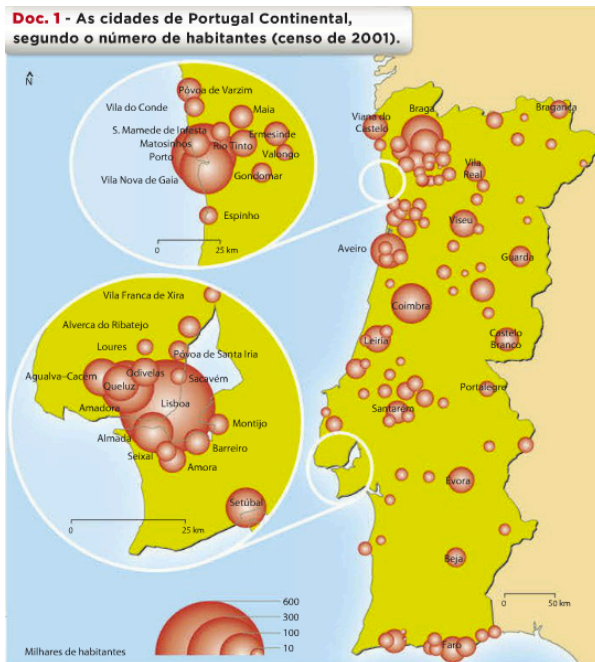
As condições de vida no campo

Doc. 7 - Percentagem de habitações com água canalizada, sistema de esgotos, eletricidade, televisão e telefone, em Portugal (2002 e 2009).



Os centros urbanos

Doc. 1 - As cidades de Portugal Continental, segundo o número de habitantes (censo de 2001).



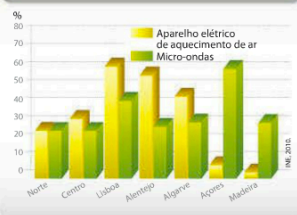
Doc. 3 CONDIÇÕES DE VIDA NOS CENTROS URBANOS

Algumas vantagens	Algumas desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Habitações em grande quantidade e bem equipadas. • Maior oferta de bens de consumo. • Equipamentos coletivos em maior número (escolas, hospitais, parques, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Habitações em prédios de apartamentos com espaço reduzido, falta de privacidade, vizinhos que, muitas vezes, mal se conhecem e rendas caras.

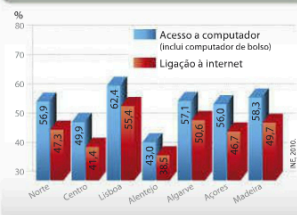
Os problemas da vida quotidiana



Doc. 6 - Agregados familiares com aparelho elétrico de aquecimento do ar e micro-ondas.



Doc. 7 - Agregados familiares com computador e com ligação à internet, por regiões.



Doc. 8 - Automóveis novos, por agregado familiar e região.



(Re)configurar o Processo de Ensino a partir da centralidade do Aprender a Ser